

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

ANE CRISTINA THUROW

**“CORPO É UMA MÁQUINA SOCIAL”:
METÁFORAS CONCEPTUAIS NO DISCURSO DE
UNIVERSITÁRIOS**

**PELOTAS
DEZEMBRO DE 2014**

ANE CRISTINA THUROW

**“CORPO É UMA MÁQUINA SOCIAL”:
METÁFORAS CONCEPTUAIS NO DISCURSO DE
UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Aquisição e variação da linguagem

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Liliane da Silva Prestes Rodrigues

**PELOTAS
DEZEMBRO DE 2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T542c Thurow, Ane Cristina

Corpo é uma máquina social: metáforas conceptuais no discurso de universitários. / Ane Cristina Thurow. – Pelotas: UCPEL, 2014.

108f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2014. Orientadora: Liliane da Silva Prestes Rodrigues.

1. corpo. 2. discurso. 3. metáfora conceptual. 4. obesos/não obesos I. Prestes-Rodrigues, Liliane da Silva, or. II. Título.

CDD 401.41

**“CORPO É UMA MÁQUINA SOCIAL”:
METÁFORAS CONCEPTUAIS NO DISCURSO DE UNIVERSITÁRIOS**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Cíntia Ávila Blank – UFPel

Prof^a. Dr^a. Camila Lawson Scheifer – UCPel

Prof^a. Dr^a. Liliane da Silva Prestes Rodrigues – UCPel – Orientadora

Pelotas, 16 de dezembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa concedida, que me possibilitou a dedicação necessária para o aperfeiçoamento dos conhecimentos.

Aos professores e funcionários do PPGL – UCPel, pela seriedade, competência e acolhida na universidade.

À professora Liliane Prestes Rodrigues, pela dedicação e apoio na orientação, sendo compreensiva e positiva, fazendo-me pensar nos estudos e na vida.

À professora Carmen Matzenauer, pelo exemplo de competência, pela atenção e por guiar meus estudos desde os tempos de graduação.

Ao professor Hilário Bohn, pelas reflexões possibilitadas nas aulas agradáveis e inspiradoras.

À professora Ercília Cazarin, pela confiança, exemplo e oportunidade de início à docência universitária.

À professora Aracy Ernst, pela possibilidade de conversas e reflexões teóricas.

À professora Cíntia Blank e à professora Camila Scheifer, pela dedicação de seu tempo na leitura da dissertação e pelos apontamentos e contribuições dadas ao trabalho.

Aos colegas de Mestrado, pelo companheirismo e encontros de reflexão e estudo.

Ao meu noivo, Jeferson Schneider, pelo companheirismo, incentivo, amor e compreensão nos momentos em que estávamos perto, mas não juntos.

À Carol, pela amizade, carinho e inspiração para a dissertação.

À Cássia, pelas palavras de ajuda, motivação e noites de estudo.

À Sabrina, pela preciosa ajuda, dedicação e tempo disponibilizado.

À minha mãe, pela motivação pelo estudo e exemplo como professora, algo que me inspirou e reconheci desde criança.

Ao meu pai, pela confiança e entendimento de como é importante o saber para mim.

Aos meus avós, Sely e Deny, por me encorajarem a estudar e entenderem minhas escolhas.

Aos meus irmãos, por me mostrarem a alegria da vida.

Ver

*O que nós vemos das coisas são as coisas.
Porque veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Porque é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?*

*O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa.*

*Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.*

Alberto Caeiro

RESUMO

A metáfora perpassa a linguagem: as pessoas compartilham esse conhecimento cognitivo e utilizam-no sem perceber, através de experiências sócio-históricas e culturais. Este trabalho visa a analisar o discurso de universitários obesos e não obesos no que se refere ao compartilhamento de expressões metafóricas e, por consequência, de metáforas conceptuais sobre corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde e cultura, nos discursos que constroem uma rede de significados sobre as questões corporais e identitárias. Os pressupostos teóricos partem da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980/1999), que percebe a cognição atrelada às condições corporais e socioculturais, segundo a qual as metáforas são convencionais, culturais, inconscientes e de acesso automático, refletindo ideologias e modos de ver o mundo. O trabalho apresentará o levantamento das expressões metafóricas presentes nos dados coletados através de entrevistas individuais com universitários obesos e não obesos. A análise versará pela explicação e caracterização das expressões metafóricas, possibilitando revelar as metáforas conceptuais correspondentes, assim como suas marcas identitárias no contexto sócio-histórico e cultural atual. A compreensão dos resultados evidenciará a presença de um discurso dominante sobre corpo e obesidade, com muitas convergências e poucas divergências sobre as relações corpóreas e identificatórias.

Palavras-chave: Corpo; Discurso; Metáfora Conceptual; Obesos/Não obesos.

ABSTRACT

Metaphors go beyond language: people have shared this cognitive knowledge and used it in socio-historical and cultural experiences without even noticing it. This study aims at analyzing the discourse of university obese and non-obese with regard to the sharing of metaphorical expressions, and therefore conceptual metaphors about body, skinny, obese, diet, food, health and culture, in the discourses that construct a network the meanings of the body and identity issues. Theoretical presuppositions are based on the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF and JOHNSON, 1980/1999), which associates cognition with corporal and socio-cultural conditions, which states that metaphors are conventional, cultural, unconscious and the automatic access; thus, they reflect ideologies and ways of seeing the world. This study will show the corpus of metaphorical expressions found in the data collected in individual interviews carried out with obese and non-obese college students. The analysis will focus on the explanation and characterization of metaphorical expressions and will reveal not only their corresponding conceptual metaphors but also their identitarian traces in the current socio-historical and cultural context. The understanding the results will show the presence of a dominant discourse regarding body and obesity, with many convergences and few differences on body and identificatory relations.

Keywords: Body; Discourse; Conceptual Metaphor; Obese/Non-obese.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INO – Informante Não Obeso
INO^a – Informante Não Obesa
IO – Informante Obeso
IO^a – Informante Obesa
LC – Linguística Cognitiva
MC – Metáfora Conceptual
TG – Teoria Gerativa
TMC – Teoria da Metáfora Conceptual

LISTA DE FIGURAS

Figura 1

29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	30
Quadro 2	67
Quadro 3	73
Quadro 4	74
Quadro 5	75
Quadro 6	78
Quadro 7	80
Quadro 8	84
Quadro 9	85
Quadro 10	87

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1. Linguística Cognitiva	20
2.2. Teoria da Metáfora Conceptual	26
2.2.1. Metáfora Conceptual Estrutural	34
2.2.2. Metáfora Conceptual Ontológica	36
2.2.3. Metáfora Conceptual Orientacional	37
2.3. Outras visões de Metáfora na Linguística	39
2.4. Sujeito e Identidade	41
2.5. Saberes sobre o corpo	44
2.5.1. Corpo teorizado	45
2.5.2. Culto ao corpo	49
2.5.3. Saúde do corpo	52
2.5.4. Corpo obeso	55
3. METODOLOGIA	60
3.1. Objetivos e Questões Norteadoras	60
3.2. Sujeitos da pesquisa	61
3.3. Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa, descrição e análise	62
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	65
4.1. Metáforas Conceptuais sobre corpo	65
4.1.1. Metáforas Conceptuais Estruturais sobre corpo	66
4.1.2. Metáfora Conceptual Ontológica sobre corpo	72
4.1.3. Metáfora Conceptual Orientacional sobre corpo	73
4.2. Metáforas Conceptuais sobre magro e obeso	74
4.2.1. Metáforas Conceptuais Estruturais sobre magro e obeso	75
4.2.2. Metáforas Conceptuais Orientacionais sobre magro e obeso	77
4.3. Metáforas Conceptuais sobre dieta e alimentação	79
4.3.1. Metáforas Conceptuais Estruturais sobre dieta e alimentação	80
4.4. Metáforas Conceptuais sobre saúde	83
4.4.1. Metáfora Conceptual Estrutural sobre saúde	84
4.4.2. Metáfora Conceptual Orientacional sobre saúde	85
4.5. Metáfora Conceptual sobre cultura	86

4.5.1. Metáfora Conceptual Estrutural sobre cultura	86
4.6. Sujeitos e Marcas identitárias	88
4.7. Discussões Gerais	90
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
APÊNDICES	
A – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	101
B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	102
C – MODELO DA ENTREVISTA	104
ANEXOS	
A – PARECER SUBSTANCIADO DO CEP	105
B – PARECER SUBSTANCIADO DO CEP	107

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas em Linguística Cognitiva (LC) vêm recebendo, cada vez mais, a atenção de estudiosos que buscam analisar, descrever e explicar a linguagem como parte integrante da cognição. Isso porque a LC assume que fatores situacionais, biológicos, psicológicos, históricos e socioculturais são imprescindíveis e fundacionais na caracterização da estrutura linguística e na construção dos sentidos (SILVA, 2004). Nesta perspectiva, a linguagem precisa ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural, o que proporciona uma diversidade de estudos que podem ser desenvolvidos.

Entre os muitos processos cognitivos envolvidos na linguagem está a metáfora. Muito mais do que uma figura de retórica, como tradicionalmente costuma ser abordada, a metáfora, na concepção da LC, é um processo fundante e fundamental para a compreensão humana sobre a sociedade, sobre o mundo, sobre a vida de um modo geral.

Com isso, a presente pesquisa situa-se no contexto de investigação que entende as metáforas conceptuais como o compartilhamento de conhecimento cognitivo apreendido a partir de experiências sócio-históricas e culturais. Elas são de acesso automático, inconsciente e seu mecanismo envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro, de maneira que não é preciso esforço para compreender e produzir as expressões metafóricas.

A Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980/1999) defende que as metáforas são convencionais, culturais e inconscientes, refletindo ideologias e modos de ver o mundo. As metáforas conceptuais existem na cultura e não há como interagir e entender o mundo sem vivenciá-las. Além disso, elas têm uma intensa relação com a experiência corpórea, com as características, possibilidades e limites do corpo humano e com o conjunto de experiências físicas que este proporciona. Assim, a concepção cognitiva de metáfora tem contribuído tanto para a compreensão do funcionamento dos mecanismos cerebrais quanto para o desvelamento das questões socioculturais envolvidas nesse processo. Pesquisas nessa área têm se debruçado sobre temas diversos, especialmente tendo em vista a dinâmica de mudanças culturais, econômicas, sociais, políticas e tecnológicas da atualidade e a compreensão de que o sujeito se constrói e constitui seu discurso no decorrer dessa dinâmica.

No que se refere à escolha do embasamento teórico, argumenta-se que essa pesquisa, voltada à análise das metáforas presentes no discurso, tem como objeto de estudo as

expressões metafóricas, as quais são utilizadas pelos sujeitos e estão na base da compreensão dos falantes. O modelo teórico da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (1980/1999), dá o suporte necessário para esta pesquisa, por ser uma investigação baseada em evidências empíricas que mostra uma nova forma de compreender tanto o sentido quanto a criação de novas construções.

O objetivo geral da presente pesquisa ancora-se nesta perspectiva teórica, pois consiste em analisar o discurso de universitários obesos e não obesos no que se refere ao compartilhamento de expressões metafóricas, e por consequência de metáforas conceptuais sobre corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde e cultura, nos discursos que constroem uma rede de significados sobre as questões corporais e identitárias.

As questões corporais, principalmente a obesidade, tem sido, cada vez mais, alvo de preocupações da comunidade científica em diversos campos, tais como a Medicina, a Educação Física e a Psicologia. No âmbito da Linguística, estudos sobre o corpo, e consequentemente sobre obesidade, têm sido desenvolvidos especialmente com base na Análise do Discurso. A pesquisadora, também acadêmica do curso de Psicologia, preocupada em desenvolver um estudo sobre a obesidade e que envolvesse os estudos linguísticos, buscou estabelecer um diálogo interdisciplinar entre as questões corporais e identitárias apresentadas na prática cotidiana das pessoas e os discursos produzidos. Nesse contexto, o diferencial da investigação que se propõe no presente trabalho consiste em unir a Teoria Metáfora Conceptual, perspectiva da Linguística Cognitiva, e os estudos identitários sobre o sujeito, que evoca discursos diversos sobre o corpo e a obesidade ao mesmo tempo em que se constitui através deles.

Esse estudo é inovador, considerando-se o número ainda pequeno de pesquisas brasileiras no campo das Metáforas Conceptuais, visto que os estudos são recentes. Existem alguns trabalhos que utilizam a abordagem da Teoria da Metáfora Conceptual, porém sobre o tema corpo e obesidade não se encontra nenhum estudo. Assim, esta pesquisa torna-se relevante para a compreensão da utilização das expressões metafóricas construídas através do discurso sobre corpo e obesidade na perspectiva sócio-histórica-cultural, buscando uma melhor compreensão sobre a(s) visão(ões) apresentada(s) pela sociedade atual.

Além disso, a pesquisa inova também no que se refere à constituição do *corpus*. Até então, a maior parte dos estudos deste tipo está relacionada às construções linguísticas extraídas de *corpora* disponibilizados e construídos a partir de livros, revistas e jornais. A presente pesquisa foi elaborada a partir de dados obtidos em entrevistas estruturadas com sujeitos obesos e não obesos, todos estudantes universitários, de ambos os sexos igualmente

distribuídos. Assim, o ponto de partida para a coleta e posterior análise dos dados é o discurso do falante, no qual ele expressa suas opiniões a respeito de temas como corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde e cultura.

A partir do objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- a) selecionar e categorizar as expressões metafóricas relacionadas aos temas corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde e cultura, presentes no *corpus* de análise;
- b) apresentar as expressões metafóricas encontradas nos discursos de sujeitos obesos e não obesos relacionando-as às metáforas conceptuais;
- c) evidenciar como se dão os mapeamentos de elementos do domínio-fonte para o domínio-alvo nas metáforas conceptuais encontradas;
- d) averiguar, por meio do discurso dos universitários, as marcas identitárias e corpóreas dos sujeitos obesos e não obesos.

Para a constituição desse trabalho, foram formuladas as seguintes questões norteadoras:

- (I) a partir do discurso de universitários obesos e não obesos, encontrar-se-á um compartilhamento de expressões metafóricas e metáforas conceptuais, de forma a identificar um discurso dominante sobre a corporeidade?
- (II) serão encontradas divergências e/ou convergências entre os discursos apresentados pelos sujeitos entrevistados ao analisar a utilização das expressões metafóricas e respectivas metáforas conceptuais?
- (III) será possível, com o estudo das metáforas, evidenciar uma rede de significados oriundos do discurso de obesos e não obesos de modo a encontrar marcas identitárias?

Desta forma, a investigação tentará evidenciar a constituição sócio-histórica e cultural das metáforas através do compartilhamento discursivo das expressões metafóricas que estão atreladas ao pensamento e à ação das pessoas.

A presente pesquisa foi desenvolvida na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul-Brasil, e teve a participação de vinte estudantes universitários do curso de Direito da Universidade Católica de Pelotas, caracterizados como obesos e não obesos, conforme o cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC)¹. Esclarece-se que a metodologia abordará um *corpus* baseado em uso, ou seja, os dados coletados a partir de entrevista estruturada individual com

¹ Esse assunto será desenvolvido na seção 3.2.

questionamentos diversos sobre as questões corporais e socioculturais envolvem situações reais de uso. O trabalho é de abordagem qualitativa, relacionando as compreensões e classificações dos dados coletados para proporcionar uma compreensão aprofundada das análises. O tratamento conferido aos dados consistiu na localização de expressões metafóricas ligadas aos tópicos pré-estabelecidos, bem como na posterior identificação das metáforas conceptuais correspondentes. A análise dos resultados aliou, assim, o aporte teórico fornecido pela Metáfora Conceptual aos estudos identitários.

O trabalho está organizado em quatro capítulos, norteando a composição da escrita. A Fundamentação Teórica, capítulo 2, estrutura-se a partir da Linguística Cognitiva, abordagem esta baseada no uso da linguagem, tratando dos processos cognitivos, do conhecimento apreendido nas relações socioculturais, da categorização e da conceptualização. Na sequência, em 2.2, apresenta-se a Teoria da Metáfora Conceptual, que dá subsídio ao trabalho, abordando a linguagem como essencialmente metafórica relacionada às vivências socioculturais com uma subdivisão das diferentes metáforas conceptuais devidamente exemplificadas. No subcapítulo 2.3, expõem-se concepções de metáfora de outras linhas teóricas. O subcapítulo 2.4, “Sujeito e identidade”, trata da constituição do sujeito pela linguagem e suas marcas identitárias. A finalização faz-se pela seção designada “Saberes sobre o corpo”, com diferentes maneiras de percebê-lo, trazendo uma concepção sócio-histórica e cultural da imagem e do culto ao corpo, além de relatar questões que envolvem o corpo obeso.

A metodologia, segundo capítulo, sustenta-se na Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980/1999). No primeiro momento, explicitam-se os objetivos geral e específicos e as questões norteadoras; seguido do subcapítulo 3.2, sobre os sujeitos da pesquisa; e, finalizando, a partir dos procedimentos metodológicos sobre a composição do *corpus*, a descrição e a análise.

O capítulo seguinte, Descrição e Análise de Dados, demonstra a aplicação da teoria e as formas de apreciação do *corpus*. O primeiro subcapítulo apresenta as metáforas conceptuais sobre o corpo, expondo, ainda, subdivisões compostas a partir das expressões metafóricas, das metáforas conceptuais estruturais, ontológicas e orientacionais. O subcapítulo 4.2, metáforas conceptuais sobre magro e obeso, revelam as projeções dos domínios-fonte para o domínio-alvo por meio das metáforas conceptuais estruturais e orientacionais. As metáforas sobre dieta e alimentação são mostradas no item 4.3, com as categorizações das metáforas conceptuais estruturais e orientacionais. O item 4.4, composto pelas metáforas conceptuais sobre saúde revelam as categorizações de metáfora estrutural e orientacional. O item 4.5 é constituído pelas metáforas conceptuais sobre cultura com a

categorização da metáfora conceptual estrutural, revelando as expressões metafóricas relacionadas ao tema. O subcapítulo, 4.6, trata dos sujeitos e das marcas identitárias por meio das constituições socioculturais reveladas pelos sujeitos por meio das expressões metafóricas. A seção 4.7, com as discussões gerais, apresentará, em linhas gerais, os resultados encontrados a partir da análise dos blocos temáticos corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde, cultura e as marcas identitárias, revelando suas contribuições e respondendo as questões norteadoras desta pesquisa.

Para concluir, nas considerações finais, desenvolvem-se algumas reflexões baseadas nas análises realizadas, considerando os pressupostos da teoria com relação à convencionalidade e apresentação das expressões metafóricas e suas classificações em metáforas conceptuais. A partir disso, concluímos que existe um discurso dominante sobre as questões de corporeidade e obesidade, havendo muitas convergências e poucas divergências nas construções linguísticas dos sujeitos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um dos postulados fundamentais de Saussure (2006, p. 15) é o de que “o ponto de vista cria o objeto”. Em Linguística, toda teoria tem como base uma definição de linguagem e, mais especificamente, delimita, dentro do fenômeno linguístico, quais aspectos serão pesquisados. Essas definições conduzem o pesquisador, através do delineamento de um objeto específico, de um foco de estudo de acordo com a teoria por ele escolhida, sua metodologia e, acima de tudo, os conceitos que possibilitarão a criação de suas hipóteses e análises.

Nessa perspectiva, a fundamentação teórica que se apresenta a seguir estrutura-se da seguinte maneira: primeiramente, na seção 2.1, com o intuito de esclarecer os conceitos fundamentais utilizados por essa pesquisa, traz-se a Linguística Cognitiva, perspectiva baseada nas relações entre a cognição e o uso da linguagem, que a considera como parte do processo cognitivo do sujeito; o conhecimento como apreendido nas relações socioculturais, sendo enciclopédico; e, a categorização como processo mental refletido no discurso, na ação e no pensamento. Na sequência, 2.2, traz-se a concepção da Teoria da Metáfora Conceptual, que dá subsídio ao trabalho, tratando a linguagem como essencialmente metafórica, por ser convencional e estar relacionada ao pensamento e ao raciocínio, vista como uma forma de vivenciar e compreender o mundo. Este subcapítulo apresenta as diferentes maneiras de entender as metáforas conceptuais através de exemplos que refletem a constituição do sujeito a partir de suas experiências corpóreas. No subcapítulo 2.3, mostram-se brevemente outras concepções de metáfora, como a tradicional, a sistemática e a gramatical, abordadas por autores de outras linhas teóricas. Após, caracteriza-se “Sujeito e identidade”, subcapítulo 2.4, que tratará da constituição do sujeito pela linguagem que evidencia suas marcas identitárias. A finalização será feita com o subcapítulo 2.5, intitulado “Saberes sobre o corpo”, que aborda diferentes maneiras de perceber o corpo, trazendo uma concepção sócio-histórica e cultural da imagem e do culto ao corpo, como também relatar questões que envolvem o corpo obeso.

Essa fundamentação teórica permitirá a compreensão da composição do trabalho que retrata as Metáforas Conceptuais baseadas no uso de falantes universitários sobre as questões corporais de sujeitos obesos e não obesos. Além disso, possibilitará uma reflexão sobre as marcas identitárias que consolidam o dizer do sujeito no contexto de uso. Isto propicia uma averiguação dos usos referentes às visões sócio-históricas e culturais presentes no contexto atual de comunicação.

2.1. Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva (LC), área que reúne diversas teorias, tem como base o uso da linguagem no contexto de comunicação. Essas teorias percebem a linguagem como parte integrante da cognição, compartilhando ideias sobre a importância do estudo da linguagem baseada no seu uso com o intuito de esclarecer a relação existente entre o conhecimento de mundo e o uso de determinadas palavras e construções no contexto comunicativo.

A LC surge da insatisfação de alguns pesquisadores em relação a determinados resultados obtidos em estudos no âmbito da Teoria Gerativa (TG), especialmente pelo fato de que deixava em segundo plano questões consideradas muito importantes, tais como o papel da semântica e os usos reais da língua.

Partindo desse contexto, Croft e Cruse (2004), para esclarecer esse distanciamento da TG, relatam três principais hipóteses que orientam a perspectiva da LC: primeira, a “linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma”², visto que não pode ser percebida como inata e separada das habilidades cognitivas não linguísticas; segunda, a “gramática é conceptualização”³, pois não há como avaliar a semântica em termos de verdade e falsidade em um modelo de mundo; e terceira, o “conhecimento da linguagem emerge do uso da língua”⁴, e a atribuição de significados⁵ não pode ser feita apenas pelas formas gramaticais e semânticas (p. 1).

Assim, Croft e Cruse (2004) salientam que, seguindo essa orientação, a LC defenderá que, na primeira hipótese, “a representação do conhecimento linguístico é essencialmente o mesmo de outras estruturas linguísticas”⁶, e que o “conhecimento linguístico – conhecimento do significado e da forma – é basicamente estrutura conceitual”⁷, assim como, as representações sintáticas, morfológicas e fonológicas também são (idem, p. 2). A segunda hipótese aborda os “processos cognitivos que governam o uso da linguagem, em particular a

² language is not an autonomous cognitive faculty

³ grammar is conceptualization

⁴ knowledge of language emerges from language use

⁵ Neste trabalho, a concepção de significado é caracterizada como “significação, sentido, acepção; sentido de qualquer símbolo, frase ou palavra mais ou menos obscura; interpretação” e equivale a concepção de sentido como “ideia, ponto de vista, pensamento; significação de uma palavra ou de um discurso; interpretação que se pode dar a uma proposição; explicação”. Portanto, os vocábulos significado e sentido são apresentados como sinônimos. Definição disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

⁶ [...] representation of linguistics knowledge is essentially the same as the representation of other conceptual structures [...]

⁷ [...] linguistics knowledge – knowledge of meaning and form – is basically conceptual structure.

construção e comunicação do significado de linguagem”⁸, sendo esta “a percepção e produção em tempo real de uma sequência temporal discreta de unidades simbólicas estruturadas”⁹ (p. 2). E, por último, as “categorias e estruturas em semântica, sintaxe, morfologia e fonologia são construídas a partir da cognição dos enunciados específicos em ocasiões específicas de utilização”¹⁰ (p. 2-3). A partir dessa contextualização, tem-se uma primeira distinção entre as abordagens linguísticas, principalmente no que se refere à concepção de linguagem e ao estudo da semântica e sintaxe.

A TG defende a existência de um módulo específico para a linguagem e que é independente de outros módulos cognitivos. A linguagem é percebida como “um produto cultural sujeito a leis e princípios” (CHOMSKY, 1973, p. 18). Assim, o indivíduo que adquiriu o “conhecimento de uma língua interiorizou um sistema de regras que relaciona o som e o significado de modo particular”, e isso determinará o modo como utilizará e entenderá a expressão oral (idem, p. 42). O autor postula que “os princípios da gramática universal oferecem um esquema altamente restritivo a que cada língua humana tem de se conformar”, delimitando o modo de usar a língua, como também definindo as “condições específicas que determinam como a gramática de qualquer língua pode ser usada” (idem, p. 82).

A LC, ao contrário, defende uma perspectiva não modular da linguagem no cérebro, na medida em que princípios cognitivos gerais estão na base e são compartilhados tanto pela linguagem quanto por outros tipos de habilidades. Nessa perspectiva, é por meio da linguagem que se constitui o conhecimento do mundo do falante, sendo ela percebida como meio da relação epistemológica entre sujeito e objeto (SILVA, 2004). Desta forma, argumenta-se que a “cognição humana compreende relativamente certas distinções maiores nos sistemas cognitivos”¹¹, incluindo, assim, “linguagem, percepção, raciocínio, afeto, atenção, memória, estrutura cultural e controle motor”¹² (TALMY, 2000, p. 15-16). Dessa forma, o significado orienta a construção do sentido e, com isso, uma construção cognitiva revela o mundo apreendido e experienciado pelos sujeitos.

Todos os aspectos do pensamento e da linguagem, consciente ou inconsciente, são, portanto, cognitivos. Isso inclui fonologia, gramática, sistemas conceituais, o léxico

⁸ [...] cognitive processes that govern language use, in particular the construction and communication of meaning by language [...]

⁹ [...] the real-time perception and production of a temporal sequence of discrete, structured symbolic units.

¹⁰ categories and structures in semantics, syntax, morphology and phonology are build up from cognition of specific utterances on specific occasions of use.

¹¹ [...] human cognition comprehends certain relatively distinct major cognitive systems.

¹² [...] language, perception, reasoning, affect, attention, memory, cultural structure, and motor control.

mental, e todas as inferências inconscientes, de qualquer tipo.¹³ (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 10)

Para a LC, a linguagem é um sistema adaptativo complexo (CAS)¹⁴, distinguindo-se do sistema estático de princípios gramaticais característicos da abordagem gerativista. Deste modo, a linguagem como um CAS de uso dinâmico e experiencial abrange muitas características relacionadas ao comportamento e adaptação do falante ao contexto de uso da língua. E por isso, ela é utilizada para a interação social humana, sendo dependente das experiências sociais das pessoas e, também, é moldada por habilidades cognitivas humanas como a categorização, o processamento sequencial e o planejamento (BECKNER et al., 2009).

Assim, parte-se do princípio de que as estruturas linguísticas não são rígidas, e sim maleáveis, sendo moldadas de acordo com as necessidades de comunicação. A gramática é vista como um conjunto de princípios gerais e processuais, que opera sobre bases de conhecimentos, desfazendo a visão de que é um conjunto de regras que opera sobre categorias de palavras ou de sentenças. Com a preocupação do estudo da linguagem baseado no uso, essa perspectiva assume que fatores situacionais, biológicos, psicológicos, históricos e socioculturais são imprescindíveis e fundacionais na caracterização da estrutura linguística (SILVA, 2004).

Neste contexto, a língua passa a ser entendida como um instrumento empregado para expressar pensamentos e interagir em sociedade. A ideia fundamental da teoria é a de que:

[...] a linguagem é parte integrante da cognição (e não um módulo separado) e se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, do processamento mental, da interação e da experiência social e cultural. (SILVA, 2004, p. 2)

Langacker (1987) propõe que a linguagem e a cultura são “facetadas imbricadas” da cognição. Isso porque, sem a linguagem, certo nível de conhecimento/desenvolvimento cultural não poderia ocorrer e, ao contrário, um alto nível de desenvolvimento linguístico só poderia ser obtido através da interação sociocultural.

Desta forma, a LC prioriza alguns aspectos ao considerar a linguagem, dentre eles estão: (1) a linguagem é conhecimento, pois o significado da forma linguística é enciclopédico, de maneira que organiza o conhecimento de mundo, relacionando as unidades

¹³ All aspects of thought and language, conscious or unconscious, are thus cognitive. This includes phonology, grammar, conceptual systems, the mental lexicon, and all unconscious inferences of any sort.

¹⁴ A sigla CAS (Complex Adaptive System) foi mantida, sem que fosse feita sua adaptação para o português.

lexicais, na perspectiva da sociedade e da cultura da qual os falantes participam; (2) as pesquisas em LC são experientialistas, por tratarem de contextos de produção reais, percebendo a língua corporificada e atrelada ao sujeito que a utiliza para fins comunicativos e interacionais, e por isso, não se pode desvincular; e por fim, (3) a categorização do conhecimento é efetuada pela linguagem e reflete as experiências compartilhadas pelos indivíduos, em diferentes projeções e figurações da realidade vivenciada, das mais concretas às mais abstratas, o que permite que as construções linguísticas sejam interpretáveis e a comunicação funcione (SILVA, 2004).

Neste sentido, as pesquisas em LC consideram a linguagem como instrumento cognitivo, sendo que as formas da língua acionam um conjunto de processos gerais (utilizados em todos os aspectos da vida) que operam sobre as bases de conhecimentos contidos na memória ou presentes no contexto da situação comunicativa. Desta forma, as investigações em LC buscam produzir evidências convergentes sobre o papel da cognição na organização das línguas naturais, apresentando a dinâmica das relações entre linguagem e cognição, entre sociedades e culturas e entre o sujeito e a linguagem, compartilhando a ideia da experiência de interagir e se comunicar com os outros (CROFT e CRUSE, 2004).

A linguagem, por ser dinâmica, torna-se um repositório de conhecimentos de mundo, experiências estas que moldam e organizam o significado das palavras e das construções utilizadas em diferentes contextos. Cabe salientar que a linguagem está culturalmente situada e relacionada a artefatos simbólicos e não simbólicos utilizados pelos seres humanos no decorrer de sua evolução. Com isso, depreende-se que as culturas humanas são linguísticas, porque sua aquisição e sua transmissão são mediadas pela capacidade de linguagem dos humanos (SINHA, 2005).

Por ser um instrumento cognitivo de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmática, a linguagem está ancorada na experiência física e cultural. A LC percebe o significado como uma construção mental, que está em constante movimento de categorização e recategorização do mundo. Isto acontece por meio da interação das estruturas cognitivas e dos modelos compartilhados de crenças socioculturais. A categorização é um processo inerente ao ser humano e uma das capacidades cognitivas fundamentais, visto que permite a classificação, identificação e a organização de todo tipo de conhecimento, inclusive o de natureza linguística (SILVA, 1997).

Assim, fica evidente a necessidade de se categorizar o mundo em que se vive para poder compreendê-lo. Isto possibilita que o ser humano organize o mundo através da criação de critérios que possibilitam selecionar palavras e relacioná-las a um determinado conjunto de

sentidos. Segundo Lakoff (1987, p. 5), “não há nada mais básico do que a categorização para o nosso pensamento, percepção, ação e discurso”¹⁵. A maioria das categorizações é automática e inconsciente, compondo uma das condições de possibilidade da linguagem. “Uma vez que entendemos o mundo não só em termos de coisas individuais, mas também em termos de categorias de coisas, tendemos a atribuir uma existência real a estas categorias”¹⁶ (LAKOFF, 1987, p.7).

A categorização linguística processa-se na base de protótipos (exemplares típicos, mais representativos) e as categorias linguísticas organizam-se em torno de estruturas prototípicas. Deste modo, a categorização depende de propriedades compartilhadas pela maioria dos representantes de um grupo, compartilhando apenas alguns traços em comum com membros periféricos. A teoria do protótipo, modelo de categorização, tem sua origem na investigação de Rosch (1973, 1978) e seus discípulos sobre a categorização das cores, das aves e de outras classes de entidades (SILVA, 1997).

A categorização é o processo mental por excelência, visto que sua base é semântica e deste modo, as palavras e expressões utilizadas por um sujeito são unidas por algum critério de significado. Essa classificação permite que se possam usar as palavras que se conhece, de forma que outras pessoas compreendam o que está sendo dito. Para Langacker (1991, p. 60), a “categorização é, então, uma questão de julgamento humano, e nem todos os atributos precisam ser compartilhados pelos membros da classe”¹⁷.

Por isso, no uso das palavras, os significados são orientados pela construção cognitiva aprendida e pelo compartilhamento de crenças socioculturais, o que sugere uma visão enciclopédica do significado linguístico, não podendo ser independente do contexto. Desta forma, para a teoria apresentada, a dicotomia entre semântica e pragmática é vista como inadequada, visto que não se pode separar conhecimento linguístico de conhecimento de mundo (LANGACKER, 1987).

As estratégias de categorização estão relacionadas à capacidade de memória de cada indivíduo, sendo a forma de processamento e armazenamento de informações. Além disso, aborda-se a categorização de objetos e seus diferentes níveis, como também os protótipos e os efeitos de protótipos dependendo da similaridade dos representantes de um grupo de acordo com os traços em comum dos membros. Também, trata-se do contexto linguístico e social que

¹⁵ There is nothing more basic than categorization to our thought, perception, action, and speech.

¹⁶ Since we understand the world not only in terms of individual things but also in terms of categories of things, we tend to attribute a real existence to those categories.

¹⁷ Categorization is then a matter of human judgment, and no attributes need be shared by all class members.

são registros compartilhados pelas experiências cognitivas de indivíduos imersos nos modelos culturais em relações sociais estabelecidas.

A fim de compreender o mundo e em função dele, temos de categorizar, de forma que faça sentido para nós, as coisas e as experiências com que nos deparamos. Algumas das nossas categorias emergem diretamente da nossa experiência, dada a forma como nossos corpos e a natureza de nossas interações com outras pessoas e com nosso ambiente físico e social.¹⁸ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 162)

As análises têm bases empíricas, partindo da interpretação das construções linguísticas que armazenam os conhecimentos das experiências físicas, sociais, psicológicas, históricas e culturais, coletivas ou individuais, nelas fixadas, atreladas por meio de diferentes processos nas construções e produções linguísticas. Os trabalhos cognitivistas baseiam-se na observação das experiências reais de uso da língua, em contextos de interação socialmente estabelecidos, por falantes-ouvintes reais, em interações social e culturalmente validadas, sujeitos a regras sociais, a protocolos culturais, a características grupais que os diferenciam ou os aproximam uns dos outros (LANGACKER, 1991).

Desta forma, enfatiza-se a experiência humana, a cognição e a realidade como ancoragem corporal, fazendo com que a linguagem reflita uma realidade projetada do ser humano. Por isso, busca-se integrar diferentes áreas, buscando generalizações e estratégias de categorização que fundamentem e possibilitem uma interdisciplinaridade (SILVA, 2004). As práticas comunicativas são experiências sociais que os falantes vão adquirindo ao longo da vida. Os conhecimentos que organizam as construções linguísticas são adquiridos a partir de experiências vivenciadas pelos indivíduos em suas práticas sociais, desde os primeiros meses de vida. Estes conhecimentos são armazenados na memória e pertencem ao domínio cognitivo, que estrutura, hierarquiza e relaciona esses saberes. A memória não é rígida, mas sim estável, pois modifica experiências vividas, as transforma e arquiva, compondo significados linguísticos distintos. Desse modo, os conhecimentos vão sendo armazenados na memória, configurando-se aos eventos nos quais se atualizam, formando estruturas de conhecimentos complexos (EVANS; GREEN, 2006).

A perspectiva da LC atribui grande importância aos processos de metáfora e metonímia. Ela abrange várias teorias, dentre elas, a Teoria da Metáfora Conceptual. É esta que dá ao trabalho ora proposto os subsídios necessários, visto que trata as experiências

¹⁸ In order to understand the world and function in it, we have to categorize, in ways that make sense to us, the things and experiences that we encounter. Some of our categories emerge directly from our experience, given the way our bodies are and the nature of our interactions with other people and with our physical and social environments.

culturais e sociais do falante no momento da interação. Esse falante é analisado em uso real, o que permite perceber o sentido que está atrelado ao discurso desse sujeito, que utiliza diferentes construções linguísticas formando suas redes de significado. A LC demonstra a importância da cognição, da categorização e da conceptualização da linguagem, fazendo com que as vivências sociais façam sentido, algo também necessário na constituição e utilização das metáforas conceptuais. Por isso, os conceitos apresentados pela LC, neste subcapítulo, dão a base para a concepção da metáfora, apresentada a seguir.

2.2. Teoria da Metáfora Conceptual

No decorrer do tempo, o estudo da metáfora vem sendo ampliado e aprofundado. Ela era vista como figura de linguagem, ligada, portanto, à estilística e à linguagem literária, e posteriormente passou a ser foco de interesse de pesquisa de diferentes áreas. A LC aborda a metáfora como um processo cognitivo fundamental não só no uso da linguagem, mas na compreensão e apreensão do mundo, como uma maneira de conceptualizar as experiências cotidianas, dando importância aos processos metafóricos. Assim, “a maior parte de nossas evidências provém da linguagem – dos significados das palavras e frases, e da forma em que os humanos dão sentido as suas experiências”¹⁹ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 115).

A teoria sobre o pensamento metafórico teve como marco inicial o livro *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson (1980). Os autores tratam as metáforas como um recurso que está atrelado ao pensamento e à ação, de maneira que o sistema conceptual é fundamentalmente metafórico (LAKOFF, 1993). Deste modo, os autores expõem:

Nosso sistema conceptual desempenha, assim, um papel central na definição das nossas realidades cotidianas. Se estivermos certos em sugerir que nosso sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que nós experimentamos, e o que fazemos todos os dias é muito mais uma questão de metáfora.²⁰ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 3)

Essa visão de metáfora concebe-a como uma forma esquemática resultante de uma comparação não explícita entre categorias (EVANS e GREEN, 2006). A categorização é “primeiramente um meio de compreender o mundo, e, como tal, deve servir a esse propósito

¹⁹ Most of our evidence has come from language—from the meanings of words and phrases and from the way humans make sense of their experiences.

²⁰ Our conceptual system thus plays a central role in defining our everyday realities. If we are right in suggesting that our conceptual system is largely metaphorical, then the way we think, what we experience, and what we do every day is very much a matter of metaphor.

de uma maneira suficientemente flexível”²¹ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 122). Desta forma, as metáforas servem para diferentes objetivos, sendo abertas e uma delas, designada domínio-fonte (ou domínio-origem), fornecerá elementos, características, atributos para a compreensão do domínio-alvo, mais abstrato. Segundo Lakoff e Johnson (1980, p. 124), “definições metafóricas podem nos permitir captar coisas e experiências que já temos categorizado, ou podem conduzir a uma recategorização”²².

As metáforas existem na cultura²³ e não há como interagir e entender o mundo sem vivenciá-las. Uma metáfora conceptual (MC) é uma maneira convencional de conceptualizar um domínio de experiência em termos de outro, ou seja, é uma forma de estabelecer uma definição para algo e isso ocorre normalmente de modo inconsciente. Isso porque há “um conjunto de correspondências sistemáticas, ou mapeamentos, entre os dois domínios”²⁴ (KÖVECSES, 2010, p. 324). Na medida em que elas são culturais, refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um determinado grupo de pessoas em uma cultura (SARDINHA, 2007).

Os indivíduos, como os grupos, variam em suas prioridades e em suas maneiras de definir o que é bom e virtuoso para eles. Neste sentido, existem subgrupos de somente um indivíduo. Em relação com o que é importante para eles, seus sistemas de valores individuais são coerentes com as metáforas orientacionais principais da corrente cultural em que se inscrevem.²⁵ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 25)

Destarte, as “metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente porque existem metáforas no sistema conceptual de uma pessoa”²⁶ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 6). Elas são consideradas produtivas quando os falantes criam um amplo conjunto de expressões que as realizam. Com isso, elas são de acesso automático e seu mecanismo envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro, de maneira que não é preciso esforço para compreender e produzir as expressões metafóricas. Isso se

²¹ [...] primarily a means of comprehending the world, and as such it must serve that purpose in a sufficiently flexible way.

²² Metaphorical definitions can give us a handle on things and experiences we have already categorized, or they may lead to a recategorization.

²³ Nesse trabalho, far-se-á referência apenas as metáforas constituídas e utilizadas na cultura ocidental.

²⁴ [...] a set of systematic correspondences, or mappings, between the two domains.

²⁵ Individuals, like groups, vary in their priorities and in the ways they define what is good or virtuous to them. In this sense, they are subgroups of one. Relative to what is important for them, their individual value systems are coherent with the major orientational metaphors of the main-stream culture.

²⁶ Metaphors as linguistic expressions are possible precisely because there are metaphors in a person's conceptual system.

deve ao fato de que os “conceitos abstratos são em grande parte metafóricos”²⁷ (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 3).

Assim, faz-se um breve esclarecimento da importância da metáfora conceptual nas construções dos significados linguísticos, visto que a literalidade da linguagem impossibilita que certas relações sejam feitas. Para a compreensão das metáforas, Glucksberg (2008) propôs as seguintes generalizações: (1) não há prioridade incondicional para o significado literal, visto que não há maior facilidade de calculá-lo do que o significado não literal, assim, a “compreensão de metáfora não é opcional”²⁸, “é obrigatória, ou seja, automática”²⁹, pois “os potenciais significados metafóricos não podem ser ignorados”³⁰ (p. 68); (2) as metáforas dificilmente são entendidas por meio da comparação, pois “elas são geralmente entendidas exatamente como aparecem, como afirmações de classe de inclusão”³¹ (p. 68); (3) as metáforas e as comparações “não são intercambiáveis”³², visto que “expressam diferentes significados, às vezes, significativamente”³³ e suas diferenças “são sistemáticas podendo ser explicadas por princípios, de maneira teoricamente coerente”³⁴ (p. 69). Estas considerações permitem que se faça uma distinção entre os discursos que trazem uma linguagem literal e os que remetem a não literalidade, e por fim, constituem as metáforas conceptuais.

Os estudiosos da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) notaram, conforme já referido, que as metáforas estabelecem mapeamentos entre domínio-fonte e domínio-alvo em um sistema conceptual (LAKOFF, 1993; KÖVECSES, 2010), o que expressa que uma das propriedades do processo é a unidirecionalidade³⁵. As metáforas são consideradas como relações estáveis e sistemáticas entre dois domínios, como se pode observar na Figura 1. De tal modo que

Há um padrão de unidireccionalidade da metáfora conceptual que vai do concreto ao abstrato: o domínio-origem é concreto e pode ser experienciado ou percebido “diretamente”, ao passo que o domínio-alvo é mais abstracto e diz respeito a experiências subjectivas. (SILVA, 2006, p. 131)

²⁷ Abstract concepts are largely metaphorical.

²⁸ [...] metaphor comprehensions is not optional.

²⁹ [...] is mandatory, that is, automatic.

³⁰ [...] potential metaphorical meanings cannot be ignored.

³¹ [...] they are usually understood exactly as they appear, as class-inclusion assertions.

³² [...] are not interchangeable.

³³ [...] express different, sometimes significantly so.

³⁴ [...] are systematic and can be accounted for in a principled, theoretically coherent way.

³⁵ Autores como Cameron e Deignan (2006), entretanto, salientam que a metáfora não se caracteriza pela unidirecionalidade, mas por uma via de mão dupla em um sistema dinâmico. Esse tipo de abordagem não faz parte da construção teórica que sustenta a presente pesquisa.

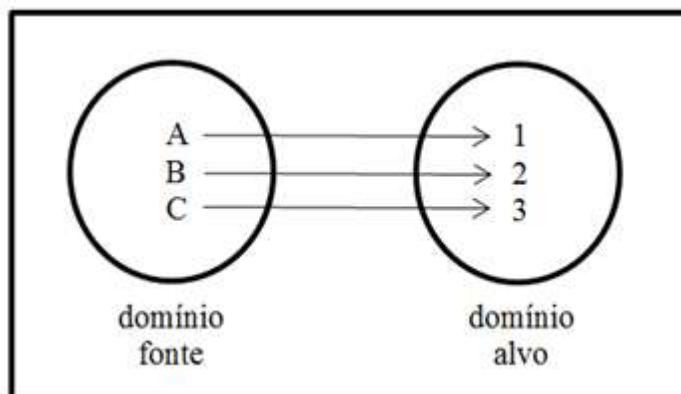


Figura 1 – Domínios na Metáfora Conceptual

A correspondência estabelecida é de domínio-fonte para domínio-alvo e não o contrário, visto que o primeiro é estruturalmente mais concreto, e o segundo, comporta novos sentidos, sendo mais abstrato. Com isso, Kövecses (2010, p. 18-22) atribui alguns domínios-fonte como mais comuns, entre eles: CORPO HUMANO (coração do problema), SAÚDE E DOENÇA (sociedade saudável), ANIMAL (mulher cobra), PLANTA (um edifício da beleza), EDIFÍCIOS e CONSTRUÇÕES (construir um argumento coerente), MÁQUINAS e FERRAMENTAS (a máquina da democracia), JOGOS e ESPORTES (brincar com a ideia), DINHEIRO e NEGÓCIOS (gastar o tempo com sabedoria), COMIDA (cozinhar uma história), CALOR e FRIO (uma fria recepção), LUZ e ESCURIDÃO (um humor negro), FORÇA (tirar-me do chão) e MOVIMENTO e DIREÇÃO (ficar louco).

O autor também apresenta os tipos de domínios-alvo mais comuns, como EMOÇÃO (ficar comovido), DESEJO (fome de conhecimento), MORALIDADE (resistir à tentação), PENSAMENTO (procurar na memória), SOCIEDADE/NAÇÃO (uma nação amiga), POLÍTICA (jogar duro), ECONOMIA (podar o orçamento), RELAÇÕES HUMANAS (ter um casamento sólido), COMUNICAÇÃO (dar muita informação), TEMPO (o tempo voa), VIDA e MORTE (o bebê chegará em breve), RELIGIÃO (filhos de Deus) e EVENTOS e AÇÕES (ficar louco) (KÖVECSES, 2010, p. 23-27).

Com esse detalhamento, fica mais clara a construção das metáforas conceptuais que possibilitam uma “compreensão’ para caracterizar a relação entre dois conceitos (A e B) no processo metafórico”³⁶ (idem, p. 7). Isto porque existe um “conjunto de correspondências sistemáticas entre a fonte e o alvo no sentido de que os elementos constitutivos dos elementos

³⁶ “to understand” to characterize the relationship between two concepts (A and B) in the metaphorical process.

conceptuais B correspondem a elementos constitutivos de A”³⁷ (idem, p. 7). Nesse sentido, é possível fazer mapeamentos entre os dois domínios, que “podem ser determinados por meio da fórmula A é B ou A como B, onde A e B indicam diferentes domínios conceptuais.”³⁸ (p. 324).

A MC envolve tanto questões da linguagem como do pensamento e raciocínio que se constroem na interação social. Um dos exemplos mais conhecidos e citados refere-se à metáfora AMOR É VIAGEM³⁹, que esquematicamente estabelece projeções entre o domínio-fonte VIAGEM e o domínio-alvo AMOR. Essa construção metafórica, por sua vez, herda “a estrutura da projecção mais esquemática VIDA É VIAGEM, cujas correspondências ontológicas incluem pessoa é viajante, nascimento é ponto de partida” (SILVA, 2006. p. 127), etc. Deste modo, elementos cognitivos e socioculturais são integrados, mostrando a noção cultural de fases diferentes da vida e a noção de transição temporal como transição espacial. E assim, as projeções de experiências culturais possibilitam o uso do conhecimento sobre viagem aos relacionamentos amorosos e até mesmo à vida. Para compreender melhor essa relação entre os domínios fonte e alvo da metáfora citada, observe o Quadro 1 (KÖVECSES, 2010, p. 9).

Fonte: Viagem	Alvo: Amor
os viajantes	→ os amantes
o veículo	→ a própria relação de amor
a viagem	→ eventos no relacionamento
a distância percorrida	→ os progressos realizados
os obstáculos encontrados	→ as dificuldades experimentadas
decisões sobre qual caminho percorrer	→ escolhas sobre o que fazer
o destino da viagem	→ a(s) meta(s) do relacionamento

Quadro 1 – Domínios fonte e alvo da Metáfora Conceptual AMOR É VIAGEM

A partir de experiências compartilhadas, as pessoas podem interpretar algumas expressões como “estamos numa encruzilhada” e “temos que tomar caminhos separados”, de maneira a relacioná-las à metáfora AMOR É VIAGEM. E com isso, as projeções das

³⁷ [...] set of systematic correspondences between the source and the target in the sense that constituent conceptual elements of B correspond to constituent elements of A.

³⁸ [...] can be given by means of the formula A is B or A as B, where A and B indicate different conceptual domains.

³⁹ Estudos anteriores têm convencionado apresentar as metáforas conceptuais grafadas em letras maiúsculas.

vivências geram correspondências por meio de padrões inferenciais relacionados aos contextos comunicativos e socioculturais. Além de ancorada a esses fatores, a metáfora conceptual tem uma forte relação com a experiência corpórea, com as características do corpo humano e o conjunto de experiências físicas que este proporciona. De acordo com Silva (2006, p. 133), “o próprio corpo humano é um centro de expansão metafórica bastante produtivo: são vários os termos de partes do corpo humano que desenvolveram sentidos metafóricos (mais ou menos) lexicalizados”.

Nessa conjuntura, o corpo exerce um papel decisivo na criação do significado e da compreensão, visto que a interação do sujeito com ambiente físico e cultural define o que é significativo para ele e, conseqüentemente, determina a maneira de compreender. Assim, a metáfora não se caracteriza pela arbitrariedade (SILVA, 2006; YU, 2008), mas pela relação com o corpo (universal), a sociedade e a cultura (específicos), de maneira que o corpo e a cultura interagem para que as metáforas apareçam.

Enquanto o corpo é uma fonte potencialmente universal para metáforas emergentes, a cultura funciona como um filtro que seleciona experiências sensorio-motoras e as conecta com as experiências subjetivas e julgamentos para mapeamentos metafóricos. Ou seja, as metáforas são baseadas em experiência corporal, mas em forma de compreensão cultural. Dito de outro modo, as metáforas são incorporadas em seu ambiente cultural.⁴⁰ (YU, 2008, p. 247)

Desta forma, ao fazer o mapeamento desses conceitos, o corpo pertencerá ao domínio-fonte, e a cultura, ao domínio-alvo. Isto porque o domínio-fonte está ligado às constituições mais concretas, e o domínio-alvo, às mais abstratas. Relacionado a isso, ressalta-se que os seres humanos, mesmo com suas particularidades raciais ou étnicas, possuem experiências corporais comuns, tendo uma estrutura básica de corpo, que os caracteriza como ser humano (YU, 2008). Portanto, a TMC percebe a mente como corporificada.

Os autores Lakoff e Johnson (1980) expõem que o acesso aos conhecimentos de mundo acontece por meio do corpo e das experiências com o ambiente e com outras pessoas. E ainda, salientam que a maior parte de raciocínio das pessoas “é baseada em vários tipos de protótipos, enquadramentos e metáforas”⁴¹, o que é visto como econômico e útil (idem, 1999, p. 4).

⁴⁰ While the body is a potentially universal source for emerging metaphors, culture functions as a filter that selects of sensorimotor experiences and connects them with subjective experiences and judgments for metaphorical mappings. That is, metaphors are grounded in bodily experience but shaped by cultural understanding. Put differently, metaphors are embodied in their cultural environment.

⁴¹ [...] is based on various kinds of prototypes, framings, and metaphors.

A explicação dos processos metafóricos na TMC é expandida na obra *Philosophy in the flesh*, de Lakoff e Johnson (1999). Ao tratar das questões filosóficas, os autores defendem que a possibilidade da visão filosófica está na sua principal ferramenta, que é o pensamento metafórico. Isso porque “usamos uma razão moldada pelo corpo, um inconsciente cognitivo a que não temos acesso direto e um pensamento metafórico de que é em grande parte inconsciente”⁴² (p. 4). Dessa forma, as experiências das pessoas permitem que as expressões linguísticas recebam significação, porque a mente não está isolada das experiências corporais na compreensão do mundo.

As formas de compreensão e utilização das metáforas estão ligadas à moralidade, à ética e à empatia, isto porque “praticamente todos os nossos conceitos morais abstratos são estruturados metaforicamente”⁴³ (idem, p. 290). Estas têm relação com os modelos familiares que organizam as metáforas culturalmente partilhadas de diferentes maneiras, dando prioridade a certas metáforas e ocultando outras. Segundo dados empíricos dos autores, “porque nossos conceitos morais metafóricos são baseados em aspectos básicos de moralidade experiencial, eles tendem a se estabilizar entre culturas e ao longo de grandes períodos de tempo”⁴⁴ (idem, p. 304). De tal forma que

Pressupostos culturais, valores e atitudes não são uma sobreposição conceptual que pode ou ser não colocada em cima da experiência como nós escolhemos. Seria mais correto dizer que toda experiência é cultural por completo, que experimentamos nosso “mundo” de tal forma que a nossa cultura já está presente muito na própria experiência.⁴⁵ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 57)

A partir dessas revelações, Yu (2008) expõe a nova versão da TMC, que revela a decomposição da metáfora conceptual em: primária e complexa, por meio da indagação sobre se as metáforas conceptuais originadas da interação entre corpo e cultura são universais ou específicas da cultura. Essa nova versão aborda as metáforas primárias como derivadas “diretamente de nossa experiência corporal comum e, portanto, são mais propensas a serem universais”⁴⁶, e as metáforas complexas como sendo “combinações de metáforas primárias e

⁴² [...] we use a reason shaped by the body, a cognitive unconscious to which we have no direct access, and metaphorical thought of which we are largely unaware.

⁴³ Virtually all of our abstract moral concepts are structured metaphorically.

⁴⁴ Because our metaphorical moral concepts are grounded in aspects of basic experiential morality, they tend to be stable across cultures and over large stretches of time.

⁴⁵ Cultural assumptions, values, and attitudes are not a conceptual overlay which we may or may not place upon experience as we choose. It would be more correct to say that all experience is cultural through and through, that we experience our "world" in such a way that our culture is already present in the very experience itself.

⁴⁶ [...] directly from our common bodily experience and therefore are more likely to be universal [...]

crenças culturais e suposições e, por essa razão, tendem a ser específicas da cultura”⁴⁷ (idem, p. 248). Desta forma, entende-se que

Metáforas primárias são parte do inconsciente cognitivo. Nós as adquirimos automaticamente e inconscientemente através do processo normal de aprendizagem neural e podemos não estar cientes de que as temos. Nós não temos escolha nesse processo. Quando as experiências personificadas no mundo são universais, então as metáforas primárias correspondentes são universalmente adquiridas. Isso explica a ocorrência generalizada em todo o mundo de um grande número de metáforas primárias.⁴⁸ (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 58)

Por isso, tem-se um grande sistema de metáforas primárias todos os dias desde os primeiros anos. No entanto, nem todas as metáforas conceituais se manifestam a partir de palavras em um idioma, “algumas são manifestadas na gramática, outras em gesto, arte ou ritual. Essas metáforas não linguísticas podem, contudo, ser secundariamente expressas através da linguagem e outros meios simbólicos”⁴⁹ (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 58).

Os estudos mostram que existem diferentes tipos de metáforas, sendo as de personificação e primárias expostas primeiramente, nesse trabalho. As metáforas de personificação mostram uma entidade atrelada a uma pessoa, ou seja, através dela são atribuídas características essencialmente humanas a seres não humanos. É o caso da metáfora conceptual UMA TEORIA É UMA PESSOA, que tem como exemplo de expressão metafórica “os fatos revelam que...”. Essa metáfora será explicada mais claramente no item 2.2.2. As mais básicas, porém, são as primárias, que são motivadas por aspectos físicos do corpo humano e bastante comuns em muitas culturas, como exemplo tem-se AFEIÇÃO É CALOR. Para esse tipo, é comum o uso da expressão “pessoa fria” (SARDINHA, 2007).

Segundo Sardinha (2007, p. 34), “o corpo humano é a origem de muitas metáforas conceptuais”. Desta forma, uma experiência humana física, tal como demonstrar o afeto e carinho a alguém, está ligada à metáfora conceptual primária AFEIÇÃO É CALOR, porque é correlacionada à experiência sensorial de calor (corpo quente) do indivíduo que, ao se aproximar de uma pessoa, transmite e sente calor. Essas associações de afeto com calor são mapeamentos da metáfora conceptual que levarão a criança, posteriormente, a falar de um

⁴⁷ [...] are combinations of primary metaphors and cultural beliefs and assumptions and, for that reason, tend to be culture-specific.

⁴⁸ Primary metaphors are part of the cognitive unconscious. We acquire them automatically and unconsciously via the normal process of neural learning and may be unaware that we have them. We have no choice in this process. When the embodied experiences in the world are universal, then the corresponding primary metaphors are universally acquired. This explains the widespread occurrence around the world of a great many primary metaphors.

⁴⁹ Some are manifested in grammar, others in gesture, art, or ritual. These nonlinguistic metaphors may, however, be secondarily expressed through language and other symbolic means.

“amigo próximo” (LAKOFF e JOHNSON, 1999). Com isso, “as metáforas conceituais são, em maior ou menor grau, corporificadas, ou seja, possuem uma base no corpo humano” (SARDINHA, 2007, p.34).

Segundo Kövecses (2010), existem diferentes maneiras para classificar as metáforas. O modo é algo especialmente relevante para a visão da LC e deve estar “de acordo com a convencionalidade, função, natureza e nível de generalização”⁵⁰ (p. 33). O falante, naturalmente e sem esforço, utiliza as metáforas e suas expressões metafóricas para diferentes propósitos diários, sendo que algumas ficam desgastadas ou tornam-se clichês. Por isso,

[...] o termo “convencional” é usado aqui no sentido de bem estabelecido e bem enraizado. Assim, podemos dizer que a metáfora é altamente convencional ou convencionalizada (isto é, bem estabelecida e profundamente enraizada) no uso de uma comunidade linguística.⁵¹ (Kövecses, 2010, p. 34)

Lakoff e Johnson (1980), tomando como critério a função cognitiva, apontam para os três grandes tipos de metáforas conceituais: estruturais, ontológicas e orientacionais. Estas serão tratadas nos subcapítulos que seguem, pois são de extrema importância para a análise dos resultados.

2.2.1. Metáfora Conceptual Estrutural

As metáforas estruturais ocorrem quando “um conceito está estruturado metaforicamente em termos de outro” (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 15). Também, pode-se dizer que elas acontecem quando o domínio-fonte fornece uma estrutura de comportamento relativamente rica para o domínio-alvo, permitindo que os falantes, via mapeamentos, compreendam este a partir dos elementos fornecidos por aquele. É o caso da metáfora conceptual AMOR É VIAGEM, citada anteriormente, e suas respectivas expressões metafóricas.

Ainda, Lakoff e Johnson (1980) citam a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, que é empiricamente demonstrada através de várias ocorrências encontradas na língua portuguesa. O ato de argumentar é evidenciado como guerra, visto que, em uma discussão, posições de

⁵⁰ [...] according to the conventionality, function, nature, and level of generality of metaphor.

⁵¹ [...] the term “conventional” is used here in the sense of well established and well entrenched. thus, we can say that a metaphor is highly conventional or conventionalized (i.e., well established and deeply entrenched) in the usage of a linguistic community.

ataque e defesa, planejamento e estratégias podem ser utilizados para convencer o outro/adversário de algo. Assim, “a metáfora não está meramente nas palavras que usamos – está em nosso conceito mesmo de discussão”⁵² (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 6). Essas posições podem ser percebidas na cultura e na estrutura das ações que se realiza ao discutir, como se percebe nas seguintes expressões metafóricas⁵³: “Suas reivindicações são indefensáveis./Eu nunca ganhei uma discussão com ele.”. Ainda, percebe-se que existem certas expressões do vocabulário de guerra que constituem uma maneira sistemática de falar como “atacar uma posição, indefensável, estratégia, nova linha de ataque, vencer, ganhar terreno, etc.”⁵⁴ (Lakoff e Johnson, 1980, p. 7).

Outro exemplo abordado pelos autores é a metáfora TEMPO É DINHEIRO, muito utilizada para especificar recursos limitados e coisas valiosas (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Desta forma, o foco está no tempo, isto porque na cultura ocidental ele é um recurso valioso e limitado, que permite alcançar os objetivos pretendidos, como nos exemplos: “Você está desperdiçando meu tempo./ Você tem muito tempo de sobra?”. Assim, “entendemos tempo em termos de alguns elementos básicos: objetos físicos, seus locais e seu movimento” (KÖVECSES, 2010, p. 37). Também associado ao tempo está o trabalho que é quantificado através de salários, horários, tarifas e orçamentos anuais, necessários para a dinâmica típica de uma sociedade capitalista (LAKOFF e JOHNSON, 1980).

A metáfora IDEIAS SÃO COMIDAS também é muito utilizada. O que pode ser percebido pelas expressões metafóricas “Isso é alimento para o pensamento./Ela devorou o livro.”, construções linguísticas comuns a estudantes. De tal forma que

Metáforas convencionais da variedade estrutural (por exemplo, IDEIAS SÃO COMIDAS) podem ser baseadas em semelhanças que surgem de metáforas orientacionais e ontológicas. Como vimos, por exemplo, IDEIAS SÃO COMIDAS é baseada em IDEIAS SÃO OBJETOS (ontológicas) e A MENTE É UM RECIPIENTE (ontológica e de orientação). A semelhança estrutural entre IDEIAS e COMIDA é induzida pela metáfora e dá origem a similaridades metafóricas (ideias e comida podem ser engolidas, digeridas, e devoradas, podem fornecer alimentação, etc.).⁵⁵ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 152)

⁵² The metaphor is not merely in the words we use—it is in our very concept of an argument.

⁵³ Dá-se o nome de expressão metafórica às construções linguísticas produzidas pelos falantes no contexto comunicativo, na linguagem cotidiana. A expressão metafórica é a concretização da metáfora conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980).

⁵⁴ [...] attack a position, indefensible, strategy, new line of attack, win, gain ground, etc.

⁵⁵ Conventional metaphors of the structural variety (e.g., IDEAS ARE FOOD) may be based on similarities that arise out of orientational and ontological metaphors. As we saw, for example, IDEAS ARE FOOD is based on IDEAS ARE OBJECTS (ontological) and THE MIND IS A CONTAINER (ontological and orientational). A structural similarity between IDEAS and FOOD is induced by the metaphor and gives rise to metaphorical similarities (ideas and food can be swallowed, digested, and devoured, can provide nourishment, etc.).

Assim, “a função cognitiva desta metáfora é permitir aos falantes compreender um alvo A por meio da estrutura de fonte B.”⁵⁶ (KÖVECSES, 2010, p. 37). Essa é a base estrutural das metáforas, também apresentada na metáfora ontológica e orientacional. A metáfora ontológica não fornece uma estrutura cognitiva tão clara para o domínio-alvo como a metáfora estrutural, o que será percebido a seguir.

2.2.2. Metáfora Conceptual Ontológica

As metáforas ontológicas são capazes de concretizar algo abstrato em termos de entidade, ou seja, as experiências são entendidas como objetos e substâncias e percebidas como uniformes. Isto porque “uma vez que temos identificadas nossas experiências como objetos ou substâncias, podemos referi-las, categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las – e, desta maneira, raciocinar sobre elas”⁵⁷ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 25).

Elas apresentam uma grande variedade de propósitos, como referir-se, quantificar, identificar aspectos e causas, estabelecer metas e motivações. E por isso, nem sempre são reconhecidas como expressões metafóricas. Elas são “tão naturais e tão difundidas em nosso pensamento que normalmente são consideradas como autoevidentes, descrições diretas do fenômeno mental”⁵⁸ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 28).

A utilização das metáforas ontológicas dá-se para compreender acontecimentos, ações, atividades e estados. Um exemplo a ser observado é o de uma corrida, que existe no espaço e no tempo com fronteiras bem definidas. Ela pode estar relacionada ao acontecimento, como na expressão “Viste a corrida?” (corrida como um objeto) ou ao estado percebido, no exemplo “Agora estás fora da corrida.” (corrida como objeto recipiente) (LAKOFF e JOHNSON, 1980).

Quando um objeto físico é especificado como uma pessoa, percebe-se com maior obviedade a metáfora, ou seja, quando as entidades não humanas são apresentadas a partir de termos envolvendo motivação, características e atividades humanas torna-se mais fácil entendê-las. Assim, as entidades como “teoria, vida, inflação, câncer e computadores são não humanos, mas a elas são dadas qualidades de ser humano, como explicar, enganar, comer,

⁵⁶ [...] the cognitive function of these metaphors is to enable speakers to understand target A by mean of the structure of source B.

⁵⁷ Once we can identify our experiences as entities or substances, we can refer to them, categorize them, group them, and quantify them—and, by this means, reason about them.

⁵⁸ [...] these are so natural and so pervasive in our thought that they are usually taken as self-evident, direct descriptions of mental phenomena.

aproximar-se, e morrer”⁵⁹ (KÖVECSES, 2010, p. 39). Os exemplos “A vida está me enganando” e “A inflação está comendo nossos lucros” pode esclarecer as relações existentes entre as metáforas ontológicas e as de personificação atribuídas aos objetos. Assim, as metáforas podem ser ditas como A VIDA É UMA PESSOA e A INFLAÇÃO É UMA PESSOA, visto que recebem características humanas, o que literalmente não seria possível fazer (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Assim, a literalidade impossibilita algumas construções por falta de palavras, diferentemente da metáfora, que vai além do literal, admitindo relações entre palavras e significações. Lakoff e Johnson (1980, p. 58) explicam:

Por exemplo, os conceitos OBJETO, SUBSTÂNCIA, e CONTAINER emergem diretamente. Nós experimentamos a nós mesmos como entidades, separado do resto do mundo, como recipientes com um dentro e um fora. Nós também experimentamos coisas externas a nós como entidades - muitas vezes também como recipientes com interiores e exteriores. Nós experimentamos a nós mesmos como sendo compostos de substâncias - por exemplo, de carne e osso - e objetos externos como sendo compostos de vários tipos de substâncias - madeira, pedra, metal, etc.⁶⁰

Sua função é atribuir um *status* ontológico a categorias gerais de conceitos mais abstratos (KÖVECSES, 2010). A metáfora conceptual INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, nessa perspectiva, conduz a expressão metafórica “A inflação está diminuindo nosso padrão de vida.” (LAKOFF e JOHNSON, 1980). O que demonstra que a metáfora ontológica tem uma clara relação com a personificação. Segundo Kövecses (2010, p. 39), a “personificação faz uso de um dos melhores domínios-fonte que nós temos – nós mesmos”⁶¹, visto que estamos atrelados ao nosso corpo em todas as nossas ações e falas. A seguir, será retratada a metáfora orientacional com menor estrutura conceitual para os conceitos-alvo do que as metáforas ontológicas.

2.2.3. Metáfora Conceptual Orientacional

As metáforas orientacionais envolvem uma direção e tornam um conjunto de conceitos coerentes dentro de um sistema, ou seja, os “conceitos-alvo tendem a ser conceptualizados de

⁵⁹ Theory, life, inflation, cancer, and computer are not humans, but they are given qualities of human being, such as explaining, cheating, eating, catching up, and dying.

⁶⁰ For example, the concepts OBJECT, SUBSTANCE, and CONTAINER emerge directly. We experience ourselves as entities, separate from the rest of the world - as containers with an inside and an outside. We also experience things external to us as entities - often also as containers with insides and outsides. We experience ourselves as being made up of substances - e.g., flesh and bone - and external objects as being made up of various kinds of substances--wood, stone, metal, etc.

⁶¹ Personification makes use of one of the best source domains we have – ourselves.

maneira uniforme”⁶² (KÖVECSES. 2010, p. 40). Elas estão relacionadas à orientação espacial das pessoas: acima/abaixo, dentro/fora, adiante/atrás, profundo/superficial, central/periférico. Segundo Lakoff e Johnson (1980), as metáforas orientacionais “não são arbitrárias. Elas têm uma base em nossa experiência física e cultural”⁶³ (p. 14). Com isso, salienta-se que elas podem variar de uma cultura para outra, visto que são de natureza física e cultural.

Quando se atribui a classificação dessa metáfora, é preciso explicá-la em relação à sua base física. Como exemplo, tem-se FELIZ É PARA CIMA/ TRISTE É PARA BAIXO que trazem como expressões metafóricas, por exemplo, “Ele tem um alto astral./ Estou me sentindo para baixo.”. A base física da primeira refere-se à postura ereta de uma pessoa emocionalmente positiva, e a característica de tristeza e depressão relaciona-se à pessoa inclinada, exemplo da segunda metáfora. Outros exemplos mostrados tratam: saúde e enfermidade, consciente e inconsciente, mais e menos, bom e mau, virtude e vício, racional e emocional, entre outros.

Desta forma, existe uma sistematicidade global entre as diferentes metáforas, de maneira que há uma orientação coerente entre elas, sendo que o bem-estar estaria relacionado à metáfora BOM É PARA CIMA. O que permite essa conceptualização são as bases físicas e sociais da metáfora.

Assim como as experiências básicas de orientações espaciais humanas dão origem a metáforas orientacionais, também as nossas experiências com objetos físicos (especialmente os nossos próprios corpos) fornecem a base para uma extraordinária variedade de metáforas ontológicas, isto é, formas de visualização de eventos, atividades, emoções, ideias, etc., como entidades e substâncias.⁶⁴ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 25)

Cabe ressaltar que Lakoff e Johnson (1980), no livro *Metaphors we live by*, na edição publicada em 2003, apresentam no posfácio, uma contribuição acerca do estudo das metáforas. Na tentativa de explicitar a natureza do pensamento metafórico e sua relação com a linguagem, os autores apresentam esclarecimentos sobre algumas revisões dos tipos de metáforas conceptuais.

A divisão de metáforas em três tipos - de orientação, ontológica, e estrutural - era artificial. Todas as metáforas são estruturais (na medida em que mapeiam estruturas

⁶² [...] target concepts tend to be conceptualized in a uniform manner.

⁶³ [...] are not arbitrary. They have a basis in our physical and cultural experience.

⁶⁴ Just as the basic experiences of human spatial orientations give rise to orientational metaphors, so our experiences with physical objects (especially our own bodies) provide the basis for an extraordinarily wide variety of ontological metaphors, that is, ways of viewing events, activities, emotions, ideas, etc., as entities and substances.

de estruturas); todas são ontológicas (na medida em que elas criam entidades - entidades principais); e muitas são orientacionais (na medida em que mapeiam orientação de esquemas imagéticos).⁶⁵ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 265)

Assim, a diferença na composição das metáforas conceptuais está na relação entre o domínio-fonte e o domínio-origem, que permitem sua classificação a partir da relação entre as construções linguísticas e seus sentidos. Também, enfatiza-se a importância dos esquemas imagéticos que podem servir de domínio-fonte para a correspondência metafórica (Lakoff, 1987). À vista disso, os esquemas imagéticos são estruturas pré-conceptuais constituídas através da sistematicidade de nossas experiências corpóreas, sendo que estas estruturas derivam de experiências cotidianas. Isto revela características da metáfora como sua natureza enciclopédica e experiencial, que está relacionada aos contextos comunicativos apreendidos durante a vida.

A apresentação desse referencial permite que se compreenda o porquê da escolha do objeto de estudo que analisa as Metáforas Conceptuais a partir de entrevistas com universitários sobre questões que envolvem temas como corpo, obesidade, dieta, alimentação, saúde e cultura. Como a MC é usada de maneira convencional, cultural e inconsciente, presente na constituição sócio-físico-cultural dos sujeitos, pode-se compreender os diferentes modos de conceber os significados dos discursos. Ela está no nível do pensamento, e por estar atrelada ao sujeito, traz evidências da corporeidade a partir dos modos de ver o mundo de cada um. Aqui, o entendimento dos sentidos só será possível pela análise das expressões metafóricas apresentadas no *corpus*.

A partir das perspectivas das metáforas conceptuais, expõem-se outras visões de metáfora, que se afastam da perspectiva adotada para esta pesquisa, mas que são importantes para que se construa um panorama geral sobre as diferentes visões teóricas que se tem do mesmo fenômeno. No próximo capítulo, as abordagens teóricas serão sucintamente evidenciadas, esclarecendo seus distanciamentos com a teoria proposta.

2.3. Outras Visões de Metáfora na Linguística

A linguagem articulada é um atributo específico dos seres humanos, permitindo a comunicação, bem como o desenvolvimento de capacidades intelectuais mais amplas. Esse código complexo que é a língua permite o estudo de muitas particularidades da mesma.

⁶⁵ The division of metaphors into three types — orientational, ontological, and structural — was artificial. All metaphors are structural (in that they map structures to structures); all are ontological (in that they create target do - main entities); and many are orientational (in that they map orientational image-schemas).

Muito, ainda se tem a descobrir sobre a língua e sua evolução, assim como o surgimento de novas palavras e a transformação dos significados. A concepção de metáfora tem sido ampliada no decorrer do tempo a partir de diferentes concepções linguísticas. Uma breve exposição de algumas visões de metáfora será apresentada com o intuito de contribuir para a delimitação do constructo teórico escolhido para este trabalho.

Inicialmente e por muito tempo, a metáfora foi vista como uma figura de linguagem ou como artifício de embelezamento da linguagem. Essa visão tradicional, tomada pela Literatura, percebe a metáfora como “a transferência ou transporte do significado total ou possível de uma palavra para outra palavra” (MAZZAROTTO, 2009, p. 87). Assim, pode ser entendida como o uso de um vocábulo por outro com uma proximidade simbólica de sentidos, tendo com elemento de ligação o verbo ser, na maioria dos casos. Como exemplo, tem-se “A noite é uma criança”, que remete ao sentido de começo de vida, de despreocupação e de que a vida seja longa.

O primeiro conceito de metáfora é atribuído a Aristóteles, no século IV a.C. Segundo ele, “a metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia” (ARISTÓTELES, 1991, p. 273). O autor propõe a utilização das metáforas em poesias heroicas com intuito de imitar a linguagem cotidiana, e com isso, compreender as metáforas significa perceber as relações existentes. Ainda que não de maneira explícita, o papel cognitivo da metáfora já está presente em Aristóteles, visto que ela “exige do ouvinte ou leitor um trabalho mental para encontrar o ponto em comum entre as entidades presentes na metáfora” (SARDINHA, 2007, p. 20).

Para além da visão tradicional, outra concepção apresentada é a da metáfora sistemática, que é essencialmente empírica, iniciada por Lynne Cameron. Como uma abordagem discursiva, é uma corrente de pesquisa que percebe a metáfora em uso. Assim, “a relação entre a linguagem e o pensamento é uma via de mão dupla em um sistema complexo único”, em que as expressões metafóricas são o foco de análise (CAMERON; DEYGNAN, 2009, p. 147). Nesse contexto, os sujeitos “acessam alguma metáfora abstrata ou mental se houver várias instâncias de uso de metáforas linguísticas (expressões metafóricas) que as distinguem” (SARDINHA, 2007, p. 38).

Segundo Cameron (2010, p. 608-609), as metáforas “devem ser analisadas em seu contexto de uso, em um movimento contínuo entre todos os níveis de discurso”⁶⁶, partindo do

⁶⁶ Metaphors need to be examined in their context of use, in a continual moving across levels of discourse, [...]

nível macro com maiores semelhanças para o intermediário de metáforas sistemáticas e, por fim, para “níveis mais micro das metáforas linguísticas em suas colocações, unidades de entonação e episódios de interação”⁶⁷ (p. 609). Isso significa que a sistematicidade não é presumida, pois é preciso evidências de uso, percebidas no discurso em determinado contexto, evidenciando seu processo social.

A metáfora gramatical é outra abordagem. Iniciada por Michael Halliday e desenvolvida no âmbito da linguística sistêmico-funcional, ela é definida como “um recurso gramatical para exprimir uma função que não lhe é intrínseca” (SARDINHA, 2007, p. 45). Isto pode ocorrer pelo processo de nominalização, em que se substitui uma ação (verbo) por uma coisa (substantivo). Esse processo acarreta consequências no sistema linguístico, e o falante faz escolhas linguísticas que são ajustadas nessa relação da língua e uso.

Assim, retoma-se que o interesse especial desse estudo está na Metáfora Conceptual, formulada por Lakoff e Johnson e que se opõe às duas últimas concepções abordadas, por dar primazia ao pensamento metafórico. A MC é vista como fenômeno cognitivo, presente na mente do sujeito e de apreciação automática (LAKOFF E JOHNSON, 1980). Por serem convencionais, se confundem com o senso comum, pois estão ligadas a relações cotidianas da cultura em que está inserido o sujeito.

A questão da cultura está intimamente ligada à constituição do sujeito e sua identidade. A forma como o sujeito concebe e vivencia as diferentes interações com os demais sujeitos e com o mundo, faz com que ele demonstre suas marcas identitárias, seja pela identificação ou diferença. Isso será discutido no próximo subcapítulo.

2.4. Sujeito e Identidade

Para a LC, o sentido de uma construção linguística em uso é resultante de um processo mental cujo elemento central é o sujeito, acompanhado de seu conhecimento de mundo. Assim, é um sujeito que efetivamente utiliza a língua e que através do conhecimento adquirido pelas suas experiências, tem a possibilidade de interagir e formar sua identidade. No entanto, existem diferentes concepções de sujeito.

Nesse contexto, Hall apresenta algumas delimitações de sujeito. O sujeito iluminista estava centrado no “eu” interior do ser humano, um indivíduo dotado da habilidade da razão, da consciência e da ação, o que “era uma concepção muito individualista do sujeito e de sua

⁶⁷ [...] more micro levels of linguistic metaphors in their collocations, intonation units and episodes of interaction.

identidade” (2011, p. 11). O sujeito sociológico surgiu da crescente complexidade do mundo moderno, influenciado pelas relações sociais, pela cultura, pelos valores e símbolos e, também, pelo diálogo constante entre o “interior” e “exterior”, isto quer dizer que “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (p. 11, grifo do autor). O sujeito pós-moderno é instável e múltiplo, sendo resultado da internalização de significados e valores sociais e culturais, tornando-se, segundo o autor, um ser histórico e não biológico.

Para Hall (2011), a linguagem utilizada pelo sujeito é o que o faz atribuir sentido à cultura e às suas práticas sociais. Esse sujeito social é resultante da interação entre o sujeito e o mundo, formando sua identidade, que é composta por diferentes elementos, como os papéis sociais. A identidade constituída por esse sujeito é passível de modificações, pois pode depender da situação em que o interlocutor se encontra e com quem o falante/escritor está negociando sua identidade.

As mudanças culturais, econômicas, sociais, políticas e tecnológicas que promoveram o surgimento de novos estilos e hábitos de vida e de organização social, conseqüentemente, constituem uma identidade social. Atualmente, muitas transformações são resultados da globalização, e modificaram as condições de trabalho, as identidades sociais, o indivíduo (quanto a seus costumes, crenças e estilos de vida) e as relações entre o eu e o outro. Woodward (2013, p. 42) postula que “cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados”.

Ao tratar da constituição dos sentidos, nota-se uma relação com a Metáfora Conceptual, que percebe o sujeito como um ser atrelado às experiências sócio-históricas e culturais e que utiliza seu discurso para interagir com os outros e constituir seus significados individuais e sociais.

Segundo Hall (2011), novas identidades estão surgindo e fragmentando o indivíduo moderno, antes percebido como um sujeito uno. Novos valores e novos papéis sociais foram agregados ao sujeito pós-moderno, que sente as mudanças históricas, sociais, culturais e políticas e, sendo moldado por elas, não pode ter uma identidade estática ou permanente. Para Hall (2011, p. 13), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”.

Com isso, ressalta-se que as concepções de sujeito, aqui apresentadas, mostram o deslocamento da concepção teórica de identidade fixa e estável para uma identidade heterogênea, contraditória e fragmentada. Por isso, a identidade é uma convenção social, sendo construída através de um processo que está inserido no plano das relações sociais.

Assim, as identidades só podem ser compreendidas dentro dos sistemas de significação. Segundo Hall, “as identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em ‘exterior’, em abjeto” (2013, p. 110, grifo do autor).

A relação identidade e diferença é o resultado de atos de criação linguística e atos simbólicos, isto porque, não são elementos do mundo natural, pois são fabricados nas relações sociais e culturais. Por isso, tanto a identidade como a diferença são criações do meio social, e conseqüentemente, atuam nas relações de poder. A identidade e a diferença têm laços estreitos com o poder, e “o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder” (SILVA, 2013, p. 81). A identidade e a diferença nunca são inocentes. A diferenciação é um dos processos fundamentais para a determinação da identidade e da diferença, e as marcas do poder da identidade e da diferença aparecem nas relações de incluir/excluir, demarcar fronteiras, classificar, normalizar.

Além disso, atenta-se para as relações de identidade e diferença que se ordenam em torno de oposições binárias como masculino/feminino, homem/mulher. Nesta oposição binária, sempre existirá uma desigualdade de poder, um dos termos sempre é mais valorizado do que outro: um é a norma, o outro é o desvio da norma, o que é encarado como o “outro” (WOODWARD, 2013). Assim, a diferença pode ser construída negativamente, ou seja, o outro pode estar à margem da sociedade. Por isso, em relação ao tema da presente pesquisa, algumas vezes, pode-se perceber o obeso como se sentindo à margem da sociedade.

As representações estão ligadas aos significados simbólicos presentes na cultura e dão base para classificar o mundo e os elementos, como também determinam as relações entre os sujeitos e entre os sujeitos e o mundo. Neste sentido, Woodward (2013) afirma que as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (p. 8).

A identidade social é definida pelos discursos que envolvem o sujeito e o fazem interagir. O discurso pode proporcionar uma reflexão sobre a sociedade e os sujeitos que a compõem, observando a linguagem utilizada. Com isso, os discursos constituem a realidade social, e a identidade é um elemento constituído por meio de processos sociais, constituído discursivamente.

Todo discurso é oriundo de um sujeito que possui suas marcas identitárias e que o posicionam na vida social, e o contexto de produção engloba os interlocutores que participam da interação através do discurso. Assim como já tratado anteriormente, os discursos que constituem os sujeitos são situados social, histórico e culturalmente. E também, as identidades

são construídas e legitimadas por meio dos discursos que são veiculados na esfera social. Nesta pesquisa, dar-se-á atenção às marcas identitárias do obeso e do não obeso no contexto comunicativo sociocultural atual.

Essas evidências da constituição da identidade também aparecem no corpo, que é social e cultural. Algumas contribuições sobre as formas de percepção do corpo pelos sujeitos serão apresentadas no próximo subcapítulo.

2.5. Saberes sobre o corpo

O corpo permite que o ser humano evidencie sua presença no mundo material. Ele é demonstração física, social e cultural. A expressão do sujeito por meio do seu corpo transmite saberes em todos os contextos sócio-históricos e culturais. O contexto dos países ocidentais, no que se refere à sociedade de consumo, às determinações midiáticas e às visões sobre a estética do corpo, apresenta certa similaridade em sua constituição sociocultural, por isso será tratado nesse trabalho.

Neste âmbito, este capítulo inicia-se pela seção designada “Corpo teorizado”, que apresenta percepções históricas e socioeconômicas sobre os costumes, as posturas corporais, o controle social do indivíduo, com um parecer sobre as questões laborais, alimentares e publicitárias que revelam um corpo gordo, antes aceito pela sociedade, e agora desprezado e estigmatizado. Na sequência, o item 2.5.2, “Culto ao corpo”, traz a fotografia como ponto inicial da imagem real do sujeito com boa forma física e aparência desejada, e posteriormente, apresentada pela mídia. A constituição saudável é mostrada no item 2.5.3, intitulado “Saúde do corpo”, revelando a construção da ideia da importância da qualidade de vida através de hábitos alimentares, estilos de vida, tratamentos estéticos, consumismo e preocupação com o sobrepeso, visto como não saudável. A finalização é feita com o subtítulo “Corpo obeso”, item 2.5.4, retratando a globalização, o espaço reduzido, a liberdade, o consumismo que evidenciam o problema mundial do sobrepeso, refletindo nas condições de vida da população e em suas marcas identitárias.

A configuração desse capítulo tem ligação com o tema desta pesquisa, visto que universitários expressaram suas formas de conceber o corpo magro e obeso, assim como suas visões sobre as posturas da mídia e da sociedade ocidental, o capital financeiro e os hábitos alimentares que estão atrelados ao problema do sobrepeso da população.

2.5.1. Corpo teorizado

O corpo permite a expressão do ser humano, sendo a primeira forma de percepção do ser atribuído de ego. Esse ser está atrelado a uma cultura, de maneira que o corpo adquire sentido com o aprendizado de algumas atividades básicas do cotidiano. O corpo é o instrumento através do qual o sujeito insere-se em diferentes contextos, construindo seu conhecimento de mundo, visto que o seu sentido corpóreo modifica-se no decorrer da história.

A palavra “corpo” tem sua origem do latim *corpus, corporis*, obtendo o sentido de composto orgânico pelo qual o homem, ser racional, marca sua presença no mundo, visto também como “um princípio constitutivo, substancial, da totalidade humana” (ÁVILA, 1972, p. 183). Assim, o corpo torna-se um produto social que produz sentidos através de práticas, crenças, atitudes e relações.

Desde o século XVII, existe uma preocupação com a civilização dos costumes, tanto de caráter material como simbólico, apresentada pelos padres católicos. Essa preocupação refletia-se em diversos aspectos da vida, como a etiqueta ligada à refeição, por exemplo. Nesta época, além das tradições alimentares, havia relatos sobre a forma corporal que se relacionava aos afazeres dos trabalhadores rurais. Colonos que mostravam “imagens de um corpo que aborda o sono com apreensão lembram maneiras específicas de viver ‘o limpo e o sujo’, o ‘são e o enfermo’, ‘o público e o privado’, ‘o puro e o impuro’” (PELLEGRIN, 2010, p. 183-184, grifo do autor).

Essa concepção de corpo, portanto, ligava o indivíduo às suas atividades diárias e influenciavam direta e particularmente sua postura física. A deformação do corpo ocorria pelo ofício e pela identificação com a prática laboral. Um corpo de curvatura mais ereta, por outro lado, demonstrava a falta de atividade produtiva de trabalho e exibia os privilégios usufruídos pela nobreza.

Na França do século XVIII, relatos sobre as posturas e a beleza das curvas do corpo masculino tratavam das “curvaturas implementadas pela aprendizagem e pela prática da dança”, e estas eram observadas pela inclinação, reverência e outras formas de saudação comuns entre as famílias ricas (PELLEGRIN, 2010, p. 172). Também, revelavam-se detalhes sobre o corpo e a sexualidade, quanto às relações amorosas, aos tabus e às cerimônias de casamento. Ao tratar da cultura material, a atenção voltava-se especialmente “aos regimes alimentares, à higiene e ao meio ambiente físico, aos espaços privados e públicos, aos modos de vestir-se e à construção da aparência” (MATTHEWS-GRIECO, 2010, p. 219). Assim,

neste período, buscava-se criar uma norma, de maneira a aprovar, reprovar ou disciplinar os sujeitos na sociedade.

Dessa forma, a autoridade e o controle do indivíduo sobre seu próprio corpo eram impostos por um condicionamento social e cultural. No entanto, é difícil perceber o corpo (assim como a sexualidade) como “dissociado das percepções culturais que determinam o modo como as pessoas interagem e a experiência subjetiva de suas ações” (idem, p. 221).

Segundo Courtine (2010), a fisionomia⁶⁸ teve um papel relevante na estruturação do conhecimento sobre o corpo, abordando que o corpo fala. Ela “promove normas corporais, estabelece uma definição ‘média’ da fisionomia, descobre na proporção o tipo ideal de beleza, empurra para as margens do olhar distorções, deformações, monstruosidades” (p. 404-405, grifo do autor). E ainda, ao decifrar o corpo, ela “prescreve técnicas do corpo, legitima *habitus*, reprova e sanciona algumas práticas” (idem, p. 405, grifo do autor).

As diversas técnicas corporais aprendidas revelavam formas de expressão corporal que, até hoje, perpassam toda a existência humana e trazem consigo a tradição e a cultura de um determinado grupo a partir de hábitos que lhes são próprios. Com isso, o ser humano – biológico, sociológico, social e cultural – representa, através do corpo, seus costumes e suas expressões (MAUSS, 1974).

Se o corpo é de tal forma privilegiado na definição das boas maneiras, é, sem dúvida, para manter à distância e controlar suas manifestações naturais e funcionais, propriamente corporais. O corpo civilizado constitui um modelo cujo contramodelo seria, à época, o corpo grotesco ou carnavalesco. As implicações desta construção social do corpo já foram amplamente decifradas, em particular através do conceito de “processo de civilização”. (ARASSE, 2010, p. 581)

Esse processo de civilização implicava em um domínio das expressões físicas do corpo. E as boas maneiras desenvolviam e regulavam uma linguagem que criava as categorias da percepção e da experiência corporais, de forma a legitimar um estatuto social (BRYSON apud ARASSE, 2010).

Essa sociedade urbana, criada a partir do êxodo rural e da Revolução Industrial, revelava a substituição do trabalho artesanal da maioria da população europeia pelo trabalho assalariado. Isso caracterizou o “aumento da desigualdade social, o agrupamento dos pobres em favelas e guetos e a evolução de novos problemas alimentares relacionados ao desmame

⁶⁸ A fisionomia era a arte de decifrar a linguagem do corpo, atualmente, vista como uma forma da psicologia arcaica. Ela era um elemento essencial do conhecimento comum, dos saberes ordinários que informavam as práticas de observação do outro, no contexto de transformações políticas e sociais na decifração de novas identidades. No entanto, ela deixou de participar da racionalidade científica no fim do século XVIII, dando espaço à medicina, à filosofia e ao cálculo.

precoce dos bebês” devido ao trabalho das mães nas fábricas (POPKIN, 2009, p. 20). Também, no início do século XX, as doenças cardíacas eram descobertas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, tomando proporções maiores após a Segunda Guerra Mundial, acarretando significativas alterações nos setores de alimentos e bebidas consumidas (POPKIN, 2009).

Cabe salientar que a transformação progressiva dos hábitos alimentares, seguindo os contextos econômicos e culturais da época, modificava também a concepção do corpo na visão social dessa população. Segundo Sant’anna (2001), em 1900, os corpos redondos ainda tinham seu charme. A gordura era tida como formosura e o peso proporcionava orgulho. A magreza lembrava a doença, e o peso do corpo não parecia pesar e “nem ofuscava o charme de milhares de homens e mulheres dotados de ventres proeminentes, testemunhos de um certo prestígio social” (idem, p. 20).

Essa concepção desfez-se com o passar dos anos. A França expandia a indústria de cosméticos, e os Estados Unidos, via publicidade, implementavam a venda desses produtos. Assim, por volta da década de 1920, iniciava-se um repúdio aos gordos, que passaram a precisar se esforçar para emagrecer, o que lhes foi muito penoso. Assim, originou-se a ideia de que os gordos precisariam compensar o peso do próprio corpo, trazendo a alegria e o consolo aos outros (SANT’ANNA, 2001).

A publicidade começava a moldar os padrões corporais e os hábitos alimentares das pessoas. Na década de 1950, inovações ligadas a cremes e hidratantes surgiam junto a argumentos sobre higiene e saúde (ORY, 2011). Os padrões alimentares também se alteravam, principalmente aos finais de semana, aumentando a quantidade de comida e bebida ingeridas. Dados da época mostram que havia menos de 100 milhões de pessoas acima do peso ou obesas e um vigésimo de pessoas diabéticas e hipertensas, o que foi se modificando nos anos seguintes (POPKIN, 2009).

A partir da década de 1960, as pessoas passaram a tentar fugir da homogeneização e das padronizações de postura física, reivindicando o direito de expressão do corpo dentro e fora dos ambientes privados. E assim, a busca pela beleza física e a possibilidade de cirurgia plástica entraram no contexto de saúde. Com isso, o corpo ganhava o direito de exposição, de maneira que da intimidade passou-se ao embelezamento, transformando-se gradualmente o corpo na “principal marca identitária” (SANT’ANNA, 2001, p. 68).

A partir dos anos 1970, o discurso passou a ter uma ligação estreita com o poder, estando o corpo ao lado das categorias oprimidas e marginalizadas, percebidas como as minorias de raça, de classe e de gênero. Essa época foi marcada por mudanças econômicas,

sociais e políticas drásticas pela, então, imposição do Regime Militar, vivido tanto no Brasil como em outros países ocidentais. A linguagem foi um recurso utilizado para silenciar os corpos que se opunham ao discurso do poder. E desta forma, o corpo carregava “as marcas de gênero, de classe ou de origem, e estas não podem ser mais apagadas” (COURTINE, 2011, p. 9).

Neste contexto, percebe-se que “a sociedade democrática apaga os indícios físicos tradicionais, embaralha os velhos códigos da sociedade de ordem, banaliza a postura, mascara as hierarquias” (COURTINE; VIGARELLO, 2011, p. 341). Isso se deve ao fato de que as coisas eram recolocadas, apaziguando os problemas e deixando os hábitos e as atitudes cada vez mais parecidos. Assim, o movimento da sociedade influenciava e ordenava os corpos.

Segundo Ory (2011), ao longo do século XX, houve uma mudança na configuração das cidades, antes composta pela elite e depois pela população rural nas periferias das cidades. Com isso, viveu-se um processo de desestruturação demográfica, econômica e cultural, pois as pessoas trabalhavam muito e não havia tempo para o lazer, sendo que esse movimento social profundo,

produz seus efeitos ao mesmo tempo sobre as representações e sobre as práticas dos corpos assim reunidos e redistribuídos, crescem, aliás, tendências tão massivas e decisivas que concernem o ambiente econômico, técnico e político dessas mesmas populações. (idem, p. 156)

Com isso, a conjuntura cultural da sociedade estava situada em meio a essas determinações intelectuais e materiais, que mediatizadas por uma vulgarização, difundiam através de uma ficção, representações e valores sociais (ORY, 2011). O século XX, portanto, evidenciava uma revolução no que se referia à constituição do comportamento.

Os valores morais transformavam-se juntamente com os diversos sinais de uma tendência à padronização dos corpos. As pessoas começavam a se desprender das restrições puritanas que impunham “uma *atitude* composta de rigidez na postura (‘fique direito’), de modéstia no olhar (‘consERVE os olhos baixos’), de lentidão no andar (‘não corra’), e de manter distância do corpo dos outros (‘mantenha distância’)” (ORY, 2011, p. 169, grifo do autor). Acontecia uma inversão desses valores morais e restrições corporais.

Na cultura contemporânea, as noções de corpo e de expressão imagética traziam inúmeras reflexões e incertezas às pessoas. Isso porque as mudanças na aparência não faziam com que a personalidade do indivíduo se modificasse. Para Garcia (2005), as “alterações/adulterações da imagem corporal criam, socialmente, a percepção ‘perdida’ de corpo como um objeto de desejo do público, investido de significados duvidosos” (p. 32-33,

grifo do autor), visto que o objetivo da publicidade era, e ainda é, aumentar o consumo dos produtos divulgados.

A publicidade divulga uma jovialidade que todos querem, mas que nem sempre pode ser alcançada (GARCIA, 2005). A mídia, neste contexto, tem um papel fundamental na construção e consolidação de certos padrões corporais e estéticos, visto que os sujeitos se constroem principalmente através do corpo e da imagem que projetam. Por meio dessa construção, percebe-se o crescimento das cobranças exercidas pela mídia, que tendem a aprisionar o corpo feminino e também o corpo masculino.

Quanto à questão da publicidade, cabe citar que “temos aí a exibição dos corpos em cena que são elementos traçados na metáfora da linguagem, em um erótico exercício do olhar para além do *voyer*” (GARCIA, 2005, p. 36). Essa exposição massiva da imagem do corpo traz consequências para a construção do sujeito na sua composição sociocultural, visto que o corpo torna-se aparato cultural na exposição de produtos.

Um conjunto de regras, um trabalho cotidiano das aparências, de complexos rituais de interação, a liberdade de que cada um dispõe para lidar com o estilo comum, com as posturas, as atitudes determinadas, os modos usuais de olhar, de portar-se, de mover-se, compõem a fábrica social do corpo. (CORBIN, 2008, p. 8-9)

E, nesse sentido, as diferentes posturas e as maneiras de se maquiar, de se pentear e de se vestir, “são igualmente características do gênero, da classe etária, do *status* social ou da pretensão de pertencer à determinada classe” (CORBIN, 2008, p. 9), o que influencia no contexto social e ideológico da época. A questão da padronização dos corpos e desejo de ser belo ficará mais evidente no tópico que segue.

2.5.2. Culto ao corpo

A imagem do belo e do feio sofreu transformações no decorrer dos séculos. No entanto, parece que o conceito de belo está atrelado ao corpo perfeito, não só do ponto de vista estético, mas também da saúde.

É notável a distinção das formas corporais da mulher e do homem, na metade do século XIX, nesta passagem do artigo “*Sexe*”⁶⁹, citado por Corbin (2008):

A mulher possui formas arredondadas e graciosas. Seus quadris e sua bacia são largos, dilatados. Suas coxas são fortes e mais afastadas do que as do homem; o que prejudica o caminhar. Obviamente as mamas – fala-se, ainda, pouco dos “seios” nas

⁶⁹ Artigo publicado no livro de 1864, com reedição recente: DELVAEU, A. *Dictionnaire Érotique Moderne*. Paris: Union Générale d’Éditions, 1997.

obras de anatomia ou de fisiologia – são muito mais desenvolvidas e mais salientes do que o peito masculino. A pele da mulher é doce, lisa e branca; sua voz é mais suave. (idem, p. 191)

Com a invenção e o rápido desenvolvimento da fotografia, os hábitos artísticos e os modos de apreciar o corpo mudaram profundamente, isso ocorre a partir de 1839. Esse registro da imagem pela câmera escura recebia avaliações negativas e positivas, pois revelava a imagem real (ZERNER, 2008). Nestes registros, a imagem dos corpos dos ginastas mostrava uma pose uniformemente repetida, cintura apertada, busto para frente, ombros sumidos (VIGARELLO; HOLT, 2011). Essa imagem apresentada pelos ginastas tornou-se banal, juntamente com o tema de uma transformação da silhueta através do movimento e da conservação da forma física, oriunda de uma ampla literatura atlética.

Nesse período, há um investimento na postura física e na saúde, estando as duas estreitamente misturadas, revelando um culto de si. A elite social exaltava uma nova configuração de corpo, oriundo da prática dos esportes modernos. Era “um corpo que se qualificaria de atlético segundo normas neoclássicas, feitas de uma relação entre o tamanho, o peso, o desenvolvimento muscular e a mobilidade” (VIGARELLO; HOLT, 2008, p. 419-420).

Assim, o esporte ia além do exercício para o prazer, pois ele correspondia a objetivos morais, sociais e ideológicos. Isso é atribuído à busca pela boa saúde física e mental, que evitava a doença. Além disso, o trabalho, antes com mais movimento, transformou-se em algo mais sedentário, gerando o estresse físico e psicológico nas classes médias, com longas jornadas nas fábricas. Neste sentido, o esporte era uma prática que permitia recreação e remediava-se a pressão suscitada pelo estudo e pelo trabalho (VIGARELLO; HOLT, 2008).

Nessa época, o esporte era praticado principalmente pelos homens. Somente em 1914, foram criados alguns clubes de natação e de atletismo para a prática feminina. Isso ocorreu devido ao medo da diminuição da população, visto que se acreditava que o exercício feminino era percebido como o “meio de produzir mães de boa saúde; mas essa solicitude continuava confinada a uma ginástica especialmente adaptada” (VIGARELLO; HOLT, 2008, p. 457).

A partir dos anos de 1920, acontecia uma mudança das representações que privilegiava a silhueta feminina, de maneira que se passava da imagem do corpo “gordo” para o “magro”. E assim, evidenciavam-se

os defeitos contínuos do ‘engordar’, por exemplo, são transpostos em curvas por Paul Richer: o crescimento progressivo das bolsas sob os olhos, o aumento progressivo do tamanho do duplo queixo, a perda progressiva do perfil arredondado

dos seios, os pneuzinhos dos quadris, o engrossamento das coxas, o afundamento do sulco das nádegas. (VIGARELLO, 2011, p. 219)

No século XX, o corpo recebia muita atenção, de forma que cada um o exibia como queria no espaço visual. A divulgação da mídia desenhava uma nova perspectiva visual da imagem que passava do corpo “violão” ao corpo musculoso. Esses corpos trabalhados nas academias de ginástica eram veiculados pela mídia, criando as novas diretrizes da aparência a que assistimos na atualidade. Notáveis são as marcas na cultura atual que potencializam o olhar sobre o corpo e a ditadura da “boa forma” (GARCIA, 2005).

A multiplicação de imagens sobre corpos saudáveis e sempre belos é bem mais rápida do que a produção real de saúde e beleza no cotidiano. A corrida rumo à juventude é hoje uma maratona que alcança jovens e idosos de diversas classes sociais, mas estes não conseguem ver o pódio, porque se trata de uma corrida infinita. (SANT’ANNA, 2001, p. 70)

Nessa lógica, existia uma tentativa de preparar o corpo de forma a retardar seu envelhecimento, deslocando a imagem corporal para um corpo “perfeito” que era remodelado pelos tratamentos estéticos e os exercícios em academias e parques. Isto se perpetuou no tempo, visto que, atualmente, a “conservação do corpo tenta demarcar um ‘ideal’ de beleza e de juventude com valores fundamentais para as relações sociais contemporâneas” (GARCIA, 2005, p. 25, grifo do autor).

Os ditames da medicina, aliados às pressões sociais, fazem do sobrepeso um estado de alerta para o sujeito. Há um peso “ideal” e a obesidade é a “marca de excesso no/do corpo, suficiente para que qualquer um compreenda a relação entre peso e medida do corpo humano” (GARCIA, 2005, p. 24).

Essa busca constante pela boa forma está ligada a uma noção de estética caricatural e a mudança dos padrões estéticos. Nessa questão, segundo Sant’anna (2001, p. 108), “ser belo é aproximar-se de um ideal, sempre determinado de modo universal, distinto do que é cada corpo, enquanto este, por sua vez, é considerado um ente particular e local”.

Desse modo, uma revolução dos padrões estéticos de nada adiantaria se não se modificassem os sentidos da estética. A busca constante pelo ideal estético é individual e não cessa, pois é um dever adequar-se à boa forma. E com isso, questiona-se o porquê das mudanças estéticas e a substituição de um padrão por outro. Torna-se evidente a questão de que as “coisas nos convidam e incitam o desejo humano com a mesma maestria que um belo corpo incita o desejo de outro” (SANT’ANNA, 2001, p. 115).

Na atualidade, a medicina e a atividade física são as duas principais maneiras de tratamento e culto ao corpo. Elas partem do corpo biológico com suas vicissitudes para, assim, programar e construir um visual agradável ao próprio sujeito. Segundo Garcia (2005, p. 26), “cuidar da imagem corporal implica regular sua sociabilidade, cujos efeitos e fórmulas estão extremamente relacionados ao padrão cultural imposto pela veiculação massiva (e globalização) da mídia”. O mercado e a indústria de beleza e da moda ganham muito com esses ditames midiáticos sobre as diretrizes da dieta, da cirurgia plástica e dos exercícios físicos.

Conforme Garcia (2005, p. 26), “cultuar o corpo implica ressignificar o direito à vida”, de maneira que se tenta prolongar a linha do tempo e deletar a ideia da morte. Aparentemente, a glorificação do corpo pelas práticas culturais nega a questão da morte. Cabe ressaltar que o discurso sociocultural entre os sujeitos revela as relações contextualizadas sobre o culto ao corpo.

O corpo, portanto, emerge como mecanismo linguístico que pondera sua forma em um tecido enunciativo; ele deixa de ser mero objeto orgânico para transformar-se em linguagem, que enuncia e agrega valores socioculturais. (GARCIA, 2005, p. 27)

Neste âmbito, os valores socioculturais incorporados ao corpo, apresentam, por meio das relações afetivas, os caminhos da imagem corporal, isto porque nas interações consigo mesmo e com os outros é que se inscrevem e se produzem sentidos ao corpo veiculados na sociedade. Essa preocupação com a aparência física e com a boa forma vai além do esforço físico e passa para um mercado de consumo que receita tanto medicamentos inibidores de apetite quanto psicotrópicos.

Em busca de um corpo perfeito, as pessoas se submetem ao uso de medicamentos, às cirurgias plásticas, aos exercícios físicos e à restrição de comidas gordurosas (GARCIA, 2005). Vigora, portanto, o entendimento de que esse corpo só pode ser administrado e construído a partir de uma qualidade de vida saudável e ativa, tópico tratado a seguir.

2.5.3. Saúde do corpo

A saúde está atrelada à concepção de qualidade de vida. Nessa relação de saúde e doença, o que domina, durante dois mil anos, é uma imagem do corpo transmitida pela medicina e pela filosofia gregas. E isso é evidenciado pela necessidade de se recorrer ao vocabulário médico quanto se trata dos aspectos corporais.

O peso do corpo, no início do século XX, revelava um sinal de saúde ou não. Se ele aparentasse em excesso, “constituiria um perigo: curvas de mortalidade e curvas de peso se cruzam para sublinhar os riscos de doença a que se expõem os ‘gordos’” (VIGARELLO, 2011, p. 218, grifo do autor). E assim, doenças como apoplexia, doença cardíaca, doença do fígado, doença dos rins, diabetes e outras dos mesmos gêneros, criavam a ideia dos riscos de morte, que para os “magros” seriam, em outras palavras, quatro vezes inferiores aos óbitos dos “gordos”. Ainda, o autor expõe “a transformação da obesidade, que ficou durante muito tempo à margem da patologia, em risco ‘muito grave’, uma doença séria, declarada” (idem, p. 218, grifo do autor).

A ciência médica convertia-se na principal orientação da leitura do corpo e da doença, agindo como resposta aos questionamentos da sociedade sobre a realidade conhecida pelo científico.

Se a palavra-chave do século XVIII era a felicidade, e a do século XIX, a liberdade, pode-se dizer que a do século XX é a saúde. Afirmando em 1949 o direito à saúde reconhecida como uma preocupação universal, a Organização Mundial de Saúde (OMS) dotou o século XX de um novo direito do homem. Ele aparece, nos dias de hoje, na maioria das constituições nacionais. A definição de saúde da OMS como estado de completo bem-estar físico, mental e social, tornou-se referência inevitável. (MOULIN, 2011, p. 18)

Assim, no século XX, a história do corpo estava ligada a uma medicalização sem equivalente, que, de certa forma, “promulga regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações” (idem, p. 15). A competência dietética vigorava nas práticas sociais, sendo apresentada pelos médicos formados nessa nova especialidade nutricionista e pelas primeiras dieteticistas como profissionais liberais (ORY, 2011).

Surgia, então, esse novo direito do indivíduo, “o direito à saúde, compreendida como a plena realização da pessoa, direito de fato compreendido, sobretudo, como direito à assistência médica” (MOULIN, 2011, p. 15). A doença longe de ser um estigma, revelava a importância de valorizar o aspecto de ser vivo. E o “corpo é o lugar onde a pessoa deve esforçar-se para parecer que vai bem de saúde” (idem, p. 19-20). Isso porque

A saúde é um estado de equilíbrio, sempre ameaçado, instável, entre o corpo humano, o universo, a sociedade. As influências devem ser mensuradas para contrabalançá-las melhor, ou simplesmente ajudá-las. (PORTER; VIGARELLO, 2010, p. 448)

No entanto, as discussões sobre os estilos de vida não cessavam, detalhes sobre a higiene alimentar, o impacto de novos tratamentos, a vigilância clínica e o monitoramento

biológico eram recorrentes. Isto tudo pelas possibilidades de mudança da aparência corporal, apresentadas pela medicina a partir das intervenções que multiplicavam as possibilidades de transformações através da cirurgia estética (MOULIN, 2011).

Com os avanços da cirurgia estética e a descoberta da plasticidade, vigorava a ideia da melhoria dos contornos para “inventar um rosto, ou mesmo transformar um sexo, em busca de uma adequação maior da imagem corporal à verdade da pessoa” (idem, p. 53). Ainda lançava-se a noção do quanto a juventude apresentava energia e beleza para, com o passar dos anos, trazer consigo o desconforto da passagem e da transformação do corpo que envelhecia e trazia muitos receios (SANT’ANNA, 2001).

Essa relação entre o discurso da conservação da boa saúde e a cura das enfermidades relacionava-se à obediência a uma “dieta” que constituía todo um estilo de vida. Ao tratar de dietética, rememora-se as formas gregas e medievais praticadas para a limpeza do corpo. Em certas culturas de não apreciação à gordura, “a magreza torna-se solidária ao antigo imaginário da limpeza, constituído pelo fascínio diante da transparência e o repúdio perante a acumulação” (SANT’ANNA, 2001, p. 23).

A preocupação crescente com o corpo nas sociedades desenvolvidas levou os indivíduos a conhecer a ansiedade, a obsessão e até mesmo doenças mais complexas como a anorexia. As questões referentes ao corpo demonstravam o avanço do conhecimento biológico que agora aborda a temática da celulite, do colesterol, que se distingue entre o colesterol “bom” e “mau” (ORY, 2011).

Quando essa temática é apresentada, revela-se o problema do sobrepeso. Segundo Ory (2011), no início do século XXI, o sobrepeso vai se tornar “uma preocupação ao mesmo tempo da ‘autoimagem’ individual bem como de saúde pública, a *fortiori* em países precocemente hipercalorizados” (idem, p. 164, grifo do autor). Esse problema de superconsumo calórico é revelado em países como os Estados Unidos, o Japão e a China.

Assim, pelo discurso midiático, pelas recomendações científicas e pela sociedade de consumo, percebe-se uma crescente pressão em favor do corpo magro, saudável e belo. No entanto, ter um corpo magro não significa claramente que se tem um corpo saudável, mas sim, indica um corpo aceito pelo olhar do outro nas relações sociais, sem ser diferente.

A sociedade atual enaltece a realização pessoal de maneira que o corpo e seu treinamento aguçam uma experiência da identidade, constituindo o potencial de encontrar a si mesmo, possibilitando estender o seu território próprio. Assim, para algumas pessoas, o desenvolvimento do corpo tornou-se “uma experiência íntima: o exemplo privilegiado de uma exploração da identidade” (VIGARELLO, 2011, p. 250).

A natureza da experiência humana vincula-se e se adapta na matéria do corpo e sua ação cognitiva/sensorial configura as habilidades desses efeitos de sentido, que o próprio universo consegue abranger enquanto potencialidade da competência orgânica corporal. O limiar da imagem corporal faz que, cada vez mais, a urgência da plasticidade da matéria viva da vida – o corpo – seja ponto pacífico da expressão do sujeito contemporâneo. (GARCIA, 2005, p. 8-9)

Neste sentido, o corpo parece orientar a identidade cultural pós-moderna, talvez pelo seu estilo de vida e atitude, ou possivelmente pelas condições adaptativas intermediadas pela mídia (HALL, 2011). Esse sujeito contemporâneo, que tem suas tarefas diárias, permite-se viver o ócio em alguns momentos, sem planejar.

Por vezes, a necessidade de desacelerar e de viver lentamente é inconsciente, involuntária, ou considerada “dentro do ritmo normal”. O adjetivo *lento* resulta de comparações e é fruto de medidas, sempre culturalmente determinadas, historicamente sujeitas a modificações inusitadas. (SANT’ANNA, 2001, p. 19)

Dessa forma, a velocidade da vida diária cria novas lentidões que, *a priori*, parecem apenas obstáculos a serem ultrapassados, aniquilados. Um deles é o peso do corpo, que vem da escolha da lentidão, mas não necessariamente expõe a falta do desejo de “viver sempre mais” (SANT’ANNA, 2001, p. 19).

A valorização do corpo, as lutas em favor da liberação do corpo, do reconhecimento das diferenças culturais e das identidades nômades não tardam a revelar a exclusão social de milhares de homens e mulheres. Isto porque o corpo tem o dever de comunicar, informar e esclarecer, ou seja, ele é forçado a produzir informação nesta sociedade em que tudo parece ter que ser interpretado e esclarecido pela linguagem (SANT’ANNA, 2001). E será possível esclarecer o que gera o excesso?

2.5.4. Corpo obeso

O segredo último para atingir o equilíbrio corporal consiste, em última análise, em evitar todo excesso. (Provérbio francês)

As pessoas têm hábitos alimentares que são construídos com base em determinações sócio-históricas e culturais. A globalização, o consumismo, a necessidade de respostas rápidas contribuíram para o aparecimento da obesidade como uma questão social. Sem dúvida, a obesidade envolve uma complexa relação entre corpo, saúde, alimento e sociedade. Neste sentido, o “corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2013, p. 15). E

assim, a mudança dos padrões sociais da população juntamente com a globalização faz surgir o problema do corpo grande e, conseqüentemente, da obesidade.

Por isso, a necessidade da agilidade, da criatividade e flexibilidade inquieta o sujeito.

Buscando desvencilhar-se do peso de tudo o que tende a repousar sobre si, ele teme carregar muito corpo, muita memória, muita identidade. E se vê ameaçado constantemente pela vertigem da compulsão consumista e pela depressão aniquiladora. (SANT'ANNA, 2001, p. 25)

No século atual, o espaço reduzido é visto nas máquinas, nos objetos de uso pessoal e em centenas de objetos eletrônicos, facilitando a tarefa de portá-los. E assim, parece não interessar a realidade das ruas, pois a conexão é facilitada a todos, parecendo que “torna-se possível miniaturizar também o antigo sonho de acesso generalizado, para além dos limites de cada espaço geográfico” (SANT'ANNA, 2001, p. 52).

As mudanças cada vez mais rápidas em relação à conectividade, à integração e à interdependência das esferas da vida, como a tecnológica, cultural, econômica e social, das últimas décadas geraram efeitos significativos na vida cotidiana, o que refletiu no peso do corpo.

A movimentação mais livre de capital, tecnologia, mercadorias e serviços afetou profundamente tanto a nossa alimentação quanto nossos níveis de atividade, criando desequilíbrio subsequentes que nos levaram à epidemia de obesidade. (POPKIN, 2009, p. 88)

Com isso, a obesidade pode ser percebida, interpretada e influenciada por valores socioculturais, variando de uma sociedade para outra, nos diferentes contextos históricos e também entre diferentes grupos sociais. A questão da obesidade tem ficado cada vez mais evidente, principalmente pelos dados percentuais mostrados no Brasil. O Ministério da Saúde apresentou um levantamento, de 2012, da Pesquisa Vigitel⁷⁰ (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico), mostrando que 51% da população brasileira, acima de 18 anos, encontra-se com excesso de peso. Em 2006, este percentual era de 43%. A pesquisa realizada em 2012/2013 apresentou a estimativa de que, no Brasil, 54% dos homens e 48% das mulheres estão acima do peso.

Segundo o Ministério da Saúde (2006), nas duas últimas décadas, ocorreram mudanças quanto à prevalência de sobrepeso e obesidade. Neste sentido, “a obesidade pode ser compreendida como um agravo de caráter multifatorial envolvendo desde questões

⁷⁰ Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/noticia/12926/162/mais-da-metade-da-populacao-brasileira-tem-excesso-de-peso.html>>. Acesso em: 17 out. 2013.

biológicas às históricas, ecológicas, econômicas, sociais, culturais e políticas” (BRASIL, 2006, p. 19). No entanto, acredita-se que uma pequena parcela dos casos de obesidade, na atualidade, esteja relacionada aos fatores genéticos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1998 apud BRASIL, 2006). Assim, esclarece-se que

A obesidade caracteriza-se pelo excesso de peso corporal devido ao acúmulo anormal de gordura. Uma pessoa com IMC entre 25 e 30 é considerada acima do peso. Um IMC acima de 30 é marcador de obesidade. A essa altura, são esperadas consequências sociais e para a saúde. (POPKIN, 2009, p. 88)

Existem diversas maneiras de classificar e diagnosticar a obesidade. A forma mais utilizada atualmente para verificar o excesso de peso é o cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC ou Índice de Quetelet). O IMC é uma medida aproximada da quantidade de gordura corporal. O uso do IMC é prático e simples, e a sua aplicação é recomendada para adultos, sendo o ideal manter-se entre as faixas de 20 a 25. A fórmula utilizada é a seguinte:

$$\text{IMC} = \text{Peso atual (kg)} / \text{altura}^2 (\text{m}^2)$$

Nesse sentido, aumenta a preocupação mundial em relação à propagação desse problema de saúde pública, considerado pela Organização Mundial da Saúde – OMS (2006) – como uma tendência à epidemia global. Sabe-se que a obesidade “envolve uma complexa relação entre corpo-saúde-alimento e sociedade, uma vez que os grupos têm diferentes inserções sociais e concepções diversas sobre estes temas, que variam com a história” (BRASIL, 2006, p. 9). Também, aumenta o preconceito e a discriminação quanto às pessoas em situação de obesidade.

Não há como negar que a obesidade está relacionada “às maneiras de viver e às condições efetivas de vida e saúde de sociedades, classes, grupos e indivíduos que são construções históricas e sociais” (BRASIL, 2006, p. 21). Nesse contexto, detecta-se na população com baixa renda uma preferência por alimentos mais energéticos, que são mais saborosos e baratos e, assim, uma maior relação com o sobrepeso.

O que se percebe é uma determinação social dos padrões corporais ideais e dos que estão fora dos padrões e que são portadores de um estigma social. Dessa forma, homens e mulheres são repetidamente rejeitados em seus grupos (família, trabalho, escola, lazer, entre outros) e privados de desenvolverem muitas atividades em espaços públicos. Isso por não se enquadrarem nos parâmetros corporais aceitáveis socialmente e reconhecidos culturalmente como “normais”. Assim, o uso da expressão “gordo” mostra as inúmeras discriminações

recebidas pelas pessoas que não pertencem aos padrões sociais hegemônicos, o que acarreta em inferiorização e exclusão.

A obesidade é percebida, interpretada e influenciada pelo sistema social. Valores socioeconômicos relacionados ao excesso de peso podem, portanto, variar de uma sociedade para outra, nos diferentes contextos históricos. Neste sentido, a corpulência que, no passado, esteve associada à idéia de saúde, no imaginário coletivo de hoje tem seu significado transformado. (BRASIL, 2006, p. 27)

Assim, o corpo adquiriu conotações, significados e importâncias distintas de acordo com os valores sociais de cada lugar. Por isso, as “formas de sentir, de pensar e de agir dos sujeitos são influenciadas pelas significativas mudanças na qualidade de vida das sociedades” (idem, p. 27). Isso acontece porque as pessoas adquirem novos conhecimentos, que as fazem mudar de opinião, acarretando “transformações no imaginário que estes constroem sobre saúde e representações sociais das doenças” (idem, p. 27).

Nessa conjuntura, considera-se fundamental que as pessoas passem a refletir mais acerca da cultura do corpo e pela incessante busca pela adequação a padrões difundidos pela sociedade. Essa reflexão remete a questões físicas, sociais, culturais, emocionais e psicológicas.

A questão da identidade possibilita compreender a obesidade e a situação do indivíduo obeso num contexto mais amplo, num processo que envolve identificação e categorização no âmbito da sociedade. É preciso clarificar a ideia de que

A percepção da obesidade em homens e mulheres também pode ser distinta: como alguns estudiosos têm observado, a obesidade pode estar associada às idéias de sucesso econômico, força política e condição social, ou ao contrário, um corpo discriminado, sem controle. (BRASIL, 2006, p. 28)

Para Woodward (2013), a identidade é marcada pela diferença. A identificação de alguém está atrelada a uma categoria socialmente determinada para esse sujeito. A categoria “obesidade” carrega consigo uma grande variedade de estereótipos negativos pré-estabelecidos socialmente e que são culturalmente internalizados pelos processos de socialização. A configuração do corpo é a primeira característica a se impor num contexto de interação social, de modo que ele aparece como um importante fator na busca por adequação numa sociedade que propaga ansiedades e padrões estéticos e, conseqüentemente, cria estereótipos identitários negativos com os quais os indivíduos são identificados e categorizados socialmente.

A necessidade de se refletir sobre os corpos dos indivíduos está no fato de todos os acontecimentos sócio-históricos e culturais proporcionados pela pós-modernidade atingirem o

que é particular, que são os próprios corpos dos indivíduos. Assim, o corpo, que é produtor de identidades, torna-se algo que pode ser transformado, estando intimamente relacionado ao consumismo pós-moderno (HALL, 2011).

O corpo, como revelado neste capítulo, traz configurações sócio-históricas e culturais que revelam a postura dos indivíduos nos seus contextos diários. Assim, seus discursos evidenciam suas diferentes visões sobre o que vivem e como se relacionam com os outros e com os saberes dominantes (da mídia e do capital financeiro).

A partir dessa contextualização, têm-se a metodologia e a análise das metáforas conceituais, sendo que a utilização das expressões metafóricas está consequentemente atrelada às interações dos sujeitos nos contextos sócio-históricos e culturais atuais.

3. METODOLOGIA

Esse capítulo apresenta os objetivos, as questões norteadoras e os passos metodológicos adotados para a elaboração da pesquisa, que se sustenta na Teoria da Metáfora Conceptual, perspectiva da LC. A composição deste capítulo apresenta: o objetivo geral, os objetivos específicos e as questões norteadoras; os sujeitos da pesquisa; o processo de construção do *corpus*, da descrição e da análise dos resultados.

3.1. Objetivos e questões norteadoras

A apresentação do objetivo geral, já evidenciada na introdução deste trabalho, é aqui retomada para esclarecimento dos demais objetivos. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o discurso de universitários obesos e não obesos no que se refere ao compartilhamento de expressões metafóricas, e por consequência de metáforas conceptuais sobre corpo, obesidade, dieta, alimentação, saúde e cultura, nos discursos que constroem uma rede de significados sobre as questões corporais e identitárias.

A partir do objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- a) selecionar e categorizar as expressões metafóricas relacionadas aos temas corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde e cultura, presentes no *corpus* de análise;
- b) apresentar as expressões metafóricas encontradas nos discursos de sujeitos obesos e não obesos relacionando-as às metáforas conceptuais;
- c) evidenciar como se dão os mapeamentos de elementos do domínio-fonte para o domínio-alvo nas metáforas conceptuais encontradas;
- d) averiguar, por meio do discurso dos universitários, as marcas identitárias e corpóreas dos sujeitos obesos e não obesos.

Por meio dos objetivos específicos, foram formuladas as seguintes questões norteadoras:

- (I) A partir do discurso de universitários obesos e não obesos, encontrar-se-á um compartilhamento de expressões metafóricas e metáforas conceptuais, de forma a identificar um discurso dominante sobre a corporeidade?
- (II) Serão encontradas divergências e/ou convergências entre os discursos apresentados pelos sujeitos entrevistados ao analisar a utilização das expressões metafóricas e respectivas metáforas conceptuais?

(III) Será possível, com o estudo das metáforas, evidenciar uma rede de significados oriundos do discurso de obesos e não obesos de modo a encontrar marcas identitárias?

Após a apresentação dos objetivos geral e específicos, assim como as questões norteadoras do trabalho, cabe apresentar a forma de abordagem realizada com os sujeitos para a constituição do *corpus* a partir das entrevistas com os sujeitos. Isso será feito na próxima seção.

3.2. Sujeitos da pesquisa

Com as particularidades da pesquisa anteriormente apresentadas, a natureza deste trabalho é qualitativa, relacionando as compreensões e classificações dos dados coletados para proporcionar uma apreensão mais aprofundada das análises. Esclarece-se que a metodologia abordará um *corpus* baseado em uso, ou seja, os dados coletados em entrevistas envolvem situações reais de uso.

A presente pesquisa foi desenvolvida na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul - Brasil. Contou com a participação de vinte estudantes universitários do curso de Direito⁷¹ da Universidade Católica de Pelotas, com idade compreendida entre 20 e 30 anos, de ambos os sexos, igualmente divididos. A escolha desta faixa etária baseou-se na hipótese de que esta compreenda o maior número de acadêmicos em comparação com outras faixas etárias.

Após a autorização da coordenação do curso, a pesquisadora fez a seleção dos acadêmicos que se tornaram sujeitos da pesquisa. O contato inicial deu-se da seguinte maneira: a pesquisadora visitou as vinte turmas do curso de Direito, com a autorização do coordenador (em data e horário previamente combinados), explicando a pesquisa e distribuindo uma ficha de identificação⁷² para a coleta de alguns dados. Nesta ficha, foram preenchidos dados como: nome, idade, peso, altura, contato, além de um questionamento relacionado ao tema da pesquisa. Nessa ocasião, os acadêmicos manifestaram, através do preenchimento da ficha, seu interesse em participar da pesquisa. Ressalta-se que muitos acadêmicos não preencheram a ficha, fato que pode estar relacionado às piadas e às brincadeiras maldosas feitas entre os próprios estudantes na frente da pesquisadora.

Salienta-se que, ao explicar à turma o objeto de estudo, a pesquisadora explicou também a necessidade de fornecimento de dados como peso e altura para o cálculo do IMC,

⁷¹ Escolheu-se o curso de Direito devido ao grande número de alunos que o mesmo possui, o que facilitou a coleta dos dados.

⁷² Apêndice A – Modelo de Ficha de identificação

que foi feito em etapa posterior, podendo o sujeito ser categorizado como obeso ou não obeso de acordo com o resultado obtido. Todos esses aspectos foram detalhadamente explicados aos acadêmicos. Destaca-se, ainda, que o questionamento que consta na ficha teve por objetivo verificar se o acadêmico compreendeu, em linhas gerais, do que a pesquisa tratava. Por isso, estes dados não foram utilizados nesta pesquisa.

Desta maneira, a partir da anuência dos acadêmicos, expressada na ficha citada anteriormente, foi possível calcular o Índice de Massa Corporal (IMC) dos universitários, determinando, desta forma, a quantidade de acadêmicos obesos e não obesos que se dispunham a participar da pesquisa. Como resultado desses cálculos, obteve-se 10 sujeitos obesos (5 homens e 5 mulheres) e 312 sujeitos não obesos (128 homens e 184 mulheres). Acredita-se que o tema abordado pela pesquisa interferiu na aceitação e na participação de estudantes que estavam acima do peso, isto pode estar relacionado à reação de alguns acadêmicos que caçoaram e riram de alguns colegas de turma. Como, comparativamente, a quantidade de obesos foi significativamente menor que a de não obesos, optou-se por formar grupos com o mesmo número de informantes e fazer um sorteio dos sujeitos não obesos que foram selecionados e contactados. As entrevistas foram agendadas com cada sujeito de acordo com sua disponibilidade de data e horário.

3.3. Constituição do *corpus* da pesquisa, descrição e análise

A coleta dos dados que constituiu o *corpus* da pesquisa foi efetivada através da entrevista estruturada individual⁷³ aplicada e realizada na pesquisa “O discurso de universitários sobre a obesidade na perspectiva da Semântica de Frames” (parecer nº 625.040, relatado e aprovado em 24/04/2014)⁷⁴. No dia da entrevista, explicou-se ao entrevistado a pesquisa, quando também foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁷⁶, ficando uma cópia com o entrevistado e outra, com a pesquisadora. A entrevista individual contou com vinte questões com estruturas mais amplas e gerais, de modo a permitir que os informantes discorressem sobre temas que envolviam não só a questão do corpo e da

⁷³ Apêndice C – Entrevista do projeto.

⁷⁴ Como a presente pesquisa pretende utilizar dados coletados e transcritos para a pesquisa supracitada, a metodologia apresentada foi planejada justamente considerando essa particularidade – Parecer disponibilizado no Anexo A.

⁷⁵ No Anexo B, apresenta-se o parecer referente ao projeto “Metáforas sobre corpo e obesidade”, que permitiu que se utilizassem os dados da pesquisa anteriormente citada.

⁷⁶ Apêndice B – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

obesidade como também visões midiáticas, sociais e hábitos alimentares. O que se buscava com essa proposta era um melhor acesso e compreensão dos usos e construções linguísticas produzidas pelos estudantes, de maneira a constituir um maior número de expressões metafóricas e, conseqüentemente, de metáforas conceptuais.

Como, para a Teoria da Metáfora Conceptual, a linguagem é essencialmente metafórica, torna-se inviável analisar todas as expressões metafóricas. Desta forma, optou-se por uma observação minuciosa das expressões metafóricas que envolvessem questões corporais sobre o corpo magro e obeso, como também, as ligadas à dieta, à alimentação, à saúde e à cultura. Ainda, foram verificadas apenas as construções declarativas, desconsiderando-se as orações negativas, visto que estas implicariam em um tratamento específico e diferenciado à análise dos dados. As orações declarativas permitiram uma maior caracterização dos mesmos .

A partir do *corpus* das entrevistas transcritas, os dados foram submetidos a uma análise com base no modelo teórico da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980/1999). Para iniciar a seleção e categorização, fez-se uma leitura atenta dos dados para compreender os significados das sequências linguísticas, focando nas metáforas conceptuais, que são automáticas, e seus significados são não literais. Os três estágios de processamento que guiaram o entendimento dos significados não literais foram: “(1) derivar o significado literal do enunciado; (2) avaliar a interpretabilidade desse significado no contexto enunciado; (3) se o significado literal não fez sentido no contexto, em seguida, procurar um sentido não literal que fez.”⁷⁷ (GLUCKSBERG, 2008, p. 67-68).

Contudo, a questão da literalidade das palavras, percebida por meio do dicionário⁷⁸, permite que se compreenda a abstração do uso das palavras que têm seus significados entendidos somente em contexto de comunicação. Como o uso da metáfora não é opcional, estando esta arraigada à cognição e ao corpo dos falantes, revela-se sua utilização convencional e inconsciente, consentindo a captação e categorização de seus sentidos.

A partir da classificação das metáforas conceptuais, buscou-se explicar os significados atribuídos a cada uma delas. A etapa seguinte consistiu na identificação das expressões metafóricas relacionadas aos temas corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde e cultura para, na sequência, evidenciar seus mapeamentos. Para clarificar a compreensão da utilização

⁷⁷ 1. Derive the literal meaning of the utterance. 2. Assess the interpretability of that meaning in the utterance context. 3. If the literal meaning does not make sense in context, then search for a nonliteral meaning that does.

⁷⁸ O dicionário Michaelis online foi utilizado para a análise das palavras. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

das metáforas conceptuais, foram feitos mapeamentos entre os domínios-fonte e domínios-alvo, expondo seus atributos principais na constituição de sua significação.

Esse mapeamento dá-se de forma unidirecional, de maneira que o domínio-fonte projeta o sentido em direção ao domínio-alvo, sendo o primeiro, de origem mais concreta e o segundo, mais abstrata. Desta maneira, os mapeamentos “podem ser determinados por meio das fórmulas A é B ou A como B, onde A e B indicam diferentes domínios conceptuais.”⁷⁹ (KÖVECSSES, 2010, p. 324). Esse entendimento permite que se faça uma melhor apreensão do *corpus* selecionado e analisado. Essa análise foi inspirada no trabalho de Kövecses (2010).

Os mapeamentos, apresentados em forma de quadros, permitiram que se categorizasse as metáforas conceptuais por blocos temáticos, como corpo, magro e obeso, dieta e alimentação, saúde e cultura, para depois classificá-las em estruturais, ontológicas e orientacionais.

Cabe salientar que as metáforas primárias estão contidas nas estruturais, as de personificação estão presentes nas ontológicas, e as complexas são a união das primárias relacionadas à cultura. Para esta análise, são utilizadas apenas as três categorias principais de metáfora conceptual – estrutural, ontológica e orientacional – apresentadas pela Teoria da Metáfora Conceptual, formulação originária de Lakoff e Johnson (1980). A temática das metáforas permitiu a verificação dessas categorias nos dados. Contudo, nem todos os blocos temáticos contam com a presença das mesmas. A configuração das metáforas e seus respectivos mapeamentos possibilitou que se averiguasse as marcas identitárias presentes nos discursos dos universitários, de maneira a refletir um modo de vivência corpórea e sócio-histórica e cultural.

Os pressupostos teóricos que nortearam a presente pesquisa foram utilizados durante todo o percurso de análise de dados, visto que o discurso do sujeito é constituído pelos conhecimentos adquiridos e atrelados às composições corpóreas e sócio-históricas e culturais. Com a devida exposição dos pressupostos metodológicos que norteiam esta pesquisa, passa-se à apresentação da descrição e análise do *corpus* a partir da identificação e categorização das metáforas conceptuais sobre corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde e cultura. Estas, ainda, poderão exibir subdivisões que revelam a sua constituição – estrutural, ontológica ou orientacional.

⁷⁹ [...] can be given by means of the formula A is B or A as B, where A and B indicate different conceptual domains.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo versa sobre a aplicabilidade da Teoria da Metáfora Conceptual a partir da apreciação do *corpus* obtido através de entrevistas realizadas com universitários, de maneira a apresentar a descrição e análise dos dados. Os subcapítulos 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4 revelam as especificidades das metáforas conceptuais sobre o corpo, o magro e o obeso, a dieta e a alimentação, a saúde e a cultura, evidenciando e caracterizando as metáforas conceptuais estruturais, ontológicas e orientacionais, a partir das expressões metafóricas que constituem cada bloco temático. Além disso, o último subcapítulo trata do discurso dos sujeitos, revelando suas marcas identitárias por meio das constituições sócio-históricas e culturais reveladas através das expressões metafóricas.

Conforme referido no Capítulo 3, para a constituição do *corpus* utilizou-se uma entrevista individual. Por meio da leitura minuciosa dos dados, foram categorizadas as metáforas conceptuais através das expressões metafóricas apresentadas pelos informantes. Esta análise é de base qualitativa e, como já salientado, inspira-se na abordagem de Kövecses (2010). As questões de literalidade e de não literalidade foram avaliadas frente às sequências linguísticas encontradas, de maneira que os mapeamentos possibilitaram uma melhor compreensão e visão da constituição do discurso dos informantes quanto ao tema proposto neste trabalho, que é analisar as questões corporais e identitárias através do uso das metáforas conceptuais. Os blocos temáticos dão uma visão mais objetiva do *corpus* analisado. A partir disso, parte-se para as análises dos dados.

4.1. Metáforas Conceptuais sobre corpo

As Metáforas Conceptuais sobre corpo são contextualizadas a partir das evidências de que o corpo tem um papel importante na construção do significado e da compreensão, isto porque a obtenção do conhecimento de mundo – enciclopédico – acontece por meio das interações e experiências do sujeito em contextos físicos e sócio-históricos e culturais. Desta forma, os saberes são armazenados nas memórias dos falantes, e a partir de suas inferências corpóreas, constituem o conhecimento, sendo que as vivências individuais e coletivas propiciam uma compreensão do contexto real de uso da linguagem (LAKOFF e JOHNSON, 1980).

As visões sobre a estética corporal são construções criadas culturalmente, e são apresentadas nas falas dos sujeitos. Nesse contexto, a aparência é caracterizada como forma de apresentação em público, de maneira que questões corporais são problematizadas por conceitos pré-estabelecidos pelos paradigmas culturais, por vezes ocasionando tensões entre visões distintas de corpo. Os padrões sócio-históricos e culturais, portanto, podem impor regras e práticas agressivas na busca do corpo perfeito, que pode estar ligado a uma insatisfação permanente de alguns sujeitos em experiências vivenciadas e constituintes de seu conhecimento de mundo.

A busca incessante pelo corpo dito perfeito pode acarretar complicações para a saúde física e/ou psicológica, pois a idealização de um corpo se faz dentro de conceptualizações em que a imagem corporal é fator de agrado do sujeito dentro de sua visão de perfeição corporal. Assim, os sujeitos são caracterizados como dentro ou fora dos padrões estabelecidos pela sociedade e pela mídia, podendo alguns ficar à margem, excluídos, e outros, pelo cuidado com a imagem corporal, regulam sua sociabilidade para permanecer dentro desse sistema (GARCIA, 2005; WOODWARD, 2013).

As Metáforas Conceptuais sobre corpo apresentam questões de padronização da imagem corporal estabelecida pela sociedade atual, de maneira que caracterizam a inclusão e exclusão dos sujeitos através de suas características físicas, na necessidade de normatizar os corpos e compondo a valorização de um determinado tipo de corpo (WOODWARD, 2013). Ainda, essas metáforas tratam das formas físicas dos sujeitos com suas especificidades e sua forma de expressão e veiculação de sentidos sobre a máquina de conhecimento que é o corpo humano, que se estrutura pelas experiências sócio-históricas e culturais.

A partir dessa contextualização, parte-se para as subdivisões das metáforas conceptuais identificadas por meio das expressões metafóricas encontradas no *corpus*.

4.1.1. Metáforas Conceptuais Estruturais sobre corpo

Essas metáforas acontecem quando um conceito é apresentado estruturalmente em termos de outro, e assim, esquematicamente, estabelecem projeções entre o domínio-fonte e o domínio-alvo (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Neste espaço, o domínio-alvo será constituído pela palavra CORPO, apresentando diferentes domínios-fonte para a compreensão dos significados produzidos. Para representar essa relação entre domínios, observe-se o Quadro 2 com os mapeamentos.

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO- FONTE	DOMÍNIO- ALVO	ATRIBUTOS TRANSFERIDOS
CORPO É LUGAR	LUGAR	CORPO	Delimitação espacial, espaço ocupado, posição do corpo.
CORPO É FIGURA	FIGURA	CORPO	Aparência, representação exterior, imagem.
CORPO É COISA	COISA	CORPO	Objeto com limites físicos definidos e identificáveis.
CORPO É RECIPIENTE	RECIPIENTE	CORPO	Objeto que pode receber ou conter algo.
CORPO É SUBSTÂNCIA	SUBSTÂNCIA	CORPO	Matéria ou essência que compõe o corpo humano.
CORPO É GUERRA	GUERRA	CORPO	Luta em que se ganha ou se perde o combate.
CORPO É MOVIMENTO	MOVIMENTO	CORPO	Ação de mover-se, deslocar-se, mudar.
CORPO É AÇÃO	AÇÃO	CORPO	Atividade que envolve energia, seja física ou moral.
CORPO É CONJUNTO	CONJUNTO	CORPO	Grupo de coisas, união.
CORPO É FRONTEIRA	FRONTEIRA	CORPO	Limite identificatório, delimitação de início e fim.

Quadro 2 – Metáforas Conceptuais Estruturais sobre corpo

Pela observação do quadro acima, é possível notar os mapeamentos encontrados, de maneira a se compreender como os sentidos são construídos a partir da conceptualização da palavra corpo. A Metáfora Conceptual CORPO É LUGAR refere-se aos contextos em que há uma delimitação espacial, um espaço físico percebido e compreendido por meio das experiências sociais que projetam no corpo (DA) suas propriedades significativas. Um melhor entendimento é obtido através das seguintes expressões metafóricas, apresentadas a título de exemplo:

- (1) IO3- É no corpo que a gente se *encontra* todos os dias.⁸⁰

⁸⁰ As expressões metafóricas foram grifadas em itálico para facilitar a apreensão e a compreensão do significado.

- (2) IO5- Infelizmente é um *bombardeio* para certo tipo de corpo.

Pode-se observar que o exemplo (1) refere-se ao corpo como ponto, posição de encontro, em que o sujeito identifica-se consigo mesmo por meio dos seus sentidos, permitindo a apreensão da espacialidade corporal. Na sequência linguística (2), percebe o corpo como um espaço “bombardeado”, atingido por algo, um espaço físico definido, um “território”, e somente certos tipos de corpos são entendidos assim. Isto evidencia a projeção do DF para o DA.

A metáfora CORPO É FIGURA relaciona-se à imagem corporal, à aparência física ou material e à representação exterior e simbólica refletida no corpo através de um campo delimitado com uma forma. As expressões metafóricas apresentadas como exemplo retratam a caracterização do formato.

- (3) IO5- O corpo é uma *figura* de beleza.
 (4) INO^a17- Eles também podendo, eles ficam *gigantescos* (homens).
 (5) IO^a11- O corpo é simplesmente uma *moldura* e que o principal tá *dentro*.

Estas construções apresentam particularidades do corpo, tanto pela sua qualidade bela, aparência agradável, exemplo (3), quanto pelo seu exagero de tamanho, no enunciado (4). A estrutura (5), ao tratar da “moldura”, expressa o enquadramento do corpo, e este pertence e está “dentro” do contexto sócio-histórico e cultural atual.

CORPO É COISA é uma metáfora que expõe a determinação física, a existência dessa matéria que é corpo (DA), definindo seus limites e identificando-os, ou seja, existe a possibilidade de revelar a composição deste objeto⁸¹ (corpo) que recebe projeções de coisa.

- (6) INO8- É nosso *cartão de visita*, o nosso corpo.
 (7) INO^a19- Eu acho que (corpo) é um *instrumento* que, que a gente tem que utilizar.
 (8) IO^a12- O corpo é um *objeto de desejo*.

Pelas expressões metafóricas apresentadas, verifica-se a delimitação do objeto a ser categorizado, sendo que o DF coisa é representado, nestes exemplos, como “cartão de visita”, como “instrumento” e também “objeto de desejo”. As constituições são distintas, com limites

⁸¹ O objeto, aqui, é visto diferentemente das concepções mais comuns relacionadas ao desejo sexual, mas sim, a delimitação de algo que tem uma forma ou constitui um saber.

físicos bem estabelecidos e relacionados às experiências corpóreas, visto que esse corpo (DA) recebe projeções que o caracterizam como um conteúdo de representação. O “instrumento”, exemplo (7), revela um corpo que pode ser utilizado pelo sujeito em todos os contextos de interação, diferentemente da forma de expressão física verificada no exemplo (6), como “cartão de visita”, aparecendo assim, sua relação com a aparência física. A distinção maior entre essas estruturas linguísticas sobre coisa aparece no enunciado (8), que caracteriza o corpo como “objeto de desejo”, desejo esse que vem do outro e revela o outro, atribuindo, assim, uma constituição mais abstrata.

A metáfora conceptual CORPO É RECIPIENTE refere-se a um objeto ou entidade que pode receber ou conter qualquer coisa, sendo o continente de algo. Essa metáfora caracteriza uma regularidade da representação de corpo. Observem-se os exemplos.

(9) IO^a12- Corpo deveria ser o *abrigo da alma*.

(10) IO4- A quantidade de coisas que acabamos *colocando pra dentro* do nosso organismo.

(11) IO^a11- Independente das cicatrizes que ele (corpo) *carrega*.

As expressões metafóricas apresentam diferentes maneiras de o corpo ser recipiente, formas que contêm algo. No exemplo (9), o corpo, DA, torna-se “abrigo da alma”, ou seja, ele pode abarcar todo o lado espiritual da pessoa. Além disso, o CORPO É RECIPIENTE das “cicatrizes” (11), comportando, assim, marcas, sinais e impressões que revelam a imagem dessa constituição física do corpo. No exemplo (10), nota-se o corpo como reservatório de algo, aqui evidenciado pelo recebimento de uma “quantidade de coisas”, ou seja, comidas que são “colocadas pra dentro” do corpo físico.

Os exemplos de CORPO É SUBSTÂNCIA acarretam um entendimento da composição e essência do corpo humano.

(12) IO2- Ter um corpo com uma forma mais *fluidica*.

(13) INO9- Corpo é uma estrutura física *atômica*.

A matéria que compõe esse corpo, que é substância, tem um caráter móvel, com líquido e consistência “fluidica”, exemplo (12), e apresenta uma relação estreita com o átomo, sendo compreendida pelas suas alterações no núcleo, e assim, “estrutura física atômica” (13). Este DF emana uma fluidez para a constituição do DA corpo, o que revela sentido mais volátil.

O conceito de guerra é utilizado em muitos contextos de comunicação, como tratado na fundamentação teórica deste trabalho. No entanto, na apresentação CORPO É GUERRA, a conceptualização é diferente, visto que o espaço de combate ou luta em que se criam estratégias para ganhar algo de um adversário tem como foco o corpo, sendo ele o próprio combatente. Corpo este que pode trazer ganhos e perdas e serve para lutar. Observem-se os exemplos:

(14) IO^a14- É uma *luta* difícil dela conseguir *chega* a esse ponto. (satisfação com o corpo)

(15) INO6- Todo mundo quer a perfeição sem *batalhar* pra *chegar até lá*.

(16) INO^a17- O quanto ela sofre por se *autodetonar*. (pessoa acima do peso)

Nestes dizeres, apresenta-se a luta pela satisfação do corpo (14), ponto este que é complicado de chegar, sendo que a vitória dependerá da forma como se “batalha” (15), pois sem duelar com o corpo, pela perfeição, o resultado é a autodetonação (16). Em relação, especificamente, ao exemplo (16), nota-se que detonar é uma ação que remete a bombas, a explosões e destruição. Aliada ao prefixo *auto-*, pretende demonstrar um “embate” que o sujeito trava consigo mesmo. Essas expressões metafóricas foram categorizadas a partir das falas dos informantes, sendo que algumas compreensões precisaram da percepção de um contexto mais amplo para compor seu significado.

A metáfora CORPO É MOVIMENTO está relacionado ao ato de mover algo, deslocar, mudar, impulso de um ponto ao outro. Esse atributo do DF permite a percepção do corpo em mudança, ligado ao seu formato. As sequências linguísticas evidenciam essa característica.

(17) IO1- (meu corpo) É uma *sanfona*.

(18) IO^a12- Tenho a possibilidade de *voltar* a engordar.

(19) IO4- A população acaba *correndo* sempre *atrás* dessas possibilidades de mudança de estética.

As construções apresentadas versam sobre a ação sofrida pelo corpo, que se altera conforme as atitudes dos sujeitos. O corpo (DA) torna-se instrumento que se expande e encolhe, como uma “sanfona” (17), e esta compreensão se dá pelo fato de o corpo poder engordar e emagrecer. O exemplo (18) evidencia o temor de engordar através do verbo “voltar”, e com isso, o sujeito tenta “correr atrás” (19) de opções que não o façam engordar,

ou seja, que o mantenha dentro de um padrão estético. Para isso, o sujeito se aventura em diferentes intervenções, sejam cirúrgicas ou limitação alimentar, para adquirir essa estética desejada (GARCIA, 2005).

A metáfora conceptual CORPO É AÇÃO tem, em seu DF, um atributo de atividade que envolve uma energia, seja do corpo referente a algum objeto ou uma execução ou um ato físico ou moral. Observem-se os exemplos das construções linguísticas para melhor compreensão.

- (20) INO^a19- Aí acabaram *deformando* o que era bonito, entende?
- (21) IO^a11- As pessoas *se colocam* de uma forma a partir do corpo que elas têm.
- (22) INO^a18- A gente *dá mais ouvido* para o estômago do que para o cérebro.

As expressões metafóricas apresentam a execução de uma ação que se refere à postura corporal. Nesse sentido, o corpo, que é domínio-alvo, pode ser “deformado” (20) pela ação da transformação, seja pelo lado positivo, da beleza, ou negativo, da deformação. Também, pode ser o corpo uma forma de expressão, apresentada no exemplo (21) como “se colocar” no contexto social de interação. A construção (22) remete a uma ação inversa a uma lógica racional de pensar, pois o que se tende a fazer é pensar com o cérebro, mas, dependendo da pessoa, ela prefere suprir a ansiedade, comendo e seguindo a vontade do estômago.

A metáfora conceptual categorizada como estrutural é CORPO É CONJUNTO, que se refere a uma reunião ou grupo de coisas ligadas que compõem uma totalidade ou equipe, aqui reverenciando o conjunto do corpo. O corpo (DA), neste processo, é visto como forma complexa que une os órgãos e características do ser humano apresentadas pelo DF. Percebam-se as sequências apresentadas pelos informantes.

- (23) INO^a17- Faço mal para um *sistema* que me mantém (corpo).
- (24) IO^a14- Eu acho que corpo é o *conjunto*, é o conjunto de tudo, da tua aparência, dos teus músculos, do teu intelecto.

As construções acima se referem à totalidade de um complexo conjunto de órgãos, partes e aspectos que compõem o corpo humano, mas, além disso, sua constituição se faz pela cognição, tão importante para a constituição dos saberes (LANGACKER, 1987) e posturas éticas, morais e intelectuais (LAKOFF e JOHNSON, 1999). Essa configuração é apresentada

na sequência linguística (24), e reduzida no exemplo (23), que remete ao corpo apenas para sua característica de constituição material no mundo.

A última metáfora conceptual, **CORPO É FRONTEIRA**, revela os limites identificadores e delimitadores de início e fim de um determinado espaço físico ou moral. Desta maneira, o corpo torna-se um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem se é, também, relacionando-o às marcas identitárias desse sujeito (WOODWARD, 2013). Os exemplos que seguem revelam algumas especificidades desses limites físicos e sociais.

(25) INO8- Somos nós *exteriorizados* no mundo.

(26) INO^a20- O corpo, acho que influencia muito mais do que teu caráter, talvez teu *interior*.

(27) INO^a16- (corpo) Acho que é *estrutura de identificação* da pessoa.

Os usos das expressões metafóricas “exteriorizados”, “interior” e “estrutura de identificação” revelam as delimitações do corpo que é visto como um espaço físico e social. Este corpo (DA) recebe projeções que trazem inferências sobre as constituições identitárias desse sujeito que se apresenta pela “identificação”, exemplo (27), e pela sua influência no íntimo da pessoa (26), através de uma qualidade de “caráter”, importante nas relações sociais. O exemplo (25) aborda a “exteriorização” desse corpo no mundo, o que pode estar atrelado ao contexto vivencial da pessoa, que remete o exterior ao que o outro vê, seu corpo “exterior”. Percebe-se que cada exemplo traz limites fronteirizos referentes ao corpo, o exemplo (25) trata do corpo como algo exterior no mundo, distintamente, a construção (26) expõe o lado interior da pessoa, seu sentimento, sinalizando uma ligação tênue com a sequência (27), que revela a identificação do sujeito com seu corpo. A seguir, a reflexão é sobre as metáforas conceptuais ontológicas.

4.1.2. Metáfora Conceptual Ontológica sobre corpo

As Metáforas Conceptuais Ontológicas estão atreladas às experiências corporais, sendo a personificação, um de seus atributos. Além disso, elas podem categorizar, quantificar e agrupar objetos e substâncias, visto que sua função é concretizar algo abstrato em termos de entidade (LAKOFF e JOHNSON, 1980). A metáfora encontrada nesse bloco temático é a que segue no Quadro 3.

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO- FONTE	DOMÍNIO- ALVO	ATRIBUTOS TRANSFERIDOS
CORPO É MÁQUINA	MÁQUINA	CORPO	Instrumento que usa força e energia motoras.

Quadro 3 – Metáfora Conceptual Ontológica sobre corpo

Como se sabe da estreita relação da corporeidade com as metáforas conceptuais ontológicas, observa-se uma composição que trata de dar subsídios de máquina ao corpo (DA). A metáfora conceptual CORPO É MÁQUINA refere-se à constituição de um objeto que envolve força motor, instrumento que produz algo através da energia. Esse DF máquina projeta os atributos de ação e energia ao corpo que é o DA. Observem-se as expressões metafóricas a seguir:

- (28) IO^a11- Teu corpo passa a ser uma *máquina* de combater determinadas repressões.
 (29) IO^a11- Corpo é uma *máquina* política, uma *máquina* social, antropológica.
 (30) IO^a14- Estamos numa era que é quase uma *robotização* das pessoas, fisicamente assim.

Essas construções linguísticas tratam o corpo como um instrumento que trabalha para a produção de algo. Os exemplos (28) e (29) utilizam a expressão metafórica “máquina” como aparelho característico do ser humano, de maneira que suas experiências sócio-históricas e culturais vão, por meio do corpo, expressar a energia voltada ao combate das repressões e discutir as posições políticas, sociais e antropológicas reveladas por esse sujeito nos seus contextos de vida. Essa máquina que trabalha em prol do pensamento, apresentada pelos exemplos acima, é distinta na sequência (30), em que o corpo é visto como produto material composto de peças, isto é, “robotizado”, seja pelas atualizações constantes do mundo globalizado ou pelas produções de sujeitos esteticamente parecidos, determinados de modo universal (SANT’ANNA, 2001). A seguir, trata-se de metáforas conceptuais orientacionais sobre corpo.

4.1.3. Metáfora Conceptual Orientacional sobre corpo

As experiências básicas de orientação espacial são compreendidas a partir das vivências corporais e sócio-históricas e culturais dos sujeitos, de maneira que se caracteriza a direção e orientação como objeto físico. Além disso, as metáforas conceptuais orientacionais

estão relacionadas à espacialidade e ao modo como as pessoas reconhecem tal elemento a partir de suas experiências corporais, podendo falar acima/abaixo, dentro/fora, adiante/atrás, profundo/superficial, central/periférico para expressar particularidades de localização e sentido às suas produções de fala (LAKOFF e JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2010). O quadro 4 apresenta uma metáfora conceptual orientacional presente no *corpus*.

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO- FONTE	DOMÍNIO- ALVO	ATRIBUTOS TRANSFERIDOS
CORPO É PARA CIMA	PARA CIMA	CORPO	Orientação positiva, parte mais elevada.

Quadro 4 – Metáfora Conceptual Orientacional sobre corpo

A metáfora conceptual CORPO É PARA CIMA revela um atributo de satisfação com o corpo. Sua base física constitui-se pela representação do corpo como favorável e pelo estado positivo do ser humano. Observem-se os exemplos descritos abaixo.

(31) IO^a11- A população, de uma forma geral, coloca essa questão do corpo em si, *acima* de muitos valores.

(32) IO1- Uma coisa é tu *se sentir bem* por fora e por dentro.

A construção linguística (31) refere-se ao corpo com uma importância elevada, no entanto, a expressão metafórica apresentada trata dos valores que, certas vezes, são deixados de lado, pela relevância dada ao corpo. O exemplo (32) aborda o sentimento confortante de se estar bem consigo mesmo e, por isso, trata-se de questões interiores e exteriores ao corpo, pois este reflete seu estado nos contextos vivenciais.

4.2. Metáforas Conceptuais sobre magro e obeso

A composição dessas metáforas tem estreita relação com os saberes sobre o corpo, além de remeter a detalhes sobre a alimentação. A constituição corporal do sujeito magro e obeso tem distinções observáveis na aparência física. A observação das características físicas é apenas uma delimitação da visão dos sujeitos sobre os outros corpos. Corpos estes que se constituem diariamente na relação própria com o corpo e com o outro, nos mais variados contextos sócio-históricos e culturais. Em distintos momentos, os portes físicos magros são

privilegiados, desde o início do século XX, seja pela caracterização médica do corpo ou pela constituição social (VIGARELLO, 2011).

Pode-se dizer que a estética do corpo magro ou obeso é relativa ao ponto de vista de cada indivíduo que interage em diferentes esferas contextuais. O magro pode sentir-se privilegiado, visto que se tem uma ideia de enquadramento estático que o favorece socialmente, distinguindo-se do obeso, que pode perceber-se não enquadrado em padrões sociais vigentes. Ao relacionarmos este tipo de enquadramento, não se pode deixar de lado o caráter da saúde atrelado aos saberes de um grupo de pessoas que tem sobrepeso, bem como obesos e excessivamente magros, que buscam permanentemente a aceitação de seus corpos estabelecida pelas relações sociais. O *corpus* analisado permitiu a categorização das metáforas conceptuais estruturais e orientacionais devidamente apresentadas abaixo.

4.2.1. Metáforas Conceptuais Estruturais sobre magro e obeso

As metáforas conceptuais estruturais acontecem quando o domínio-fonte fornece uma estrutura de comportamento relativamente rica para o domínio-alvo, o que permite aos falantes compreender os significados das construções linguísticas (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Os mapeamentos estão descritos no Quadro 5.

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO- FONTE	DOMÍNIO- ALVO	ATRIBUTOS TRANSFERIDOS
MAGRO É IDEIA	IDEIA	MAGRO	Representação mental de uma coisa, imagem.
OBESIDADE É GUERRA	GUERRA	OBESIDADE	Luta envolvendo questões sociais e culturais.
OBESO É MOVIMENTO	MOVIMENTO	OBESO	Deslocamento de um corpo.
ENGORDAR É MOVIMENTO	MOVIMENTO	ENGORDAR	Maneira como o sujeito move o corpo.

Quadro 5 – Metáforas Conceptuais Estruturais sobre magro e obeso

As categorizações das metáforas conceptuais partiram das percepções de corpo magro, para depois o corpo obeso, sendo que o fato de engordar está relacionado ao aumento de peso e, conseqüentemente, à obesidade. A metáfora conceptual MAGRO É IDEIA demonstra a representação mental de uma imagem de um corpo magro, muitas vezes difícil de ser

caracterizado. O domínio-fonte auxilia na compreensão de como é esse corpo magro a partir das constituições de natureza física e sócio-histórica e cultural do sujeito. Exemplos são apresentados a título de entendimento.

(33) INO^a16- Ser magro é o *paradigma*.

(34) INO^a19- Acho que magro ou magra é um peso *tranquilo*.

Essas sequências linguísticas revelam a caracterização do corpo magro que pode ser percebido como um “paradigma”, ou seja, é um padrão ou protótipo de corpo, revelado pelo exemplo (33), ou como uma pessoa que tem um peso certo, seguro e “tranquilo”, em relação ao qual não precise se preocupar, exposto na sequência (34).

A questão da obesidade é tratada na metáfora conceptual OBESIDADE É GUERRA, em que se revelam os aspectos problemáticos do sobrepeso nas questões sociais e culturais. As construções linguísticas referentes à metáfora desse bloco temático apresentam-se abaixo.

(35) IO3- Ser obeso é uma pessoa que *enfrenta* problemas na sociedade.

(36) INO8- A primeira informação que vem (da mídia) é uma *luta* pra se evitar isso.

Percebe-se, pelos exemplos apresentados, a dificuldade enfrentada pelo obeso nos contextos de vida diária. Neste sentido, a pessoa com obesidade necessita de forças para “enfrentar” (35) esse problema revelado pela sociedade, que pode também ser atribuído a ela mesma, quando impõe a si certos padrões corporais (SANT’ANNA, 2001). A construção (36) remete a uma “luta” que se deve estar preparado para vencer, pois o adversário – alimentação exagerada, sedentarismo, sociedade – estão presentes diariamente nas experiências corporais das pessoas.

O contexto problemático do obeso também é referenciado na metáfora conceptual OBESO É MOVIMENTO, mostrando o deslocamento de um corpo, aqui, o obeso. Desta forma, o DF movimento projeta atributos que permitem a compreensão dessa especificidade ao relacionar-se com o obeso, que é o DA. Os exemplos que seguem ajudam nesse entendimento.

(37) INO8- Quando a pessoa já *passa* do sobrepeso, já *está além*.

(38) INO^a20- Obesidade era quando *atingia* uma coisa de doença.

As expressões metafóricas apresentadas mencionam as características das pessoas que estão acima do peso, algumas classificadas como obesas, caso o cálculo de IMC seja maior que 30. No exemplo (37), o informante, ao dizer que “passar” do sobrepeso é “estar além”, propaga a ideia de que o obeso está além do limite de peso aceitável para o seu corpo. Isto também é mencionado no exemplo (38), ao se usar a expressão metafórica “atingia”, que aborda a obesidade como uma doença.

A última metáfora conceptual estrutural encontrada no *corpus* é ENGORDAR É MOVIMENTO, que claramente está relacionada à maneira como o sujeito move seu corpo, não só com intuito de mexer-se e deslocar-se de lugar, mas trata-se aqui do movimento da gordura pertencente ao corpo da pessoa que está acima do peso. Abaixo, as expressões metafóricas são expostas para melhor compreensão.

(39) IO^a14- Eu me preocupei mais quando eu engordei, dei um *salto* de cinco quilos.

(40) INO7- Eu me senti bem, porque eu *dei* uma engordada.

A questão de engordar é algo que preocupa muitas pessoas, visto que a sociedade e a mídia veiculam certos padrões a serem seguidos, remetendo a um conceito de que o aumento de peso pode acarretar problemas de saúde futuros. As sequências linguísticas revelam o movimento, ou seja, a mudança corporal ocorrida pelo acréscimo de gordura no corpo, nesse contexto, exposta negativamente pelo aumento de peso através da expressão “dei um salto”, exemplo (39), e positivamente em “dei uma engordada”, item (40). A seguinte seção versa sobre as metáforas conceptuais orientacionais.

4.2.2. Metáforas Conceptuais Orientacionais sobre magro e obeso

As metáforas conceptuais orientacionais estão estreitamente ligadas às experiências corporais e ambientais dos sujeitos nos contextos de interação. O Quadro 6 apresenta os mapeamentos para delimitação das metáforas conceptuais e expressões metafóricas analisadas.

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO- FONTE	DOMÍNIO- ALVO	ATRIBUTOS TRANSFERIDOS
PESO É SUBSTÂNCIA	SUBSTÂNCIA	PESO	Medida que delimita os seres no mundo.
PADRÃO É RECIPIENTE	RECIPIENTE	PADRÃO	Valores que podem ser contidos ou não.

Quadro 6 – Metáforas Conceptuais Orientacionais sobre magro e obeso

Essas metáforas conceptuais permitem que se conceituam categorias como recipientes, e também, sistematizar algumas categorias dentro de outras (LAKOFF e JOHNSON, 1999). Neste tópico serão tratadas questões de espacialidade como acima/abaixo e dentro/fora. A metáfora conceptual PESO É SUBSTÂNCIA é definida como medida que delimita, pelo peso dos seres humanos, uma regularidade. Com isso, ela trata o padrão de objeto, que é o peso do corpo, como uma circunscrição espacial que permite que se esteja abaixo ou acima nessa simetria corporal. Os exemplos exibidos abaixo remetem a essa delimitação.

(41) IO^a14- (Obeso) É estar *acima* do peso normal.

(42) INO^a20- Ninguém pode estar *acima* do peso que a mídia vai lá e *cai em cima* da pessoa porque ela está gorda.

(43) INO6- Quando se fala em corpo, todo mundo vai imagina um corpo *abaixo do peso*.

Ao observar os exemplos, percebe-se uma distinção do corpo a partir do peso que é comportado por ele. As sequências linguísticas (41) e (42) apresentam a delimitação espacial “acima”, visto que tratam do corpo de uma pessoa obesa, e esta reflete, na imagem corporal, o peso que é superior ao que se espera de um indivíduo dentro de um contexto físico e social considerado saudável. O item (43) trata da imagem que se tem de um corpo quando se aborda a temática da estrutura física de uma pessoa e, por isso, o que se cria é uma figura que está “abaixo do peso”. Considerando o sentido literal da expressão metafórica (43), poderia retratar ao corpo de alguém extremamente magro, pois seu peso está abaixo do regular.

A metáfora conceptual PADRÃO É RECIPIENTE constitui-se através da apresentação dos valores que podem ser contidos ou não dentro desse recipiente que é a sociedade. O padrão é delimitado pela sociedade e pelos veículos midiáticos, fazendo com que magros e obesos sejam alvo das determinações de imagem corporal regular e prototípica

(GARCIA, 2005). Notam-se as expressões metafóricas que clarificam a explicação apresentada.

(44) IO3- Magro ou magra, é tu estar *dentro do padrão* da sociedade.

(45) INO^a18- Eu acho que ser magro é estar *dentro do teu peso ideal*.

(46) INO^a19- Uma pessoa obesa, pra mim, é que tem *tudo fora do lugar* assim, maior de medida.

Ao verificar os exemplos da metáfora conceptual PADRÃO É RECIPIENTE, percebe-se a orientação espacial, de maneira que ou se está “dentro” do padrão e do peso ideal ou se tem tudo “fora do lugar”. A construção linguística (44) evidencia o magro como “dentro do padrão”, o que significa que ele é um exemplar prototípico do padrão abordado pela sociedade, e ainda, ele está “dentro do peso ideal”, tornando-se um exemplar prototípico dos veículos midiáticos, mostrado no item (45). O exemplo (46) trata da pessoa obesa e, assim, sinaliza a constituição sócio-histórica e cultural da pessoa acima do peso, com “tudo fora do lugar”. As delimitações sobre o corpo magro e obeso revelaram sentidos que remetem a um discurso que paira os contextos sócio-históricos e culturais na sociedade. O próximo subcapítulo abordará as metáforas conceptuais sobre dieta e alimentação.

4.3. Metáforas Conceptuais sobre dieta e alimentação

A necessidade de alimentação é inerente ao ser humano, mas a dieta pode ser vista como institucionalizada, relacionando duas vertentes de sua aplicação. Por um lado, tem-se a dieta como promotora de saúde, e de outro lado, como desestabilizadora do estado físico e emocional de sujeito. A alimentação contribui para a constituição corporal do indivíduo, visto que os hábitos de comer referem-se aos contextos socioculturais e econômicos do sujeito (POPKIN, 2009). No entanto, para as pessoas que estão acima do peso, a comida tem o atributo de satisfazer e dar prazer, o que pode acarretar em mudanças corporais. A dieta, também, pode ser relacionada a uma busca incessante do peso alvo, no qual o sujeito percebe-se dentro de padrões estéticos, sem levar em consideração a importância de uma alimentação saudável.

Entretanto, cabe dizer que a dieta, dentro dos conceitos de saúde, pode ser vista como sinônimo de dedicação, pois o sujeito, ao abdicar de comer certos alimentos, devido às necessidades da dieta, percebe-se como detentor do saber instituído, revelando sua

preocupação com o corpo (BRASIL, 2006). O discurso da conservação da boa saúde relaciona-se à obediência a uma dieta que constitui todo um estilo de vida. O sujeito que se percebe fora dos padrões de peso pode reagir negativamente ao processo de restrição alimentar, atribuindo seu insucesso na constituição do corpo desejado aos deslizes alimentares, à demora de resultado físico e à dificuldade de manutenção da dieta. A dieta passa a ter como objetivo alimentar o corpo de forma saudável e, assim, constituir um corpo desejado.

As Metáforas Conceptuais sobre dieta e alimentação encontradas no *corpus* foram identificadas como estruturais e orientacionais, e são abordadas no item seguinte.

4.3.1. Metáforas Conceptuais Estruturais sobre dieta e alimentação

As Metáforas Conceptuais Estruturais têm a função cognitiva de permitir aos falantes compreender um alvo A por meio da estrutura de fonte B (KÖVECSES, 2010). Assim, revela-se a substituição de um conceito em termos de outro. Isso ocorre nos exemplos presentes no Quadro 7.

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO- FONTE	DOMÍNIO- ALVO	ATRIBUTOS TRANSFERIDOS
DIETA É IDEIA	IDEIA	DIETA	Conceito, representação mental de algo, pensamento.
DIETA É ESFORÇO	ESFORÇO	DIETA	Emprego de força ou energia em algo.
COMER É BOM	BOM	COMER	Ação que se gosta de fazer.
COMIDA É VÍCIO	VÍCIO	COMIDA	Defeito que torna algo impróprio.
COMIDA É MOVIMENTO	MOVIMENTO	COMIDA	Mudança no viver pela ação de comer.

Quadro 7 – Metáforas Conceptuais Estruturais sobre dieta e alimentação

As metáforas sobre dieta estão atreladas à ideia e ao esforço de manter a prática de restrição alimentar que, conforme dizem os informantes, pode gerar um resultado pelo trabalho realizado. A metáfora DIETA É IDEIA constitui-se da conceptualização, do plano e da representação mental de algo abstrato ou concreto. Aqui se observa o direcionamento do

DF ideia, que é uma experiência mental do conhecimento do falante, para um domínio mais concreto, revelado pela dieta (DA). As seguintes expressões metafóricas permitem uma melhor compreensão.

(47) IO5- Tu tem o *resto da tua vida*, ela (dieta) vai dar resultado até lá?

(48) INO^a17- Eu já fiz dietas *loucas*.

(49) IO^a14- Essas dietas *restritivas* são até um perigo pra saúde.

A dieta, na literalidade da expressão, é um regime alimentício com um emprego metódico que busca a conservação da saúde. No entanto, o intuito desta análise é buscar, na interpretação da construção linguística, os sentidos simbólicos referentes à dieta. A expressão metafórica “resto da vida”, exemplo (47), refere-se ao período de existência corporal remanescente no mundo, algo que não pode ser associado ao resultado da dieta, pois esta pode durar um tempo delimitado. O exemplo (48) aborda a expressão “louca” ao referir-se à dieta, o que remete a compreensão de uma restrição alimentar excessiva ou uma atitude insensata, sendo que sua argumentação não justifica a insensatez, mas sim a restrição excessiva. A questão da “restrição”, presente no item (49), relaciona-se ao regime alimentar sem orientação ou com privações que podem acarretar problemas para a saúde do indivíduo, por isso a necessidade de salientar sua periculosidade.

A metáfora conceptual DIETA É ESFORÇO trata do emprego de força ou energia para conseguir o resultado de algo. Aqui, busca-se o resultado da dieta que depreende, principalmente, tempo e alimentação regrados. Esse esforço (DF) é revelado pelas inúmeras atribuições e afazeres projetados na dieta (DA), para que esta dê resultados. A título de exemplo, seguem algumas construções linguísticas.

(50) IO1- Dieta é um *trabalho* que tu faz com teu corpo.

(51) INO^a19- Eu me sinto culpada se eu *fujo* da minha rotina alimentar.

Como esforço, a dieta demanda energia física. O exemplo (50) trata claramente a dieta como um “trabalho”, mas não em prol de alguém ou de alguma coisa, mas sim em benefícios do próprio corpo. A sequência linguística seguinte, (51), trata a dieta como “rotina alimentar”, demandando um esforço diário da pessoa para se manter seguindo regras. E, quando ela não consegue preservar sua prática, sente-se responsável pela falha, pela sua “fuga”.

A alimentação é uma necessidade biológica do indivíduo, e assim, o hábito de comer é comum a todos os indivíduos. No entanto, para algumas pessoas, é mais do que um comportamento, é algo que causa prazer. A metáfora conceptual COMER É BOM relaciona-se ao ato de alimentar-se com gosto. Suas especificidades são apresentadas nas seguintes expressões metafóricas:

(52) IO1- Comer é *show de bola*.

(53) IO^a13- Tu comer aquilo é uma sensação de alívio, é um *prazer* na verdade.

As construções presentes no *corpus* de análise manifestam a satisfação do sujeito ao alimentar-se. Esta ação é tratada como “show de bola” na sequência (52), e relacionada a um espetáculo notavelmente positivo. O exemplo (53) retrata o contentamento de poder comer algo que se gosta, refletido pelo vocábulo “prazer”. O mapeamento entre os domínios fonte e alvo permitem compreender a metáfora conceptual através das projeções de elementos característicos da ação de comer.

Com a explicação já revelada sobre o ato de comer, passa-se a concepção de COMIDA É VÍCIO. O domínio-fonte vício fornecerá atributos que facilitam o entendimento do domínio-alvo comida. Desta forma, esse DF representa um defeito que o sujeito pode ter e que torna o alimento algo impróprio. Observem-se as expressões metafóricas pertencentes a essa metáfora conceptual.

(54) IO5- Eu sou *viciado* em doce.

(55) IO5- Como muita *bobagem*.

A comida é o que mantém o ser humano vivo. No entanto, existem alimentos que causam dependência, não no sentido literal da palavra, mas que se tornam viciantes e impróprios, visto que os sujeitos saciam seus desejos por meio deles. O exemplo (54) reflete claramente essa apreensão de sentido, visto que o sujeito-informante diz-se “viciado” em doce, o que também carrega certa relação com a expressão metafórica “bobagem”, apresentada no item (55), já que o sujeito se alimenta de guloseimas oriundas da sua gulodice.

O domínio-alvo dessa metáfora conceptual é o mesmo do exemplo anterior. No entanto, o que dá subsídios para a compreensão de seus significados é o domínio-fonte movimento. Esse movimento está relacionado a uma mudança no viver que pode ser atribuída

ao alimento. A metáfora conceptual COMIDA É MOVIMENTO tem as seguintes expressões metafóricas como exemplares:

- (56) IO4- Aos poucos, tu vai *entrando* num conceito de pra quê tanta comida.
- (57) INO^a19- As pessoas *inventam* umas guloseimas.
- (58) IO^a14- A comida também *acompanhou* essa evolução, se tornando mais rápida.

Ao referir-se à comida como movimento, precisa-se apresentar características que revelem essa constituição. As expressões metafóricas “*entrando*”, “*inventam*” e “*acompanhou*” mostram atributos de movimentação, o que permite à comida trazer uma mudança ao corpo do sujeito. A questão da não necessidade de comer exageradamente é explorada no item (56), que revela a conceptualização de alimento apenas como suprimento do corpo. O exemplo (57) trata dos doces e iguarias criados e que são difíceis de resistir, assim como a sequência (58) revela a evolução da alimentação industrializada, que de maneira prática e rápida, “*acompanha*” as mudanças dessa globalização (GARCIA, 2005). O próximo subcapítulo aborda as metáforas conceptuais sobre saúde.

4.4. Metáfora Conceptual sobre saúde

A questão da saúde é basilar nas discussões culturais do corpo, já que a busca do corpo padronizado é visualizado através das interferências sócio-históricas e culturais que resultam, por vezes, em rupturas consensuais relevantes para a saúde. A saúde é foco de muitos estudos e determinante em contextos médicos, definida como estado de completo bem-estar físico, mental e social, segundo a Organização Mundial de Saúde (MOULIN, 2011).

Como a pesquisa versa sobre as questões de corpo e de obesidade, ressaltam-se suas relações com a saúde. A obesidade é um fator que está relacionado com o distanciamento de um padrão caracterizado como correto, o que possui um conceito voltado ao critério da saúde, pois o sujeito obeso ao tentar ser sadio, muitas vezes, acaba inconscientemente atraído por formas não saudáveis de emagrecimento. Assim, a saúde está envolvida, também nesse caráter transitório da estética corporal, em que o sujeito se percebe de uma forma não aceitável culturalmente (SANT’ANNA, 2001). Logo, o sujeito obeso é fator de preocupação no que tange a saúde e a procura do corpo estruturado culturalmente que deve absorver, acima de tudo, as condições de saúde em lugar do fator estético.

Com essa breve clarificação, parte-se para a caracterização das metáforas conceptuais sobre saúde, classificadas como estruturais e orientacionais.

4.4.1. Metáfora Conceptual Estrutural sobre saúde

As estruturas das construções linguísticas remetem uma sistematicidade que é necessária para que se compreendam as formulações linguísticas produzidas pelos falantes nos seus contextos comunicativos. O Quadro 8 traz um exemplo de Metáfora Conceptual Estrutural ligada à saúde.

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO- FONTE	DOMÍNIO- ALVO	ATRIBUTOS TRANSFERIDOS
SAÚDE É GUERRA	GUERRA	SAÚDE	Disposição do estado do sujeito em combate.

Quadro 8 – Metáfora Conceptual Estrutural sobre saúde.

A metáfora conceptual estrutural é resultante de mapeamentos complexos que licenciam ou motivam as produções de expressões metafóricas. SAÚDE É GUERRA é um exemplo de metáfora formado pelo mapeamento que direciona do DF guerra uma conceptualização e saberes para o DA saúde. A conceptualização apresentada nesta metáfora trata do espaço de combate ou luta em que se constroem estratégias para se adquirir um estado saudável, sendo o corpo o seu adversário. As sequências abaixo permitem um esclarecimento maior da constituição dessa metáfora conceptual.

- (59) IO5- Ela *vai contra* a saúde dela.
- (60) IO5- Eu me preocupo sério mesmo é quando *bate* na saúde.
- (61) IO^a14- Eu acho que se *perdeu* bastante a questão do saudável.

Algumas expressões do vocabulário de guerra constituem uma maneira sistemática de falar como vai contra, bater, ganhar e perder (LAKOFF e JOHNSON, 1980). As construções linguísticas referidas contextualizam uma preocupação com o corpo que se relacionam às questões de guerra, visto que se luta com o próprio corpo para manter um bem-estar físico e psicológico que proporciona uma plena saúde. A expressão metafórica “vai contra”, do exemplo (59), só é compreendida com a leitura de toda a sequência, sendo que ao se opor a

saúde significa prejudicar-se, isso revelaria uma luta interna, em que o sujeito se autopolicia e controla seus impulsos para manter-se saudável. A preocupação com a saúde é evidenciada na construção (60), em que a palavra “bate” está ligada à saúde. O item (61) aborda o aspecto perdido ou vencido pelos padrões socioculturais instituídos, o que se “perdeu” é o indivíduo preocupado com a saúde e ganhou-se uma ansiedade pela conquista de um corpo dentro do padrão estético. Essas indagações já foram discutidas em outros exemplos. Nesse bloco temático, encontraram-se metáforas conceptuais de ordem estrutural, já devidamente explicadas; e a orientacional será esclarecida a seguir.

4.4.2. Metáfora Conceptual Orientacional sobre saúde

As metáforas orientacionais, ligadas às experiências físicas e ambientais através do corpo, são originadas das inferências orientacionais e espaciais que o sujeito adquire ao longo da vida. Os mapeamentos e atributos são originados da coerência e sistematicidade dos conceitos metafóricos de base corporal e sociocultural. O Quadro 9 revela uma metáfora conceptual sobre saúde encontrada nos dados verificados.

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO- FONTE	DOMÍNIO- ALVO	ATRIBUTOS TRANSFERIDOS
SAÚDE ORIENTAÇÃO	É ORIENTAÇÃO	SAÚDE	Ato ou arte de se orientar.

Quadro 9 – Metáfora Conceptual Orientacional sobre saúde.

A questão da espacialidade é importantíssima para que o sujeito consiga se localizar e compreender o que o cerca. Os exemplos a seguir podem ser observados para uma análise mais focada.

(62) IO5- O que deveria *vir na frente* era a saúde.

(63) INO^a19- A saúde *fica* em último lugar.

(64) IO2- *Por trás* da questão da saúde com certeza está a questão econômica.

As construções linguísticas apresentadas versam sobre a importância da saúde na vida das pessoas. Os exemplos (62) e (63) expressam a necessidade de se colocar a saúde em primeiro plano, tendo assim que “vir na frente”. A expressão metafórica “vir na frente” revela

um atributo orientacional direcionado a uma entidade abstrata, a saúde (DA), assim como o verbo “ficar” que evidencia o ponto que precisa ser alterado. A construção linguística (64) ao revelar o uso da expressão “por trás” remete à experiência corpórea atrelada ao discurso produzido, visto que os sentidos humanos permitem essa identificação. Além disso, essa construção demonstra a relação existente entre a saúde e a questão econômica, visto que o comportamento e o cuidado próprios também dependem de seu poder econômico. As metáforas conceptuais sobre cultura serão apresentadas no próximo subcapítulo.

4.5. Metáfora Conceptual sobre cultura

A cultura entrelaça-se a uma imposição de padrões que se relacionam às questões corporais. Cada cultura tem suas próprias formas de classificar o mundo, e essa classificação possibilita que se possa dar sentido ao mundo social e construir significados (WOODWARD, 2013). Esses significados, constituídos através do uso da linguagem, são oriundos das experiências físicas e culturais. Dessa, forma, evidencia-se que as metáforas são culturais e, pela convencionalidade de seu uso, reflete o modo de ver o mundo de um determinado grupo de pessoas em uma cultura (SARDINHA, 2007).

Os contextos interacionais evidenciam pela cultura atual a notável potencialização do olhar sobre o corpo e a ditadura da boa forma (GARCIA, 2005). A ditadura do corpo perfeito ocasiona alterações que podem ser benéficas ou maléficas, dependendo da constituição física e psicológica do sujeito que se deixa, por vezes, influenciar pela superficialidade do assunto estética, baseando-se apenas em uma cultura que favorece uma estrutura corporal pré-definida dentro de determinadas sociedades (SANT’ANNA, 2001).

A partir disso, passa-se a caracterização da metáfora conceptual sobre cultura, classificadas como estruturais.

4.5.1. Metáfora Conceptual Estrutural sobre cultura

As estruturas das construções linguísticas remetem uma sistematicidade que pode ser revelada em uma metáfora conceptual estrutural. Essa substituição de um conceito em termos de outro, é um tanto simples para explicar toda uma contextualização que parte da não literalidade para a confirmação de que existe uma significação convencional e cultural. O exemplo encontrado de metáfora estrutural está no Quadro 10.

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO- FONTE	DOMÍNIO- ALVO	ATRIBUTOS TRANSFERIDOS
CULTURA MOVIMENTO	É MOVIMENTO	CULTURA	Ação de deslocar algo de um ponto a outro.

Quadro 10 – Metáfora Conceptual Estrutural sobre cultura.

As metáforas conceptuais estruturais são as mais comuns na sociedade ocidental. A categoria CULTURA É MOVIMENTO relaciona-se à ação de deslocar algo de um ponto a outro, aqui referido ao pensamento que reflete ideologias e modo de ver e vivenciar o mundo. Essa mudança de viver e pensar dos sujeitos tem relação com o contexto sócio-histórico e cultural que ele está inserido. Observem-se os exemplos a partir das sequências linguísticas.

- (65) INO7- A definição do corpo é *cultural*.
 (66) IO1- A mídia *traz* uma cultura pra nós.
 (67) INO8- A gente vive num *mundo de aparência*.

O exemplo (65) sobre a definição de corpo tem clara relação com a constituição das metáforas conceptuais, visto que são originárias de experiências corporais. A expressão metafórica “cultural” remete a uma compreensão mais ampla de corpo, visto que a cultura é construída por meio da linguagem, só ocorrendo em contextos de interação entre sujeitos. Ressalta-se a sua relação com as metáforas que são incorporadas em seu ambiente cultural (YU, 2008).

Em contexto distinto, apresenta-se a construção linguística (66) que, através do verbo “trazer”, evidencia um deslocamento dos sentidos constituídos pela cultura para os sujeitos, aqui referidos “nós”, em que a mídia é que consolida certos padrões corporais e estéticos (GARCIA, 2005). A sequência (67) revela o contexto sócio-histórico e cultural atual, de maneira a mostrar os valores estabelecidos e instituídos na sociedade sobre a estética do corpo, sendo esse “mundo de aparência” vivenciado de maneira notória na sociedade capitalista. Na sequência, explana-se sobre as marcas identitárias que constituem o sujeito e sua linguagem.

4.6. Sujeitos e Marcas identitárias

Esse capítulo foi criado para comportar as expressões metafóricas que não foram apresentadas nos subcapítulos anteriores ou que, mesmo já tendo sido, são representativas das constituições de identidade dos sujeitos obesos e não obesos representados a partir de seus discursos que emergem do contexto sócio-histórico e cultural em que estão inseridos.

Nesse contexto, o discurso de um sujeito possui marcas identitárias que o posicionam na vida social, de forma que o contexto de produção engloba os sujeitos que participam da interação, lançando dizeres que refletem ideologias e posicionamentos distintos. Para melhor entendimento de como esse sujeito se constitui, algumas construções linguísticas serão apresentadas, relacionando-as aos conceitos já abordados na fundamentação teórica. As apresentações das sequências linguísticas serão organizadas de maneira que os primeiros dados são de informantes obesos (IO), seguidos pelas informantes obesas (IO^a), depois, informantes não obesos (INO), e finalizando, com as informantes não obesas (INO^a).

Abaixo as sequências linguísticas:

- (68) IO1- É uma *questão de vida ou morte* tu ser magro ou gordo.
- (69) IO3- Ser obeso é uma pessoa que *enfrenta* problemas na sociedade.
- (70) IO5- O corpo é uma *figura* de beleza.

- (71) IO^a11- Corpo vai muito *além da pele*, vai muito além de como a gente se enxerga.
- (72) IO^a11- As pessoas se *colocam* de uma forma a partir do corpo que elas têm.
- (73) IO^a15- O obeso, ele sofre muito *em todos os sentidos*, né.

- (74) INO8- É nosso *cartão de visita* o nosso corpo.
- (75) INO8- A gente vive num *mundo de aparência*.
- (76) INO7- Como eu sou muito magro, posso me *desmanchar* (comendo).

- (77) INO^a17- Estou *muito longe* de um corpo perfeito.
- (78) INO^a16- Ser magro é o *paradigma*.
- (79) INO^a19- Eu *entrei* em paranoia.

No primeiro bloco de sequências linguísticas, o qual constitui os informantes obesos, percebem-se as relações conflitivas que permeiam a existência destes sujeitos. As metáforas

conceptuais, antes já analisadas, expressam o fundamental significado do corpo esbelto na cultura ocidental e sua constituição como exemplar de uma existência digna.

Os sujeitos-informantes obesos expõem sua interpelação do paradigma dominante por meio de suas falas e demonstram seu desconforto frente a este, fazendo o uso de expressões que denotam “enfrentar problemas”, tornando esta questão de “vida ou morte” muito além de qualquer capricho capcioso. Sendo o corpo “uma figura de beleza”, possuir um corpo gordo demarca estes informantes como figuras que estão distantes das formas esperadas e aceitas socialmente.

Contudo, as informantes obesas, as quais configuram o segundo bloco de sequências linguísticas, demarcam suas posições identitárias de maneira que procuram se afastar dos valores dominantes ao afirmarem que o “corpo vai muito além da pele” e “as pessoas se colocam de uma forma a partir do corpo que elas têm”. Apesar de estarem conscientes de que o paradigma corporal esbelto e belo configura uma norma, uma vez que o “obeso sofre”, expressa que “as pessoas” e não estas se posicionam a partir do corpo que possuem, afirmando também que um corpo é muito mais do que o visível, a “pele”, o aparente.

O bloco de sequências linguísticas seguinte, terceiro bloco, demarca o posicionamento dos informantes não obesos, e expõe a mesma concepção dos anteriores em relação ao ideal corporal dominante: a importância de uma apresentação considerada harmônica do corpo. Sequências como “a gente vive num *mundo de aparência*” e “nosso *cartão de visita* o nosso corpo” demarcam tal perspectiva de mundo. No entanto, a vantagem deste grupo de informantes é fazerem parte das constituições corporais exaltadas na cultura e tal aparência lhes permite, ao menos para alguns, se “desmancharem” comendo. Nesse sentido, os informantes não obesos têm consciência dos benefícios que suas circunstâncias corporais podem lhes trazer e fazem uso destes.

O último bloco, todavia, constituído por mulheres não obesas, aponta nessas sequências linguísticas que estas informantes, apesar de estarem dentro do padrão normativo, encontram-se insatisfeitas com suas manifestações corporais: “estou *muito longe* de um corpo perfeito” ou “*entrei* em paranoia” denotam tal concepção. Assim, é demarcado linguisticamente, como afirma Brasil (2006), que ideias relativas ao corpo são distintas para mulheres e homens.

Aparentemente, os homens apresentam uma preocupação relacionada ao corpo físico, ao padrão estético revelado e não com a postura pessoal que cada um tem em suas vivências cotidianas e comunicativas. Enquanto que as mulheres expõem um posicionamento que ultrapassa os limites físicos e atravessam os parâmetros pessoais, o que envolve as relações

interpessoais, estando atrelado ao modo que o corpo enuncia e agrega valores socioculturais por meio da linguagem (GARCIA, 2005).

Assim, como já afirmado por Woodward (2013), os sujeitos fazendo parte da sociedade e percebem a existência da norma corporal e buscam lidar com esta por meio da linguagem. O corpo, num mundo linguístico, passa a adquirir um significado muito além do material que lhe confere o centro ou a margem social dependente de suas formas: se estas são avantajadas ou não.

Esse capítulo possibilitou que se reconhece a literalidade, como atributo necessário para perceber os usos mais comuns de certas palavras. No entanto, dá-se grande relevância a não literalidade apresentada pela linguagem metafórica em contextos comunicativos. Sabe-se que as expressões metafóricas e conseqüentemente, as metáforas conceptuais não são opcionais, mas sim, automáticas, convencionais e, por vezes, inconscientes. A partir disso, evidencia-se que a compreensão das metáforas conceptuais permitiu que se entendesse um contexto mais amplo de uso, em que diferentes construções são adquiridas, imaginadas e produzidas.

4.7. Discussões gerais

Esta seção apresentará, em linhas gerais, os resultados encontrados a partir das análises discutidas no capítulo 4 e, que permitiram a compreensão de um amplo número de metáforas conceptuais em diferentes temáticas relacionadas ao corpo e à obesidade. A Teoria da Metáfora Conceptual, abordagem utilizada para análise, dá ênfase aos processos cognitivos gerais, focando nos contextos de uso da linguagem o que explica a escolha de coleta de dados a partir de entrevista. Como o pensamento humano é metafórico, a fala é essencialmente metafórica. Cabe salientar que existe uma linha tênue entre as categorizações das metáforas conceptuais, algo já expressado pelos autores Lakoff e Johnson (1980), idealizadores da teoria.

Os pressupostos teóricos, que ancoraram toda a pesquisa, permitiram que o objetivo geral formulado fosse atingido. O discurso dos universitários obesos e não obesos quanto ao compartilhamento de expressões metafóricas, e por consequência de metáforas conceptuais, sobre corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde e cultura foi minuciosamente apreciado, permitindo que se percebesse a rede de significados gerada sobre as questões corporais e identitárias que são imanentes aos sujeitos-informantes da sociedade atual.

Detectou-se uma maior quantidade de metáforas conceptuais do tipo estrutural, tendo este tipo ocorrido para todos os blocos temáticos, o que não ocorreu com os tipos ontológico e orientacional. Segundo Lakoff e Johnson (1980, p. 152), “novas metáforas são principalmente estruturais”⁸². Com o uso, as metáforas vão se convencionalizando, à medida que se acrescentam a elas outros atributos, características ou elementos, o que as pode conduzir a tornarem-se ontológicas ou orientacionais, daí a postulação da existência de fronteiras tênues entre as categorias. Há que se enfatizar que a própria maneira como os resultados foram apresentados revela a homogeneidade dos discursos. Não houve necessidade de apresentar em separado os dados extraídos das entrevistas de obesos e não obesos, visto que as expressões metafóricas, instanciações das metáforas conceptuais, muitas vezes se repetiram nas falas de ambos os grupos de sujeitos. Da mesma maneira, porém neste caso com algumas divergências, as metáforas conceptuais se repetem nos depoimentos de homens e mulheres.

Essa constatação conduz a dois aspectos importantes: (1) deve-se considerar que a metáfora conceptual, enquanto processo cognitivo, é de uso geral e está na base do pensamento humano e da compreensão que o homem tem do mundo de um modo geral; (2) aliada à corporeidade desse processo, tendo em vista que a cognição se realiza fisicamente, está a cultura (YU, 2008). Como o objeto de estudo relaciona-se a temas ligados ao corpo e à obesidade, é necessário considerar que estas questões estão inseridas em uma sociedade globalizada, na qual determinados valores são conhecidos e reconhecidos por populações de procedências e localizações diversas.

A partir da descrição e análise dos dados referentes às metáforas conceptuais sobre corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde e cultura percebeu-se um maior número de expressões metafóricas categorizadas como estruturais. De maneira a clarificar essa constatação, evidencia-se que foram encontrados os seguintes contingentes das metáforas conceptuais:

- Estruturais – 10 sobre corpo; 4 sobre magro e obeso; 5 sobre dieta e alimentação; 1 sobre saúde; e 1 sobre cultura;
- Ontológicas – 1 sobre corpo;
- Orientacionais – 1 sobre corpo; 2 sobre magro e obeso; e 1 sobre saúde.

⁸² New metaphors are mostly structural.

Com a contabilização dos dados em termos de metáfora, explicita-se que “novas metáforas são principalmente estruturais”⁸³ (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 152), visto que elas vão se transformando de acordo com a sua convencionalização e automatização.

Salienta-se que a categorização das metáforas conceptuais nos três tipos utilizados para a realização da análise tem entre si linhas muito tênues que as distinguem. Por isso, muitas das metáforas que revelavam a substituição de um termo estruturado metaforicamente no lugar de outro foram categorizados como estruturais. Isso porque as metáforas conceptuais ontológicas têm a função de concretizar algo abstrato em termos de entidade, sendo que as experiências de personificação estão dentro dessa categoria. As metáforas conceptuais orientacionais são as oriundas das experiências básicas de orientação espacial, estando relacionadas ao modo como as pessoas reconhecem um elemento a partir de suas experiências corporais, de modo a expressar particularidades de localização e sentido às suas produções de fala (LAKOFF e JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2010).

As metáforas relacionadas à GUERRA, neste trabalho, estão associadas ao corpo, à obesidade e à saúde. Em todos os contextos encontrados, percebe-se uma luta travada com o corpo e a partir dele, no intuito de uma busca que contemple tanto a estética quanto a saúde do corpo. A luta, a partir das construções linguísticas apresentadas, fica evidente quando o sujeito expõe que se depara com o parâmetro corporal exigido pela sociedade, principalmente por meio da mídia, e então tem de partir rumo ao alcance deste padrão (GARCIA, 2005). Inicia-se então um combate contra este corpo que se vê desajustado frente ao social e muitas vezes doente pelas consequências da obesidade.

Ressalta-se a importância de observar a sequência linguística expressa pelo informante obeso, nº 1 “É uma questão de vida ou morte tu ser magro ou gordo.”. A ideia presente nesta construção linguística demarca um padrão social fortemente ligado à aceitação ou possível exclusão do sujeito no que se refere à estética ou à saúde do corpo. Há um paralelismo entre a vida e a morte e o magro e o obeso. Desse modo, seria possível constituir as metáforas conceptuais MAGREZA É VIDA e GORDO/OBESO É MORTE. Levando em consideração a constituição dessas duas possibilidades de metáforas conceptuais, pode-se associar a vida tanto à aceitação social como à boa saúde, assim como a morte pode ser associada à exclusão social do sujeito obeso ou à saúde prejudicada, o que acarretaria o óbito em casos de complicações pelo excesso de peso.

⁸³ New metaphors are mostly structural.

Ao observar as expressões metafóricas utilizadas pelos informantes da pesquisa constatou-se que muitas informações tratavam das experiências individuais e coletivas. Isso pode ser explicado pela abordagem da Teoria da Metáfora Conceptual que percebe a cognição atrelada às condições corporais e socioculturais (YU, 2008). Por isso, essas experiências corporificadas, sócio-históricas e culturais constituem o discurso de obesos e não obesos que refletem seu modo de ver o mundo a partir da abordagem da preocupação com os valores sociais, dos padrões estéticos e de comportamento (WOODWARD, 2013; SANT'ANNA, 2001).

Ainda, pode-se concluir que as expressões metafóricas e conseqüentemente, as metáforas conceptuais permitiram que se encontrassem algumas marcas identitárias nos discursos dos sujeitos entrevistados. Esse discurso revela uma grande preocupação com a imagem corporal e com os valores socioculturais envolvidos nos contextos de interação (GARCIA, 2005; ORY, 2011). O que também abarca a concepção de que alguns sujeitos se sentem à margem, sendo de certa forma, discriminados em alguns contextos de vida. Esta análise também revelou uma maior inquietação dos informantes femininos no que diz respeito à aceitação e estética corporal (WOODWARD, 2013). Essa apresentação dos resultados obtidos a partir das análises realizadas permite que se passe para as considerações finais desse trabalho, capítulo que segue.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para a presente pesquisa partiu do interesse em desvelar o discurso sobre corpo e obesidade, sob a ótica da cognição. Mais especificamente, buscou-se na identificação e análise do compartilhamento de expressões metafóricas e, por consequência, de metáforas conceptuais, uma melhor compreensão sobre as redes de significados relativas às questões corporais e identitárias. Como objetivos específicos, determinou-se: (a) selecionar e categorizar as expressões metafóricas relacionadas aos temas corpo, magro, obeso, dieta, alimentação, saúde e cultura, presentes no *corpus* de análise; (b) apresentar as expressões metafóricas encontradas nos discursos de sujeitos obesos e não obesos relacionando-as às metáforas conceptuais; (c) evidenciar como se dão os mapeamentos de elementos do domínio-fonte para o domínio-alvo nas metáforas conceptuais encontradas; (d) averiguar, por meio do discurso dos universitários, as marcas identitárias e corpóreas dos sujeitos obesos e não obesos.

Para atingir esses objetivos, foram fixados alguns procedimentos. Após a realização de uma revisão bibliográfica dos temas pertinentes ao objeto de estudo, passou-se à elaboração do instrumento de coleta de dados, à busca pelos sujeitos de pesquisa e à coleta propriamente dita. Em seguida, as entrevistas foram transcritas e as expressões metafóricas identificadas. A etapa seguinte consistiu na identificação das metáforas conceptuais correspondentes às expressões metafóricas encontradas, o que permitiu a categorização dessas metáforas segundo sua natureza. Elencadas e explicitadas as metáforas conceptuais, passou-se à discussão dos dados, estabelecendo relações entre os postulados da Linguística Cognitiva, as especificidades da Teoria da Metáfora Conceptual e as considerações advindas dos estudos identitários.

Em síntese, este foi o caminho percorrido. Os resultados foram, resumidamente, os seguintes: (i) as metáforas conceptuais estruturais, ontológicas e orientacionais apresentam fronteiras tênues entre as categorias; (ii) o discurso apresentado pelos sujeitos remete a uma homogeneidade de expressões metafóricas; (iii) há uma maior ocorrência de metáforas conceptuais estruturais; (iv) existe uma preocupação com os valores socioculturais, os padrões estéticos e de comportamento revelada pelas sequências linguísticas; (v) as metáforas, ligadas às experiências corporificadas e socioculturais, revelam traços identitários dos sujeitos.

A análise e discussão dos resultados permitiram responder às questões norteadoras. Primeiramente, questionou-se sobre o compartilhamento de expressões metafóricas e das respectivas metáforas conceptuais e, com isso, a existência de um discurso dominante sobre

corporeidade. A resposta para a primeira questão foi afirmativa. Tanto obesos quanto não obesos, tanto homens quanto mulheres, demonstram compartilhar expressões metafóricas e metáforas conceptuais sobre corpo e outras questões envolvidas ao tema obesidade.

Nesse sentido, e respondendo à segunda pergunta, relacionada às divergências e/ou convergências entre os discursos dos sujeitos entrevistados, verificou-se que os discursos convergem no sentido de apresentarem uma constituição com certa homogeneidade de sentidos. De tal forma que as expressões metafóricas produzidas pelos informantes revelaram similaridades atreladas aos contextos linguístico e social que são compartilhados pelas experiências cognitivas dos indivíduos imersos nos modelos culturais em suas relações sociais estabelecidas. Essa concepção reitera o princípio de que as metáforas conceptuais são convencionais, culturais e inconscientes, refletindo ideologias e modos de ver o mundo. Quanto às divergências, os informantes homens revelaram uma preocupação mais voltada à aparência física e estética corporal, enquanto que as informantes mulheres apresentaram uma preocupação com o bem-estar físico, mental e social.

Por fim, indagou-se sobre a possibilidade de encontrar marcas identitárias nesses discursos, o que foi permitido, visto que os sujeitos fazem parte da sociedade, e percebem a existência da norma corporal, esta instituída pelos padrões sócio-históricos e culturais e constituída por meio da linguagem. Essa abordagem relaciona-se as constituições estéticas corporais, neste mundo linguístico que passa a adquirir um significado muito além do material, o que confere aos sujeitos estarem no centro ou à margem social, pois está categorização é dependente das formas corpulentas ou afinadas.

Sob o ponto de vista teórico, o trabalho com dois pilares conceituais – cognição e cultura, permitiu concluir que as metáforas conceptuais, de acesso automático, só dispõem-se assim porque envolvem mecanismos de conceptualização de experiências corporificadas e socioculturais. Isto se deve a uma ativa relação com a experiência corpórea, com as possibilidades e os limites do corpo humano e com o conjunto de experiências físicas que este proporciona. Desta forma, a concepção cognitiva de metáfora conceptual imbricada à cultura permite que o sujeito interaja e entenda o mundo, sendo esses processos socioculturais constituintes das marcas identitárias dos sujeitos. Assim, uma das inovações propostas por esta pesquisa foi uma abordagem integrada de quadros teóricos distintos.

Como ganhos obtidos, destaca-se, em primeiro lugar, o fato de que esta é uma pesquisa que pretendeu, através das metáforas conceptuais e suas instanciações, compreender melhor o discurso, aqui revelado como homogêneo e dominante, sobre corpo e obesidade. Esse resultado é uma implicação da metodologia adotada, na medida em que se optou não

pela análise de um discurso ou de um conjunto de discursos de um mesmo sujeito, mas de discursos de vinte sujeitos.

Esse é, portanto, um estudo que vislumbra um panorama entre os dizeres desses sujeitos. Na base das convergências encontradas, têm-se os dois aspectos fundacionais da perspectiva adotada pela pesquisadora: de um lado, a metáfora como processo cognitivo básico, essencial para a apreensão do mundo e fortemente ancorado em aspectos fisiológicos do corpo humano: seus limites e possibilidades; de outro, todo um aparato cultural, sócio-historicamente construído, que influencia a cognição corporificada. Assim, os discursos desses sujeitos, no que diz respeito às expressões metafóricas, revelam fortemente a influência da cultura sobre o corpo, disciplinando comportamentos e fixando valores.

Nesse contexto, apresenta-se a metáfora conceptual CORPO É MÁQUINA que carrega uma forte carga social, visto que é através do corpo que o sujeito se expressa em todos os contextos de interação possíveis. A energia atribuída ao corpo pode ser relacionada à vida, mas também, e principalmente, à ação que este corpo produz no social, motivo do título desta dissertação: “Corpo é uma máquina social: Metáforas conceptuais no discurso de universitários”. O interesse aqui é entender o corpo como algo que significa e que atribui sentido a tudo que se relaciona, seja no âmbito político, social ou antropológico, deixando suas marcas de identidade nos contextos a que está inserido.

Entretanto, cabe salientar que o estudo não está a salvo de limitações, e ponderar sobre elas pode, inclusive, conduzir a encaminhamentos futuros. Em termos de limitações, considera-se um fator dificultador a grande quantidade de metáforas conceptuais encontradas, o que impossibilitou uma abordagem mais aprofundada de cada uma, especialmente considerando os blocos temáticos selecionados. Além disso, a fluidez das categorias de metáforas conceptuais, reconhecida por Lakoff e Johnson (1980) em seu posfácio na edição de 2003, constituiu, muitas vezes, um obstáculo.

Como encaminhamentos futuros, por consequência, cogita-se o tratamento de uma quantidade menor de dados, de modo a poder explorá-los mais detalhadamente. Além disso, pretende-se, ainda tratando de questões ligadas ao corpo, promover uma aproximação maior entre a abordagem da LC e os estudos de discurso com os estudos culturais.

Para finalizar, este trabalho buscou desenvolver um diálogo entre áreas da Linguística, algo que se mostra proveitoso para aqueles que desejam estudar os fenômenos linguísticos de um modo mais reflexivo, podendo ampliar e aprofundar as questões sobre a linguagem como um todo. Desse modo, unir saberes de diferentes áreas pode ser um atraente caminho para que se compreenda melhor o homem por meio da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco/ Poética*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores; v. 2). Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/aristoteles_etica_a_nicomaco_poetica.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014.
- ARASSE, Daniele. A carne, a graça, o sublime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. Trad. Lúcia M. E. Orth. Vol. I. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 535-620
- ÁVILA, Pe. Fernando Bastos. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fename, Ministério da Educação e Cultura, 1972.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Obesidade*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Cadernos de Atenção Básica, n. 12)
- CAMERON, Lynne. Responding to the risk of terrorism: the contribution of metaphor. *D.E.L.T.A.* n. 26: especial, 2010. p. 587-614.
- CAMERON, Lynne; DEIGNAN, Alice. A emergência da metáfora no discurso. In: SIQUEIRA, Maity (org.) *Linguística Cognitiva*. Cadernos de tradução. n. 25, jul-dez, 2009. p. 143-165
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e Pensamento*. Trad.: Francisco m. Guimarães. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1973.
- CORBIN, Alain. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra*. Trad. João Batista Kreuch; Jaime Clasen. Vol. II. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 7-10
- _____. O encontro dos corpos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra*. Trad. João Batista Kreuch; Jaime Clasen. Vol. II. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 181-266
- COURTINE, Jean Jacques. Introdução. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: As mutações do Olhar: O século XX*. Trad. Ephraim Ferreira. Vol. III. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 7-12
- _____. O espelho da alma. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. Trad. Lúcia M. E. Orth. Vol. I. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 401-410

- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: An introduction*. Hillsdale, NJ and Edinburgh: Lawrence Erlbaum Associates/Edinburgh University Press, 2006.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GARCIA, Wilson. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- GLUCKSBERG, Sam. How Metaphor Create Categories - Quickly. In: Gibbs, R. W. *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 67-83
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2011.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 103-133.
- KÖVECSES, Zoltán. *Metaphors: a practical introduction*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: Ortony, A. *Metaphor and thought*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University press, 1993.
- _____. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press., 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- _____. *Philosophy in the flesh*. Chicago: The University Chicago Press, 1999.
- LANGACKER, R. *Foundation of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- _____. *Foundation of cognitive grammar: Descriptive applications*. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- MATTHEWS-GRIECO, Sara F. Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. Trad. Lúcia M. E. Orth. Vol. I. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 217-301
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. V. II. São Paulo: Edusp, 1974.
- MAZZAROTTO, Luiz Fernando. *Nova Redação Gramática & Literatura: aprenda a elaborar textos claros, objetivos e eficientes*. 2. ed. São Paulo: DCI, 2009.

- MICHAELIS, Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1998-2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 20 nov. 2014.
- MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: As mutações do Olhar: O século XX*. Trad. Ephraim Ferreira. Vol. III. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 15-82
- ORY, Pascal. O corpo ordinário. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: As mutações do Olhar: O século XX*. Trad. Ephraim Ferreira. Vol. III. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 155-195
- PELLEGRIN, Nicole. Corpo do comum, usos comuns do corpo. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. Trad. Lúcia M. E. Orth. Vol. I. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 131-216
- Pesquisa Vigil.* Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/noticia/12926/162/mais-da-metade-da-populacao-brasileira-tem-excesso-de-peso.html>>. Acesso em: 17 out. 2013.
- POPKIN, Barry M. *O mundo está gordo: modismos, tendências, produtos e políticas eu estão engordando a humanidade*. Trad. Ana Beatriz Rodrigues. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. Trad. Lúcia M. E. Orth. Vol. I. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 441-486
- ROCHA, D., DAHER, M., SANT'ANNA, V. *A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva*. Polifonia, n. 8, 2004.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SARDINHA, Tony Beber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- SILVA, Augusto S. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.
- _____. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (Org.). *Linguagem, cultura e cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. v. I. Coimbra: Almedina, 2004. p. 1-10.

- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: __. (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 73-102.
- TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Massachusetts: Institute of Technology, 2000.
- VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: As mutações do Olhar: O século XX*. Trad. Ephraim Ferreira. Vol. III. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 197-250
- VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. *O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra*. Trad. João Batista Kreuch; Jaime Clasen. Vol. II. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 393-478
- ZERNER, Henri. O olhar dos artistas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra*. Trad. João Batista Kreuch; Jaime Clasen. Vol. II. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 101-139
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 7-72.
- YU, Ning. Metaphors from body and culture. In: Gibbs, R. W. *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 247-261

APÊNDICES

A – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

A pesquisa: “*O discurso de universitários sobre a obesidade na perspectiva da Semântica de Frames*” tem como pesquisadora responsável Ane Cristina Thurow e tratará de assuntos referentes à visão social, cultural e midiática sobre o tema obesidade; imagem do corpo; alimentação; e preconceito. Tem-se como objetivo refletir sobre o discurso de obesos e não obesos no que se refere ao compartilhamento de unidades lexicais, e por consequência de *frames*, nos discursos que constroem uma rede de significados sobre o corpo e a obesidade através de um panorama discursivo que observa o contexto sócio-histórico-cultural dos sujeitos.

Sabendo para que e do que se trata a pesquisa, responda aos dados abaixo:

- Nome completo: _____
- Telefone: _____
- E-mail: _____
- Idade: _____
- Altura: _____
- Peso: _____

Responda ao questionamento:

- Na tua opinião, existem preconceitos em relação ao corpo? Exemplifica:

Tu aceitarias participar desta pesquisa, sabendo que será incluído no grupo de obesos ou não-obesos? () Sim () Não

Caso tu concordes, a pesquisadora poderá entrar em contato para realizar uma entrevista.

Pelotas, _____ de _____ de 2014.

Assinatura

B – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Este é um convite para você participar da pesquisa: “O discurso de universitários sobre a obesidade na perspectiva da Semântica de Frames”, que tem como pesquisadora responsável Ane Cristina Thurow.

Esta pesquisa tem o objetivo de refletir sobre o discurso de obesos e não obesos no que se refere ao compartilhamento de unidades lexicais, e por consequência de *frames*, nos discursos que constroem uma rede de significados sobre o corpo e a obesidade. Sua relevância reside no aprofundamento das reflexões sobre o tema obesidade através de um panorama discursivo que observa o contexto sócio-histórico-cultural dos sujeitos.

A presente pesquisa será desenvolvida na cidade de Pelotas/RS e contará com a participação de estudantes universitários da Universidade Católica de Pelotas. Os sujeitos entrevistados serão os que se encaixam nos requisitos de grupo e apresentam disponibilidade para responder aos questionamentos. Esses sujeitos terão idade compreendida entre 20 e 30 anos, sendo de ambos os sexos igualmente divididos e metade deles pertencerá à classe dos obesos e a outra, aos não obesos de acordo com o Índice de Massa Corporal (IMC). A coleta dos dados que constituirá o *corpus* da pesquisa será obtida através de entrevista estruturada individual com cada sujeito, sendo todas gravadas em mídia digital. Os dados gravados serão transcritos, traduzidos e analisados com base no modelo teórico da Semântica de Frames (FILLMORE, 1987) e posteriormente, guiado para a consulta ao dicionário *FrameNet* americano (RUPPENHOFER *et al.*, 2010). Para se chegar aos resultados, serão contabilizadas as unidades lexicais relacionadas aos *frames*, de acordo com a frequência, explicitada através de percentuais (MARTINS, 2011).

Caso você decida participar, você deverá responder a uma entrevista estruturada sobre o tema abordado anteriormente, além de dizer seus dados referentes à idade, altura e peso para encontrarmos seu IMC. A entrevista realizada será gravada e terá duração estimada de 30 minutos e refere-se a questionamentos sobre visão social, cultural e midiática sobre o tema obesidade; imagem do corpo; alimentação; e preconceito.

Em caso, de dúvidas sobre o estudo, maiores informações poderão ser obtidas com a pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa, Ane Cristina Thurow ou com a orientadora do Projeto, Liliane Prestes Rodrigues – através dos números (53) 9155-2010 ou (53) 8150-1840 (Ane Cristina) e (53) 8134-0709 (Liliane).

Você possui o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Esses dados serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável – Ane Cristina Thurow.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, a importância e o modo como os dados serão coletados nesta pesquisa e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa “O discurso de universitários sobre a obesidade na perspectiva da Semântica de Frames”, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Pelotas, _____ de _____ de 2014.

Assinatura do participante da pesquisa

Declaração da pesquisadora responsável

Como pesquisadora responsável pelo estudo “O discurso de universitários sobre a obesidade na perspectiva da Semântica de Frames”, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

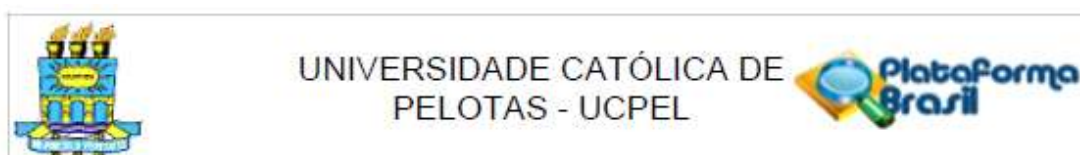
Pelotas, _____ de _____ de 2014.

Assinatura da pesquisadora responsável

C – MODELO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA

1. O tema obesidade tem sido bastante evidenciado pela mídia digital e impressa. Qual é a tua opinião sobre a postura da mídia? Podes dar um exemplo?
2. O que tu acreditas estar envolvido ao assunto obesidade?
3. Como percebes o discurso midiático sobre a estética corporal?
4. Como entendes a visão da população em geral quanto à definição de corpo?
5. Tu acreditas que exista uma preocupação aparente com a forma física? Por quê?
6. Para ti, o corpo pode influenciar o comportamento de uma pessoa em público? Podes exemplificar?
7. Tu reparas na forma física de outras pessoas? Por quê?
8. Tu te preocupas com a forma física? Como e por quê?
9. Como defines a palavra corpo?
10. O que significa ter um corpo perfeito?
11. Como defines o teu corpo?
12. Estás satisfeito com o corpo que tens? Por quê?
13. Tu desejarias mudar alguma parte do teu corpo? Qual e por quê?
14. O que é ser magro (a)?
15. O que é ser obeso (a)?
16. Tu achas importante ter bons hábitos alimentares? Por quê?
17. Como te sentes ao comer doces, bolos e outros alimentos calóricos? Por quê?
18. Tu já te preocupaste com o fato de engordar? Por quê?
19. O que pensas sobre as dietas? Já fizeste alguma dieta? Qual? E como te sentiste?
20. Já vivenciaste algum tipo de preconceito relacionado à forma corporal? De que tipo e como foi?

ANEXO A – PARECER SUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O discurso de universitários sobre a obesidade na perspectiva da Semântica de Frames

Pesquisador: Ane Cristina Thurow

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 25898814.5.0000.5339

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 625.040

Data da Relatoria: 24/04/2014

Apresentação do Projeto:

Retorno do projeto de mestrado na área de Letras sobre como os alunos universitários constroem suas representações sobre corpo e obesidade, considerando alunos obesos e não obesos. Usa como fundamentação teórica a Linguística Cognitiva e a Semântica de Frames. Os dados serão coletados por meio de uma entrevista estruturada com 40 sujeitos, incluindo obesos e não obesos.

Objetivo da Pesquisa:

Refletir sobre o discurso de obesos e não obesos no que se refere ao compartilhamento de unidades lexicais, procurando verificar as convergências e divergências entre um discurso e outro.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos.

Possíveis benefícios: compreensão da constituição sociocultural e identitária dos sujeitos obesos em relação ao corpo e à obesidade, refletindo sobre os temas: visão social, cultural e midiática da obesidade, imagem do corpo, alimentação, obesidade e preconceito.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto faz uma boa revisão da fundamentação teórica, considerando principalmente os aspectos cognitivos dos sujeitos e a semântica de frames, mas também as questões dos processos identitários. Embora pareça ambicioso, a costura entre essas diferentes áreas é possível e

Endereço: Rua Felix da Cunha, 412

Bairro: Centro

CEP: 96.010-000

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)2128-8012

Fax: (53)2128-8298

E-mail: cep@ucpel.tohe.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PELOTAS - UCPEL



Continuação do Parecer: 625.040

provavelmente necessária para que se tenham resultados que possam contribuir para o problema da obesidade. A análise dos dados será feita usando o modelo teórico da Semântica de Frames, com levantamento das unidades lexicais e suas relações com os frames.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

OK

Recomendações:

Não há recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que o cronograma foi alterado e que as recomendações sobre o detalhamento da coleta de dados foram atendidas, considera-se o projeto aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

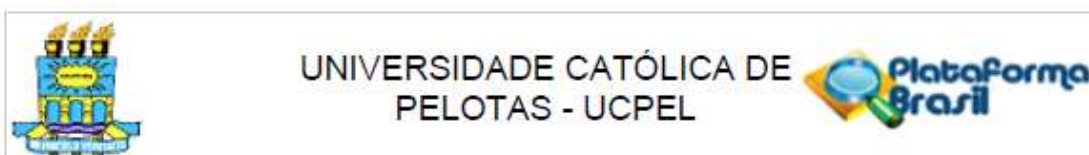
Considerações Finais a critério do CEP:

PELOTAS, 24 de Abril de 2014

Assinador por:
RICARDO AZEVEDO DA SILVA
(Coordenador)

Endereço: Rua Felix da Cunha, 412
Bairro: Centro CEP: 96.010-000
UF: RS Município: PELOTAS
Telefone: (53)2128-8012 Fax: (53)2128-8298 E-mail: cep@ucpel.tche.br

ANEXO B – PARECER SUBSTANCIADO DO CEP


PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: As metáforas no discurso sobre corpo e obesidade

Pesquisador: Ane Cristina Thurow

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 36424314.0.0000.5339

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pelotas - UCPel

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 806.934

Data da Relatoria: 25/09/2014

Apresentação do Projeto:

Levantamento de expressões metafóricas presentes nos dados coletados através de entrevistas individuais e análise mediante a explicação e caracterização das expressões metafóricas, possibilitando revelar as metáforas conceptuais correspondentes.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar o discurso de obesos e não obesos no que se refere ao compartilhamento de expressões metafóricas nos discursos, que constroem uma rede de significados sobre o corpo e a obesidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos. O benefício é a compreensão aprofundada de como, mediante metáforas, os sujeitos representam a obesidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa já tem uma base de dados, colhida pela autora em outra pesquisa aprovada pelo CEP, e a autora solicita apenas autorização para o uso dessa base de dados na nova pesquisa (parecer nº 625.040, relatado e aprovado em 24/04/2014).

Endereço: Rua Felix da Cunha, 412

Bairro: Centro

CEP: 96.010-000

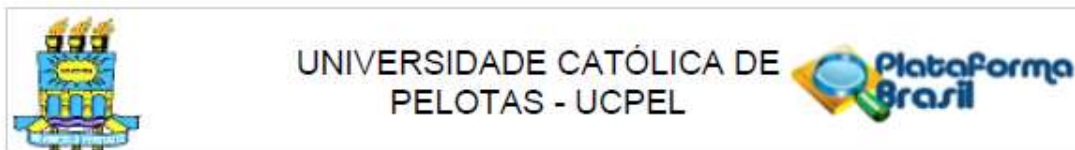
UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)2128-8012

Fax: (53)2128-8298

E-mail: oep@ucpel.tche.br



Continuação do Parecer: 806.934

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Ok.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto pode ser aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PELOTAS, 25 de Setembro de 2014

Assinado por:
Sandro Schreiber de Oliveira
(Coordenador)

Endereço: Rua Felix da Cunha, 412
Bairro: Centro **CEP:** 96.010-000
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)2128-8012 **Fax:** (53)2128-8298 **E-mail:** cep@ucpel.tche.br